

vida mundial

N. 1893 24/6/76
preço 15S00

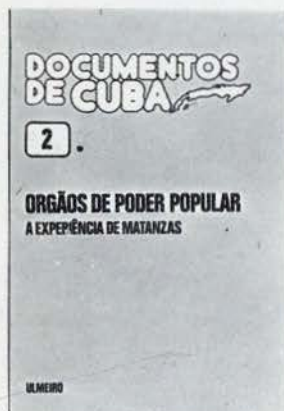
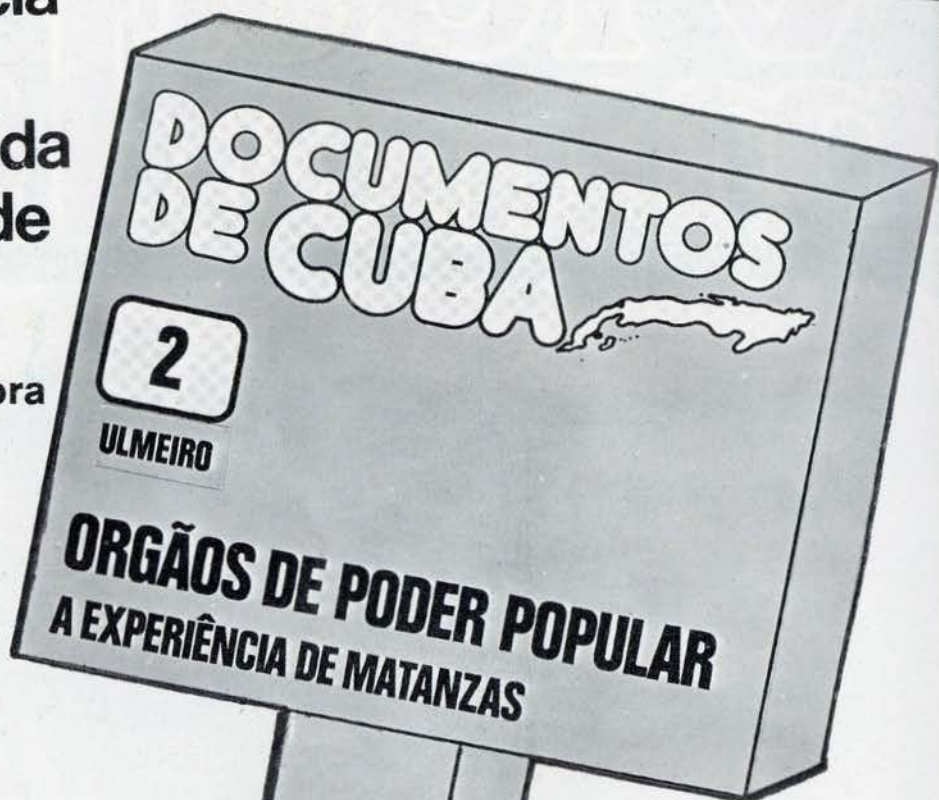
Violência na Campanha



OTELO: RELANÇAMENTO
DO 24 DE NOVEMBRO?

a importância
deste livro
está à medida
desta grande
questão

ULMEIRO — Editora



À VENDA
NAS LIVRARIAS

DISTRIBUIDORA
O SÉCULO

Director:
Natália Correia

Chefe de Redacção:
Paulo Figueira

Subchefe de Redacção:
Carlos Plantier

Secretário de Redacção:
M. Manuela de Sousa Rama

REDACÇÃO:
Afonso Manta, Carlos Pinto Coelho, Dórdio Guimaraes, Feliciano Ferreira, F. Guerra, João de Almeida, José Machado, José N. Fernandes, Tomás Ribas

Fotografia:
Abel Fonseca

Secretariado:
Maria Manuela Andrade

Colaboradores:
A.C. Monteiro, Egídio Álvaro (Artes Plásticas), João Costa (Economia), Jorge Guimaraes (Livros), Philippe de Saint-Robert (Paris), Sérgio Lima (Televisão)

Preço: 15 \$00

Assinaturas:

Via ordinária
Continente e Ilhas - 3 meses: 175\$50, 6 meses: 351\$00, 12 meses: 702\$00; Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Espanha e Brasil - 6 meses: 351\$00, 12 meses: 702\$00; outros países - 6 meses: 455\$00, 12 meses: 910\$00.

Via aérea
12 meses: Ilhas Adjacentes - 764\$00; Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor - 1201\$00; Espanha - 764\$00; Brasil - 1284\$00; países europeus (excepto Espanha) - 1034\$00; outros países - 1493\$00.

Redacção e Administração:
Rua de "O Seculo", 63 - Telef. PBX 36 27 51/5.

Composição e Impressão:
Rua de "O Seculo", 41 - Lisboa-2.

Propriedade:
Sociedade Nacional de Tipografia.

Sai às quintas-feiras.



A coberto de uma candidatura

Por
Natália Correia



E inegável que a candidatura de Otelo é, das quatro, a mais bem conseguida em termos de "marketing", aplicando melhor do que qualquer das outras a técnica que torna o produto mais vendável. Ora o que se pretende vender é Otelo por Pato. Não certamente para chegar a Belém. O alvo da corrida é outro.

Otelo é a grande pedra no caminho da candidatura de Octávio Pato. Esta, por sua vez, não visa ser premiada com a Presidência da República mas o aproveitamento de campanha eleitoral como tempo e espaço para a expansão da tese pécipista da maioria de esquerda. Contudo, o PCP expõe-se a pagar excessivamente caro esta estratégia se se confirmarem os indícios de que em camadas onde este partido mobilizava adesões são estas sensíveis ao toque de caixa do esquerdismo funambulesco de Otelo.

A lógica permite pois conjecturar que o PCP evitará o fiasco de recolher para o seu candidato menor votação do que aquela que gratificará o histrionico líder da chamada unidade popular. E, de acordo com o melhor raciocínio, não veremos Pato ir às finais da corrida para Belém. Entretanto que se conseguiu?

D ESMANTELADAS que foram as forças promotoras do golpe neutralizado a 25 de Novembro, e-las reagrupadas à volta da candidatura de Otelo. Posta de parte a hipótese do malabarístico major solenizar a sua irrequietude criancista na pele de venerando PR, a sua campanha eleitoral é um importantíssimo factor de reorganização das forças militares e civis fracturadas pela contenção do golpe.

Mas não só a coberto da legalidade da candidatura se pretende galvanizar a esquerda revolucionária, relançando o clima que preparou o 25 de Novembro. Outro objectivo emerge dos meandros que atiram Otelo para a liça das eleições presidenciais.

Ficou sobejamente demonstrado aquando da implantação golpista de uma atmosfera irrespirável para o VI Governo, que o PCP foi forçado a socorrer-se dos grupos extremo-esquerdistas para engrossar as manifestações com fúria". Viu-se também no âmago deste concerto de forças esquerdistas explodir a questão da liderança que teve como consequência a desintegração da FUR com notória humilhação do PCP publicamente acusado pelos seus aliados de pretensões hegemónicas.

D ESTA retrospectiva, passemos à característica a que a candidatura de Otelo dá maior saliência. Esta revela-nos o propósito de afirmar, em relação ao PCP, uma superioridade no que respeita a movimentação de massas. Tal é a imagem que se procura impor nas vésperas do estabelecimento de um governo que se adivinha condenado a enfrentar embates com forças laborais que, sob esta aparência, abrigarão desígnios desestabilizadores.

Se, como tudo indica, o PS persistir em não dar corpo à maioria de esquerda nada mais resta ao PCP, como única expressão da sua força, que accionar as massas trabalhadoras no sentido de estas dificultarem a tarefa governativa. Mas a candidatura de Otelo apresenta sinais de que é na área em que ele se move que se produz a grande aglutinação de massas. Deste modo, teremos um PCP "respeitável", recaindo sobre o "robyhoodismo" esquerdista a responsabilidade dos maus dias que nos esperam.



ALFREDO COELHO CUNHA, de 22 anos, iniciou a sua profissão em "O Seculo Ilustrado", em 1972. Colaborou também na "Vida Mundial" e na revista "Mulher". Em 1973, foi galardoado com o prémio Joshua Benoiel, de reportagem fotográfica, instituído aos repórteres fotográficos da Sociedade Nacional de Tipografia.

Esta é a segunda edição do seu livro "Vidas Alheias".

Alfredo Cunha

VIDAS

ALHEIAS

editorial
O SÉCULO

EDITORIAL por Natália Correia 1

ELEIÇÕES

Pinheiro de Azevedo: o coração não aguentou	4
Otelo: a memória de Machado dos Santos	5
Otelo e Eanes	9
O manto diáfano dos votos	10
O que ele disse	11

ENTREVISTA

António Rebelo de Sousa 12

HUMOR

Os surdos	16
O contradicionista	61
Os que riem	60
A la minuta	62

AÇORES

Falam os partidos 18

ESTUDANTES

Mesa-redonda	23
Encontro em Coimbra	63

SEPARATA

Venha o vinho 27

LIVROS

"Refutação da Filosofia Reinante"	39
"O Passado e o Presente"	39
Mazelas do nosso tempo	40
Os dez mais	41

CINEMA

Homenagem a Manuel Guimarães	43
Críticas	45
TV	47

INTERNACIONAL

Pacto de Varsóvia	49
Camboja	54
Rodapé	56
Eleições na Itália	57



A TRÊS DIAS DAS ELEIÇÕES

O ataque cardíaco de Pinheiro de Azevedo, alguns actos de violência contra Eanes e Otelo e a virulência dos ataques verbais, sobretudo dos candidatos militares, trouxeram importantes novidades nos últimos dias da campanha para as eleições, que deverão realizar-se — se tudo correr pelo melhor — dentro de apenas três dias (págs. 4 a 11).

ESTUDANTES CONTRA A MANIPULAÇÃO

Os estudantes portugueses estão fartos da contestação fácil — é o que se conclui de uma mesa-redonda com dirigentes de várias associações estudantis, que publicamos na pág. 23. Para o movimento associativo, está-se na hora da opção, como se pode concluir da cisão verificado no último Encontro Nacional de Direcções Estudantis, que se realizou em Coimbra. Sobre o assunto, publicamos um serviço completo na pág. 63.

separata



VENHA O VINHO

"O vinho — diz-se — dá de comer a um milhão de portugueses." Mas o vinho não é só isto: o enlace do Sol e da vinha é uma das imagens que mais poderosamente traduzem o clima físico e psicológico de Portugal (págs. 27 a 38).

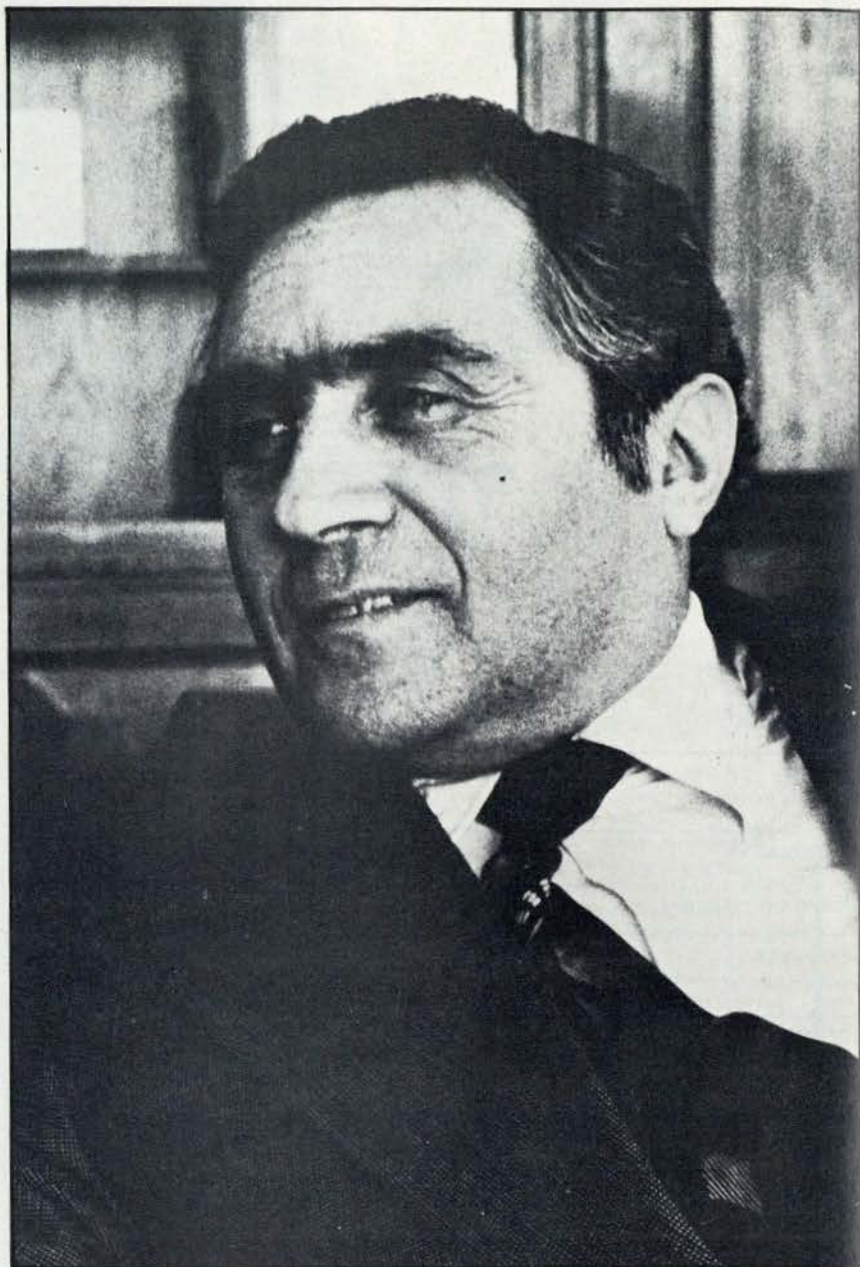
Pinheiro de Azevedo

O CORAÇÃO NÃO AGUENTOU

O ataque cardíaco de Pinheiro de Azevedo, sucedido a quatro escassos dias das eleições, ameaça lançar acontecimentos novos e inesperados nesta importante fase de estabilização e consolidação da democracia portuguesa.

Para a maioria dos eleitores, os contornos de cada um dos candidatos apresentavam-se já com nitidez. No ataque a Eanes, o candidato que mais possibilidades aparentava desde o início da campanha, destacaram-se Otelo e Pinheiro de Azevedo. A luta travada em torno das questões levantadas pelo vice-almirante sobre a figura política de Ramalho Eanes e a actuação do general antes e depois do 25 de Abril revelou-se favorável ao chefe do Estado-Maior do Exército, reforçando a sua posição de favorito na corrida para a Presidência. O repto lançado por Eanes para um frente a frente na televisão deparou com alguns obstáculos levantados precisamente pela candidatura que mais dificilmente poderia sustentar o embate. Pinheiro de Azevedo encontrava-se numa posição muito incómoda.

O reatamento de todo o processo eleitoral e o concomitante anulamento do caminho até agora percorrido é uma possibilidade muito real colocada pelo ataque cardíaco do Primeiro-Ministro.



Para além das forças e sectores que apoiam as candidaturas de Eanes e Otelo, as únicas que apresentam os respectivos campos delimitados com vantagem, são as correntes que se situam nas imediações do PCP, e sobretudo este partido, que poderão tirar maior proveito da circunstância.

O seu campo de manobra tornara-se muito restrito com o autêntico desastre em que se transformou a campanha de Pinheiro de Azevedo. Só o relançar dos dados poderá trazer novas oportunidades a quem se apresentava aos olhos do eleitorado como derrotado à partida.

■ J.M.



Otelo no início da campanha: punhos cerrados e mãos estendidas

A SOMBRA DE MACHADO DOS SANTOS

Quando a campanha eleitoral se abeira do seu termo, as perplexidades suscitadas pela candidatura do major Otelo levantam inquietações. O fantasma de Machado Santos, fundador da I República e contra ela conspirador, vislumbra-se na trajectória política do estratega de Abril.

Otelo e Pinheiro de Azevedo revelaram-se, ao longo da campanha para a Presidência da República, candidatos complementares. O ataque cerrado por eles movido ao general Ramalho Eanes, a interpretação dos seus argumentos, a reivindicação por ambos feita do 25 de Abril (qualidade que negam ao candidato da maioria dos partidos democráticos), a negação de um "consenso militar" em torno ex-CEME, justificam a afirmação que fazemos. Abstendo-se de críticas directas ao "candidato de Portugal" (é

assim que a candidatura do general Eanes se anuncia), Octávio Pato situa-se numa terceira linha, expondo, a partir dela, os grandes objectivos imediatos do pêcêpismo.

A observação deste comportamento mostra que todos eles procedem como se um vencedor estivesse desde início estabelecido — Eanes. Daí a complementaridade das candidaturas como aliança tácita entre homens de oposição. Com inevitáveis contradições entre si, até pelo facto dos opositores serem três.

Pato distingue-se na tráfide oposicionista. É um candidato com programa inequívoco. Identificado pela militância partidária, pelo apoio restrito que recebe. Sabe-se o que representa, de onde vem e para onde vai. Azevedo e Otelo — ainda a complementaridade — beneficiam do equívoco das suas trajectórias e dos programas que consubstanciam. Recolhem nisto as suas vantagens que radicam num processo contraditório, marcado pelas ambiguidades, conhecido na gíria por "processo revolucionário em curso".

DA CONTRADIÇÃO AO ABSURDO

Unamuno reivindicou o direito a contradizer-se. Otelo exemplificou como esse direito (humano, natural e democrático) se pode transformar num absurdo.

Ex-instrutor da Legião Portuguesa, organismo fascista cuja função era combater as amordaçadas forças da democracia e do progresso, tornou-se, depois do 25 de Abril, comandante do COPCON — aparelho que tinha entre as suas missões a da repressão sobre os remanescentes fascistas.

Todavia, no desempenho desse cargo, revelou-se um perseguidor de organizações de trabalhadores e de partidos declaradamente revolucionários. Foram unidades do COPCON que assaltaram e selaram o Sindicato dos Químicos, em Lisboa. Foram forças do COPCON que, em 28 de Maio de 1975, prenderam e espancaram centenas de militantes do MRPP. Dois exemplos apenas.

O mesmo COPCON — que se dizia garante da ordem na nova sociedade democrática — colaborou nos ataques terroristas a manifestações de partidos democráticos, facilitou o assalto e pilhagem da Embaixada de Espanha, em Lisboa, e permitiu a subversão nos quartéis que culminou no 25 de Novembro.

Otelo foi um dos oficiais que organizaram o movimento militar de 25 de Abril de 1974. Ao fazê-lo, assumiu o compromisso de respeitar o sigilo da organização, base de uma unidade pretendida pelos militares revolucionários. Contudo, foi o primeiro a, em declarações públicas, desquitar-se do compromisso assumido — a manifestação temporã de divisionismos no seio do MFA.

Adepto da social-democracia, no Verão de 1974, fez-se, no Verão de 1975, o porta-voz dos ataques à social-democracia. Admirador de Fidel Castro (que muitos políticos da esquerda consideram caixeiro-viajante de Moscovo entre os países do Terceiro-Mundo), afirma-se defensor da “independência nacional”.

Este é o candidato militar que se confessa aprendiz de político. O candidato que arvora Robin dos Bosques em paradigma da sua personalidade. E que, ao declará-lo, confunde a medieva Inglaterra do famoso ladrão e rebelde, símbolo da latente revolta camponesa contra o feudalismo, com o circunstancialismo do equivalente por-

tuguês — as matas da Azambuja e o Zé do Telhado.

A mais gritante das contradições: Otelo Saraiva de Carvalho compromete-se a respeitar e defender a Constituição, ao mesmo tempo que alicerça a sua candidatura nas organizações que mais combateram a Constituinte — UDP, FSP, MES, PRP. E afirma que, se for eleito, entregará a incumbência de formar governo ao líder socialista Mário Soares — o mesmo que a sua base de apoio acoimou de “fascista” e “lacaio do imperialismo”!

PROMESSAS E SILÊNCIOS

Quando se apresentou a possibilidade de Otelo se candidatar à Presidência da República, o controverso major fez promessas: de pôr a claro o processo do 25 de Novembro; de desmontar a cabala “reaccionária” que, na sua opinião, esteve por detrás da liquidação da chamada “ala revolucionária das Forças Armadas”; de fazer luz sobre algumas das curvas sinuosas da revolução democrática portuguesa.

Muitos foram os cidadãos deste país que acolheram com agrado as fartas promessas. Porque elas viriam desvendar ao povo, em nome de quem se fala,



Eanes no Alentejo: uma sombrinha providencial



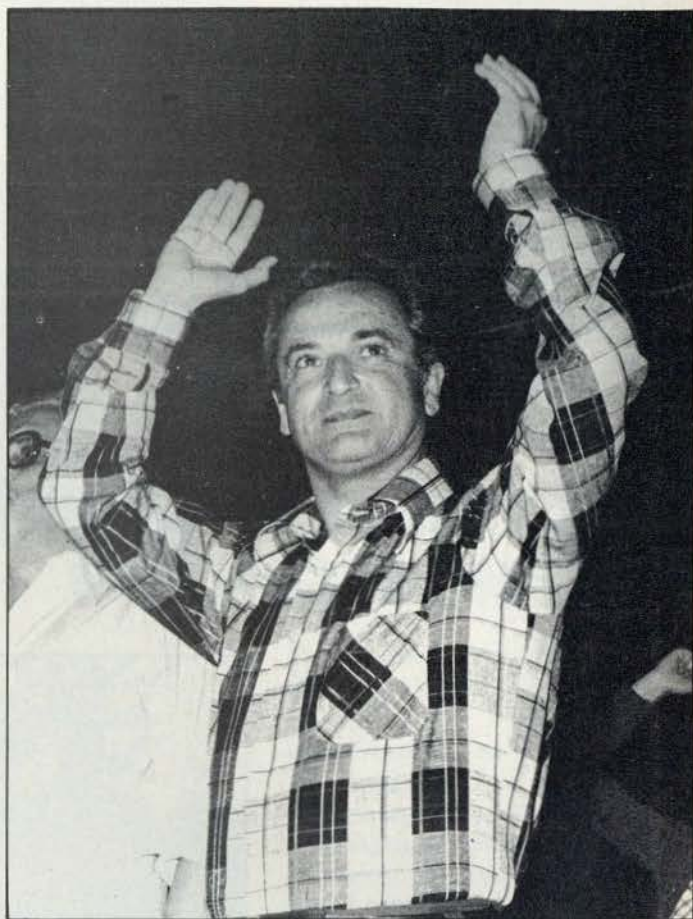
Eanes em Alcains, sua terra natal: aplausos e “confetti”

as negociatas e manobras de bastidores em que Otelo esteve envolvido. É, de resto, o próprio Otelo quem afirma ter estado nelas enredado.

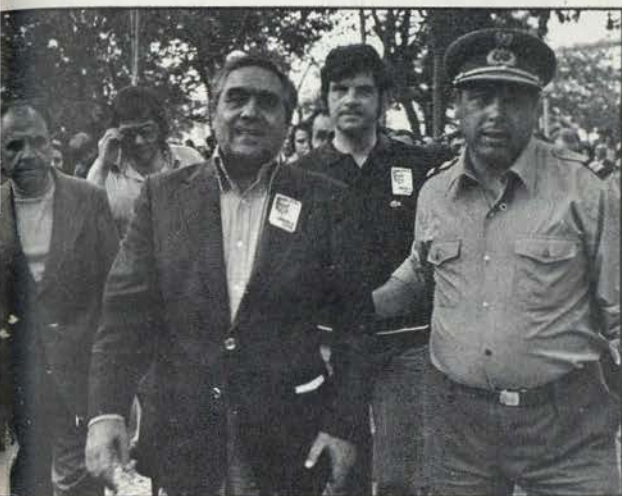
Todavia, a campanha aproxima-se do seu termo — e o silêncio foi a conclusão das abundantes promessas iniciais. Porquê? Otelo não ousou levantar as lebres. E, contudo, talvez isso viesse a ser o positivo da sua candidatura.

Porque a conspiração palaciana, urdida e realizada nas costas do povo, é uma herança do fascismo e nada tem

Octávio Pato: só os votos da militância



Azevedo não vai preso. Mas parece



Azevedo: uma campanha ambígua

a ver com processos democráticos. Porque Otelo poderia ter obrigado esta campanha a tornar-se num debate profundo sobre a democracia portuguesa e os atentados que, vindos de quadrantes políticos vários, a têm ameaçado. E o povo português, despolitizado por quase 50 anos de regime fascista, teria ganho: compreendendo as armadilhas do jogo político, amadureceria a sua consciência social; consciencializando-se, evitaria novas armadilhas e conspirações.

Mas, objectivamente, Otelo não podia cumprir as promessas. A pedagogia política não é a sua tarefa, nem a missão que lhe cumpre. A análise da sua base de apoio atesta que a candidatura do major Otelo serve de pano de fundo para manobras que nada têm a ver com a institucionalização da democracia em Portugal; a observação das suas contradições, das

suas promessas e silêncios, revela que o general Eanes alguma razão pode ter quando acusa Otelo de, uma vez mais, estar a ser manobrado por determinadas forças políticas. Com que objectivo?

UM PARALELO HISTÓRICO

Pretendem os proponentes de Otelo Saraiva de Carvalho apresentá-lo como “o candidato do 25 de Abril”. A pretensão assenta no facto conhecido de Otelo ter sido um dos estrategos do “movimento dos capitães”. Implicará o facto, necessariamente, a identificação de Otelo com esse 25 de Abril? Machado Santos identifica-se com a I República?

Machado Santos foi o homem que, na Rotunda, comandou a Revolução Republicana do 5 de Outubro. Representou a audácia e a coragem militar

do republicanismo. Na história portuguesa, o seu nome ficou gravado e, por isso, louvado. No entanto, Machado Santos, homem de mil contradições, revelou-se um dos piores inimigos da República que tinha ajudado a vencer. Manobrado por forças políticas várias, entrou em quase todas as conspirações. Chefe da revolta contra a dinastia, mancomunou-se com os monárquicos nas conspiratas dos bastidores, estendeu as mãos ao anarquismo, apresen-

tando-se sempre com o rótulo de "independente".

Machado Santos, lembremo-lo, tornou-se um dos amigos e ministros do sidonismo, regime pré-fascista que em Portugal governou em 1917 e 1918. Machado Santos, para vergonha da democracia de que tinha sido um dos obreiros, acabou tragicamente numa berna em Outubro de 1921.

O paralelismo histórico tem cabimento para quantos pretendem identi-

ficar o estrategista de Abril com o regime político que o povo português, democraticamente, decidiu instaurar neste país. Na nossa história, Machado Santos — com tudo o que ele significou — houve um. A repetição histórica não é, geralmente, uma tragédia: converte-se no ridículo da caricatura.

● AFONSO MANTA

VIOLENCIA NA CAMPANHA: O ÚLTIMO ARGUMENTO

A campanha eleitoral atingiu o nível da violência na sua última semana. Embora sem grandes repercussões, os acontecimentos revestiram uma certa gravidade, demonstrativa da via a que se propõem recorrer as forças antidemocráticas quando os acontecimentos não seguem a seu favor.

Ninguém duvidava de que a candidatura de Eanes sofreria ataques no Alentejo. A terra das "amplas liberdades", onde muitas pessoas foram acostumadas a ver qualquer oponente ao partido maioritário (da região) como "fascista", tem sido testemunha dos piores atentados à liberdade de reunião e expressão.

Nesse clima, não admira que os habituais "vanguardistas" tenham surgido a provocar desordens entre os apoiantes que se juntavam para ouvir o seu candidato e, depois, até, a provocar o próprio general. Também é sintomático que, passados os acontecimentos, logo tenham surgido as vozes tentando confundir o agressor com o agredido. A ANOP foi formalmente desmentida pelos serviços de apoio à candidatura do general Eanes ao afirmar que haviam partido da segurança do candidato os disparos verificados após o comício de Évora.



Eanes em Évora.

Nos Açores, as provocações feitas ao general Eanes e que chegaram a envolver um petardo são atribuídas à FLA. Segundo informações que nos chegaram, esta organização, sendo contrária a qualquer presidente, não o é particularmente a Eanes. Além disso, tem-se falado ultimamente em certas infiltrações na FLA, compostas por elementos dificilmente controláveis que se dedicam a manobras provocatórias. Essas infiltrações têm uma cor política que as identifica aos adeptos do "poder popular" no Continente, o que vem aumentar a reserva face à natureza verdadeira dos acontecimentos e seus autores.

A violência atingiu também a candidatura do major Otelo. Em Chaves e Lamego a caravana automóvel foi atacada, tendo-se registado disparos nesta última localidade.

O matutino "Diário" culpava "elementos do PPD, CDS e CAP" e, duma forma geral, "grupos reaccionários de extrema-direita". Parece esta uma tentativa de aproveitamento político dos acontecimentos na medida em que outras notícias reportam a desvinculação das populações locais aos acontecimentos atribuindo-os a forasteiros "exaltados". De qualquer forma parece ter havido um certo envolvimento, tentando comprometer nele a candidatura de Eanes. Autocolantes e cartazes deste candidato foram vistos nas fileiras dos desordeiros. De qualquer forma os observadores fazem notar que os apoios de Eanes não só não têm este tipo de provocação no seu ideário como ela própria não lhes seria favorável na medida em que apontam e criticam a actuação antidemocrática como característica de outros candidatos.

● J.M.



Otelo no início da campanha: punhos cerrados e mãos estendidas

“Poder popular”

DO 25 DE ABRIL À CANDIDATURA DE OTELO

No 25 de Abril de 1974, pequenas organizações revolucionaristas emergiram da clandestinidade. A ocupação dos monumentos foi o primeiro dos seus actos. Não para assumir a tradição histórica, mas para pinchá-la a vermelho de “spray”.

Dos monumentos passaram às avenidas. O lisboeta, despertado do brutal silêncio fascista, sorriu. Mas nas fábricas arrancava poderoso movimento grevista, onde a espontaneidade era nota dominante. No exterior dos edifícios fabris o estudante tentava a osmose: surgiu o vendedor militante da militante Imprensa. Nenhum programa e uma palavra de ordem: contra o fascismo! Despersonificado, o fascismo convertia-se no homem do capote, sem rosto.

Uma manifestação de poucos milhares deambulou pelas ruas de Lisboa, até Alcântara, no Primeiro de Maio de 1974. Pouco depois, no aeroporto da Portela, quatro pequenas organizações (Luta Comunista, CARP, Comitês Co-

munistas Revolucionários e União Comunista) protestavam contra o embarque de tropas para as colónias: uma centena de manifestantes. Volvidos dois anos, as pequenas organizações passaram à história. Deram origem a outras.

A revolução foi o sentimento dos activistas. Com maiúsculas. As “massas”, um desejo de conquista por fazer. Um programa, um método, a concreta resposta ao “que fazer?” concreto que a realidade exige, a aberração angustiante para o voluntarismo anárquico. Na ausência de aparelhos partidários. Na imensa despolitização da nação proletária em nome da qual afirmavam falar.

No 28 de Setembro tiveram, pela primeira vez, as “massas”. A cidade acordou, atónita, com os apelos das direcções sindicais, dos locutores da rádio. Vinte mil pessoas gritaram nas ruas contra camiões fantasmas carregados de armas. O “poder popular”, assimilado o “slogan”, começou a sua

carreira.

Seguiu-se o 7 de Fevereiro de 1975. Contra o desemprego. Contra a NATO (do Pacto de Varsóvia não se falava). Nessa noite, à voz de “silêncio”, dezenas de milhares de lábios assobiaram em surdina a “Internacional”. Vivía-se Eisenstein na medida exacta da caricatura.

Depois, em Abril de 1975, foi anunciada no Montijo a Constituição da UDP (União Democrática Popular): a sua plataforma encobriu a fusão de três organizações — CARP, CCR e URML. Um ano mais tarde, outras duas organizações seriam por ela absorvidas: o CMLP e o “Grito do Povo”. Apareceu uma nova sigla: o Partido Comunista Português (Reconstruído).

A candidatura de Otelo à Presidência da República, patrocinada em Junho de 1976 pela mesma UDP, granjeou o apoio do MES, FSP, PRP, MSU. Um comunicado do PCP(R) conclamava estas organizações a integrarem-se na UDP. E convidava a “esquerda” do PS a participar na vasta frente. Um novo passo no seu progressivo alargamento. Contra o fascismo sem rosto, o do capote. Contra a NATO (tão-só, evidentemente).

Em dois anos, o encerrar do círculo. Da crítica feroz ao “golpe de 25 de Abril” e às ilusões sobre o “democratismo burguês”, até à proclamada defesa desse 25 de Abril e das “amplas” (também...) liberdades democráticas. Para um povo convenientemente indefinido. Passando pelo 25 de Novembro no qual acusaram Cunhal de traição. Por não ter tido a audácia de assumir o Poder. Um “anticunhalismo” curioso.

Enfim, os proponentes de Otelo comprometem-se a revitalizar o espírito de 25 de Abril, na versão oteliana de 24 de Novembro. Recuperaram um hino: “Grândola, Vila Morena”. O “Às Armas!” de José Mário Branco não era o mais indicado para uma pacífica ida às urnas.

Parté da antiga tertúlia do Café Gelo declarou o seu apoio ao major Otelo. Preparando o ingresso na UDP? Ou a devida homenagem de certo surrealismo ao “poder popular”? Anote-se: os principais vultos do surrealismo português (como Cesariny e Cruzeiro Seixas) não aderiram à campanha do ex-comandante do COPCON. ■ A.M.

Otelo e Eanes

DOIS FUTUROS FACE A FACE

Finalmente recuperámos o clima e a linguagem que tanto nos fizeram vibrar em vésperas do 25 de Novembro! Aquelas doses maciças quer de certa imprensa quer radiofónicas quer ainda televisivas, que tão bem esfregaram o nosso cérebro de chavões, laudas demagógicas, promessas reivindicativas e que, por pouco, não nos lançavam colectivamente na demência. Isto não é ironia. É quase uma dramática evocação e não fora a abnegada democracia que nos anima, uma confissão sufocadora e intransigente.

Estivemos na iminência de uma derrocada de consequências imprevisíveis, prestes a mergulhar numa nova noite de obscurantismo e de férrea ditadura. O povo, como sempre, ludibriado por tentadoras e utópicas

benesses, ia caindo em mais um logro. Em nome dele, todas as ditaduras perpretam os mais hediondos crimes. É da História, vem nos livros.

Líder subterrâneo desse movimento alienante, lá estava Otelo — o versátil e, se não fosse um móbil de crimes inesquecíveis, o cómico major Otelo, que de social-democrata em menos de um ano mergulhou nos braços viris do poder popular. É ele hoje, acabado de escapar miraculosamente da justiça necessária, que encabeça uma lista de candidatura que ressuscita ainda com mais veemência os calores que precederam a grande tentativa de golpe. Ele, Otelo, apoiado por uma campanha montada (e bem!) por boa percentagem das mesmas vedetas que nos envenenaram os olhos e ouvidos de

então. Temos, hoje em pleno, um 25 de Novembro sem golpe (por enquanto?) e pela via eleitoral. Que saudades!

E o mais curioso é que o grande concorrente na corrida para a presidência de Otelo é, precisamente, o mesmo homem que esteve à frente das forças democráticas que detiveram o terrível golpe de 25 de Novembro: Ramalho Eanes. Que sintomática coincidência. Aviso do destino, ajuste de contas? O certo é que estes dois homens encontram-se num frente a frente em que se joga o futuro imediato de um povo.

A democracia e a falsa ditadura do proletariado enfrentam-se, olhos nos olhos. Por um lado a opinião franca, livre. Por outro, o golpismo. Uma quer implantar os direitos universais do homem, dando, tanto quanto possível, oportunidades iguais a todos em clima de liberdade e de justiça, sem atropelos de classes, sem violências ou imposições de sinistras discriminações. A outra quer esmagar — e já! — sem

complacências ou humanidades, quem quer que se oponha ao poder operário dos trabalhadores, nem que mergulhe na marginalização ou em sangue as pretensas classes que, sendo a maioria deste país, não se inserem, exactamente, nos clãs do chamado labor estritamente manual.

Em sùmula, o ingénuo e ambicioso Otelo, catapultado insidiosamente por grupúsculos de ideologias inclementes e rechaçadoras de um viver em liberdade e em democracia, propõe cubanizar ou albanizar Portugal, tornando-o geograficamente aberrante no consenso da harmonia das nações. Eanes é a réplica que obsta vigorosamente a que uma desgraça de proporções catastróficas se instale nesta terra e enlute a maioria das suas populações que desde o 28 de Maio de 1926 não tem conhecido o sossego e a tranquilidade de um viver em paz produtiva, sem medo de perseguições e a esperança de construir um futuro mais límpido e generoso para todos. D. G.



Otelo: de cravo na mão, com a recordação do Copcon.

O QUE ELE DISSE

Do primeiro número da revista "Tilt", publicada em Dezembro de 1974, retirámos alguns excertos de uma saborosa entrevista dada pelo então brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho àquele magazine.

É MENTIRA QUE ODEIE O FASCISMO

— O SENHOR BRIGADEIRO NÃO TEME TORNAR-SE UM MITO?

— Temo, sim senhor! E tenho mesmo largos indícios de que me estou a tornar mesmo. Um certo tipo de imprensa nalguns pontos deste globo terrestre já diz que eu tenho um ódio tremendo ao fascismo, o que não é verdade. Outros vêem em mim um ditador potencial. Numa coluna de um jornal brasileiro o jornalista sr. Castelo Branco escreveu: "De Lisboa chega-nos o perfil de um ditador". Por outro lado, num extremo contrário pessoas da minha terra, sem ser da minha terra, pessoas residentes aqui em Lisboa, já chegaram a ajoelhar-se aos meus pés, a beijar-me as mãos como se eu fosse realmente o salvador da Pátria.

último, emperrar a vitória de Eanes.

No caso de esta tática resultar, o que equivale a uma segunda volta, o panorama torna-se mais denso. Isto porque é bastante provável a união das forças mais díspares à volta do candidato colocado em segundo lugar (neste caso, o major Otelo).

E não seria de estranhar que, desde os ultra-direitistas (adeptos do "quanto pior melhor") até aos que apoiam Octávio Pato e Pinheiro de Azevedo, todos se unissem à volta do major.

Os dados estão jogados e pouco falta para ver quem vence a primeira mão.

De uma coisa Otelo tem a certeza: as percentagens têm um manto diáfano, e ele está disposto a mostrar que assim é. F. F.

SÓ ISTO?

Partidos que apoiam Otelo Saraiva de Carvalho e respectivas percentagens de votos nas últimas eleições:

Percentagem	MES — 0,58
UDP — 1,69	PRP — —
FSP — 0,78	Total — 3,05



Otelo em campanha: onde pára o social-democrata de 1974?

O MANTO DIÁFANO DAS PERCENTAGENS

Se as eleições para a presidência da República se definissem basicamente pelos resultados que os vários partidos obtiveram nas legislativas, tudo estaria resolvido "a priori".

No entanto, em política, os raciocínios simplistas só servem para escamotear a verdadeira natureza dos factos, impedindo que se estabeleçam as devidas relações e correlações entre as coisas.

É neste contexto que se insere a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho e seus apoios oficiais.

Abertamente, Otelo é apoiado pela UDP, FSP, MES e PRP. Ora, se somarmos os votos obtidos pelos três primeiros nas últimas eleições, vemos que Saraiva de Carvalho arrisca-se a ter pouco mais de 3,05 por cento do total dos votos. Dizemos pouco mais já que o PRP, partido que se absteve nas legislati-

vas e agora decide mandar os seus adeptos às urnas, não engrossará sobremaneira a percentagem citada.

Mas a realidade é bem outra. Na recta final destas eleições, já é lícito afirmar que Otelo poderá vir a obter uma considerável percentagem, podendo mesmo colocar-se em segundo lugar no cômputo geral.

Pinheiro de Azevedo, que surgiu como o mais forte opositor a Eanes, vê, pouco a pouco, enfraquecer essa fortaleza. Por outro lado, a candidatura de Otelo ganha, a cada dia que passa, mais consistência e probabilidades.

As chamadas bases do PCP têm vindo a mostrar-se rebeldes — é um facto notório — à directiva que o partido deu. Assim, é muito provável que uma grande massa do PCP se desloque e apoie Otelo. O mesmo acontece no seio do MDP. Quanto ao PS, é igualmente notório que a franja adepta da "maioria de esquerda" venha a dar, no momento da votação, o seu apoio a Otelo.

Deste modo, os 3,05 por cento iniciais esboroam-se numa trama mais complexa que tem, como fim

A REACÇÃO É A EXTREMA ESQUERDA

— O que é para si verdadeiramente a reacção?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! A reacção é tudo aquilo que vai contra alguma coisa que esteja estabelecida. Neste momento aquilo que nós estamos a procurar estabelecer é realmente a instauração da democracia. Como já disse em entrevistas anteriores, os grandes aliados do MFA neste caminho duro e cheio de dificuldades que estamos a percorrer para a conquista das liberdades democráticas são as forças ditas de esquerda. Exactamente aquelas que antes do 25 de Abril eram a oposição. Antes a reacção era a oposição, isto é, tudo aquilo que se opunha à ordem política então estabelecida. Portanto neste momento, os nossos aliados são as forças que a partir do PPD se afirmam de esquerda. Este partido, no seu último congresso, teve uma viragem à esquerda. Assim, o PPD, o PS, o PC, etc., salvo os extremistas — são nossos aliados para o estabelecimento da democracia.

O CDS NÃO É UM PARTIDO FASCISTA

— Bem! Eu não sei, não tenho nenhuns dados neste momento para dizer que o CDS possa ter no seu seio elementos fascistas, ou pelo menos profundamente ligados ao anterior regime. Mas se o CDS se considerar um partido que pretende francamente caminhar num clima de tranquilidade para a reconstrução da vida nacional sem recorrer à violência, pois encantado! ... Eh pá! É mais um partido que deve ter a liberdade de exprimir a sua opinião. Embora tudo nos leve a tender para a esquerda, deixemos, até para manter um certo equilíbrio, que os partidos da direita se possam manifestar. ●

António Rebelo de Sousa:

"PARA SALVAR A DEMOCRACIA O PS TERÁ DE SOCIAL-DEMOCRATIZAR-SE"

António Rebelo de Sousa, dirigente da Juventude Social-Democrata, vem sendo apontado como um elemento contestador no seio do PPD. Declarações suas a um vespertino lisboeta ajudaram a firmar essa convicção, num momento em que se declara existir novamente uma crise no partido liderado por Sá Carneiro.

Na entrevista que nos concedeu, António Rebelo de Sousa fala-nos destes problemas e do apoio do seu partido à candidatura do general Eanes para a Presidência da República.

VIDA MUNDIAL — O manifesto divulgado ao País pelo general Ramalho Eanes surpreendeu alguns sectores que o apoiaram. Como dirigente de um importante sector do PPD — a Juventude Social-Democrata — gostávamos de conhecer a sua opinião acerca desse manifesto.

ANTÓNIO REBELO DE SOUSA — O manifesto contém aspectos altamente positivos, na medida em que aponta para a necessidade de instituições verdadeiramente democráticas, para uma política de verdadeira independência contra qualquer ingerência na vida política nacional e na medida em que também aponta a necessidade permanente de relançamento e expansão da economia, melhoria das condições de vida da população, em geral, e das classes menos favorecidas, em particular. Nesta medida, considero-o francamente positivo e, como tal, deverá conseguir uma plataforma de entendimento entre as principais forças democráticas, empenhadas na consolidação de uma democracia pluralista, na reconstrução do País e na reconciliação de todos os portugueses, tendo em vista a construção de um Portugal livre, democrático e independente.

V.M. — Certo. Mas, segundo, pudemos constatar, certos sectores do PPD

reagiram desfavoravelmente ao tom do manifesto do general Ramalho Eanes...

A.R.S. — É possível que alguns sectores do PPD — e também alguns sectores do PS e do CDS — possam ter algumas dúvidas quanto à terminologia num ou noutro caso utilizada nesse manifesto. No entanto, o que é preciso é saber ao certo quais os objectivos fundamentais, quais as traves mestras em que o manifesto assenta. Por outro lado, é preciso também não esquecer que, na actual conjuntura, interessa mais ao general Ramalho Eanes — se atendermos à campanha eleitoral que está a ser iniciada — conquistar votos a sectores pertencentes à ala esquerda do PS. Essa terminologia poder-se-á explicar por razões meramente eleitoralistas.

V.M. — Contudo, se é certo que o general Eanes pode, deste modo, ganhar apoios no que chamou ala esquerda do PS, também os pode perder à direita. Não lhe parece?

A.R.S. — De facto, isso poderia acontecer. Só que, neste momento, parece-me que não há uma incompatibilidade absoluta entre as diversas forças — nomeadamente, o CDS, o PPD e o PS (mesmo no que se refere às bases do PS que poderão ser mais radicais) — e estão todas elas empenhadas, pelo menos em princípio, na

consolidação das estruturas democráticas. Todas admitem que, agora, o que é importante fazer é consolidar a democracia política, consolidar o respeito pelas liberdades fundamentais. Como tal, não existem divergências de fundo entre os diversos sectores da vida política nacional, no que respeita ao caso concreto da candidatura de Ramalho Eanes e ao apoio que ela deverá receber.

"COSTA GOMES NÃO MERECE O NOSSO RESPEITO"

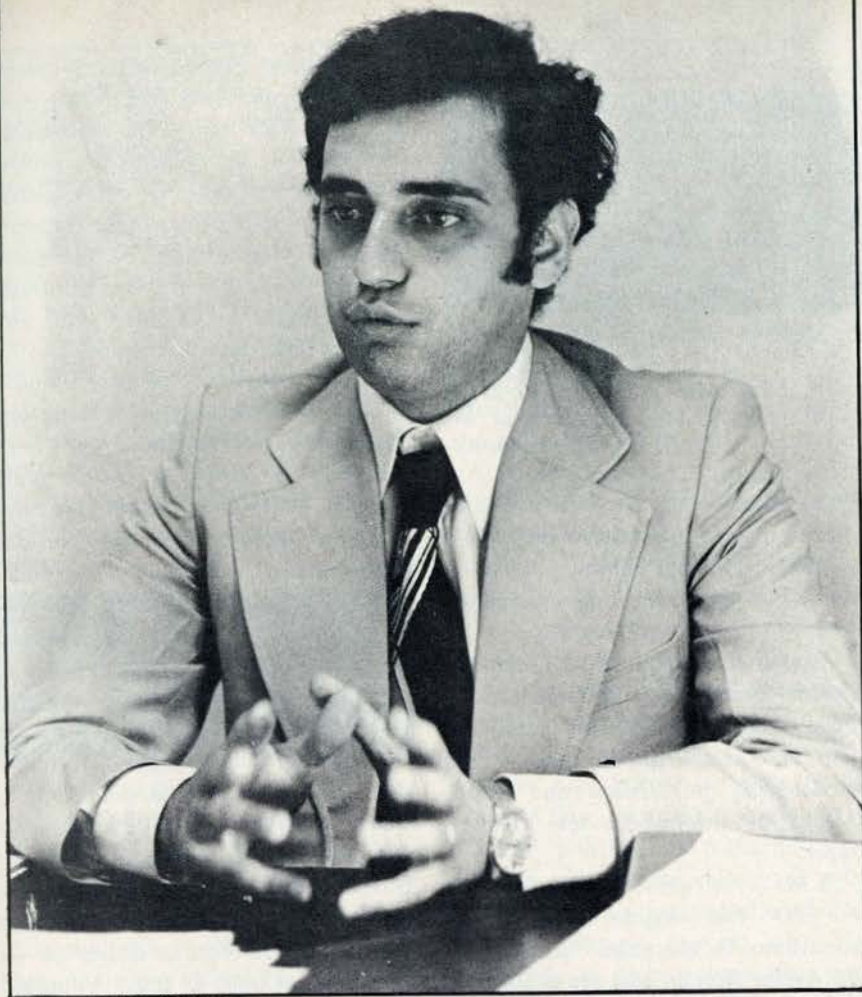
V.M. — Afirmou que as forças democráticas apoiam o general Ramalho Eanes. Isso conduz à pergunta que lhe fazemos agora: considera que todas as forças que apoiam Ramalho Eanes são democráticas? E que apenas são democráticas as forças que o apoiam?

"A construção do socialismo terá que passar, agora, pela recuperação parcial do sistema capitalista"

A.R.S. — É uma pergunta interessante. Aliás, começaria por dizer, em relação a alguém da "Vida Mundial" — se me é permitido fazer essa pequena crítica, apesar da muita consideração que nutro pela revista — que não percebi muito bem uma insinuação que foi feita num dos últimos números a respeito do CERESD e do eventual apoio que o CERESD poderia dar ao general Costa Gomes.

V.M. — Já lá vamos. Cremos que não foi isso o que a "Vida Mundial" referia. Mas voltaremos ao assunto.

A.R.S. — Pois. É que, a meu ver, e no ver de todos os militantes do PPD,



o general Costa Gomes é uma figura política nacional que deu cobertura a certas forças partidárias e não merece, por isso, o nosso respeito, nem a nossa admiração, não sendo, portanto, de admitir a possibilidade de apoio a uma candidatura desse tipo.

V.M. — Voltaremos aos aspectos referidos pela "VM". Para já, mantemos a pergunta: considera que todas as forças que apoiam Ramalho Eanes são democráticas?

A.R.S. — Considero que o essencial do apoio dado a Ramalho Eanes vem, de facto, da parte de forças verdadeiramente democráticas. Quer o CDS quer o PPD quer o PS são partidos democráticos empenhados na consolidação das conquistas democráticas. Evidentemente que já não considero organizações com programa democrático ou que apontem claramente para uma democracia política em termos programáticos, por exemplo, o MRPP

e outras forças da chamada esquerda revolucionária, que, eventualmente, até poderão apoiar, desta feita, a candidatura do general Ramalho Eanes. De qualquer das maneiras, neste momento, não há dúvida nenhuma de que essas forças estão todas elas ligadas por razões de ordem estratégica.

V.M. — E apenas considera como democráticas as forças que apoiam o general Eanes?

A.R.S. — Estou convencido de que as principais forças democráticas são aquelas que compreendem a base eleitoral de apoio ao general Ramalho Eanes. Poderá haver democratas convictos que apoiem outros candidatos. O que penso é não existirem grandes partidos políticos por detrás de uma outra qualquer candidatura à Presidência da República, uma vez que o outro candidato que aparece com uma figura partidária por trás de si é Octávio Pato que, como se sabe, é apoiado pelo

PCP. Ora, esse partido, pela sua prática política, não o considero um partido verdadeiramente democrático.

V.M. — Ainda quanto ao manifesto do general Eanes. Afirma-se nele que o capitalismo monopolista não voltará a este país. Contudo, mantendo-se as relações de produção, há quem afirme que temos hoje um capitalismo monopolista de Estado. Isto é, parece-nos, um problema importante a considerar quando se fala de relançamento da economia. Que pensa disto?

A.R.S. — Bem, sobre o problema do relançamento da economia, a minha posição é também, neste aspecto, a posição do PPD: há que distinguir os sectores-chave, sectores prioritários da economia, dos restantes sectores. Portanto, se é verdade que em relação ao sector prioritário se torna imprescindível manter um grau elevado de intervenção do Estado, já em relação a outros sectores que não podem ser considerados sectores-chave da economia, se torna necessário garantir a participação da iniciativa privada e, até, incentivar o investimento privado, nacional e estrangeiro.

Relativamente à situação existente, não se pode considerar que tenha havido um salto qualitativo, em termos de relações de produção, uma vez que não houve uma efectiva socialização dos sectores-chave. O que houve foi mera estatização. O passo que se deve dar em seguida deverá ser o de garantir a participação progressiva dos trabalhadores nos centros de decisão, através de representantes democraticamente eleitos. Essa base é fundamental para se passar de um controlo meramente estatal para uma efectiva socialização.

As conquistas económico-sociais deverão ser aprofundadas e não o foram, ainda. A política gonzalvista não pretendia conduzir a esse aprofundamento, apenas pretendia substituir uma classe dirigente por outra. As autênticas conquistas económico-sociais não poderão ser postas em causa, deverão ser, pelo contrário, consolidadas.

No que respeita a outros sectores da economia, sectores não prioritários,

entrevista

deve-se dar garantias reais às pequenas e médias empresas. E até mesmo pensar num condicionamento de muitos sectores da economia.

Acrescentaria ainda que, tal como já afirmaram alguns teóricos e dirigentes de outros partidos, mesmo do próprio PS — é o caso de Sottomaior Cardia — a construção do socialismo terá de passar, muitas vezes, por períodos de espera. E, neste momento, penso que há certas conquistas que têm de ser devidamente digeridas, o que isso implicará, até, a recuperação de algumas estruturas capitalistas existentes, mesmo que isso vá contra a beleza dos nossos ideais. A construção do socialismo terá que passar, agora, pela recuperação parcial do sistema capitalista, o que nada tem a ver com a recuperação do sistema capitalista, no seu todo.

V.M. — Mudando de assunto: António Rebelo de Sousa deu uma entrevista a um vespertino onde levantou certas questões. Essa entrevista coincidia com outras declarações de elementos do PPD e de organismos como o CERESD começou a falar-se de uma nova crise no PPD. Verdade?

A.R.S. — Como deve estar lembrado, logo a seguir ao Congresso de Aveiro houve um conjunto de indivíduos que subscreveram um documento em que apresentavam uma série de condições para continuarem a ter participação activa no seio do partido. As condições foram aprovadas, quer pelo secretário-geral, quer pelo próprio secretariado do PPD. Depois até houve um documento conjunto subscrito pelo secretário-geral, pelos condicionais e pelo secretariado do partido. Mais tarde, na reunião de Coimbra, vir-se-ia a aprovar o reconhecimento do direito de tendência e a necessidade de realização de um novo congresso nacional, no primeiro semestre do ano de 1976. A par disso, havia outras condições que diziam respeito à implantação nos sectores socioprofissionais, por exemplo.

A opinião de que se tornava necessário proceder a reajustamentos no seio do partido foi já publicamente assumida pelos órgãos representativos das bases do PPD. Portanto, o

“Uma grande parte, senão mesmo a maioria dos deputados do PS não é marxista e não está de acordo com todos os aspectos do programa do seu partido”

expressar-se essa opinião é, no fundo, falar daquilo que já foi deliberado. Julgo eu que é, no fundamental, preparar as pessoas para mutações que, neste momento, são importantes, se se quiser garantir uma eficácia e capacidade mínima de intervenção do PPD. O partido mostrou-se com menor capacidade do que teria sido desejável, mesmo aquando das eleições.

Evidentemente que se foca o problema de haver grandes divergências de fundo no seio do PPD: eu penso que isso, aí, corresponde, em parte, a uma especulação jornalística que alguns órgãos da Informação têm vindo a fazer.

V.M. — No entanto, foi notado que o PPD tem fugido a falar de socialismo. Os chamados “dissidentes” de Aveiro fizeram essa acusação. Ora, António Rebelo de Sousa, na referida entrevista, insistiu particularmente na tónica do socialismo...

A.R.S. — Eu sei o que os dissidentes e os senhores dizem a respeito do PPD. Mas penso que o PPD nunca renunciou

ao projecto de participação numa sociedade socialista. De resto, e já aqui, assinalo uma certa especulação em torno de divergências que podem existir no seio do PPD, como podem existir no seio de qualquer estrutura partidária democrática. Só nos partidos que realmente não têm estruturas democráticas é que, de facto, não existem quaisquer divergências...

V.M. — Mas não lhe parece que o momento escolhido para levantar certas questões poderá não ser oportuno? Foi isso, de resto, o que a “Vida Mundial” referiu no artigo que criticou: as perturbações nos partidos democráticos, neste momento, poderão prejudicar a candidatura de Ramalho Eanes e fazer o jogo dos inimigos da democracia.

A.R.S. — Devo lembrar-lhe que isso depende muito das circunstâncias e dos objectivos que as pessoas pretendem seguir. Recordo-me, por exemplo, que em determinado momento, mais concretamente em Setembro de 1975, o nosso secretário, dr. Sá Carneiro, também exprimiu as suas divergências em relação às figuras dirigentes do PPD, em relação à então Comissão Política Nacional, em relação ao próprio secretário-geral substituto, em relação aos “nove”. Poder-se-á afirmar que essa tomada de posição do nosso secretário-geral não foi muito oportuna, na medida em que surgiu numa



“Neste momento, não há incompatibilidade absoluta entre o CDS, o PPD e o PS”

ocasião em que ainda não tinha havido uma clarificação política mínima, na medida em que, na altura, eram os "nove" o baluarte da resistência, a nível militar, contra o "gonçalvismo". Mas, se for perguntar ao nosso secretário-geral se ele, apesar de tudo, estava ou não confiante na tomada de posição que assumiu, ele poderá dizer que, de facto, havia outros objectivos superiores, que tinham que ver, até, com a própria sobrevivência do partido. Havia reajustamentos de fundo que tinham de ser feitos, que, a seu ver, seriam mais importantes do que os problemas de natureza meramente conjuntural.

"No que respeita aos sectores não prioritários da nossa economia, deve-se dar garantias reais às pequenas e médias empresas"

Devo dizer-lhe que, nesse momento, também achei haver problemas de ordem conjuntural que não justificavam, ou poderiam ainda tornar menos correcta, essa tomada de posição da parte do nosso secretário-Geral. Mas, hoje em dia, que eu realmente conheço os muitos problemas com que, então, se defrontava o partido, considero que ela teve toda a razão de ser.

Ora, a haver novas tomadas de posição, críticas, digamos, uma crítica destrutiva seria efectivamente negativa. Mas tomadas de posição de crítica construtiva, neste período, poderão ser um serviço altamente positivo prestado ao PPD. Até será esta a altura mais indicada — concretamente até às férias do Verão — para se produzir no nosso partido (como eventualmente em outros partidos) uma possível clarificação interna.

"O PPD TEM UM ESPAÇO POLÍTICO PRÓPRIO"

V.M. — Referiu a necessidade de clarificação interna do PPD. Isso recorda-nos que dirigentes do Partido Socialista declararam que o PPD não tinha espaço, não tinha razão de existir, sendo de prever que venha a ser



"É necessária a recuperação parcial do sistema capitalista"

absorvido pelo PS, por um lado, e pelo CDS, pelo outro...

A.R.S. — Acho que o PPD continua a ter razão de existir e que mantém um espaço político próprio. O problema que se levanta é o haver, de facto, ainda uma certa indefinição de espaço político, uma vez que a situação política presente e passada se caracterizou por uma grande instabilidade. É evidente que, numa situação de instabilidade política, as actuações dos partidos não correspondem aos próprios princípios programáticos. Por exemplo, naquela fase de Abril de 1975, não se poderia considerar que toda a base de apoio do PS fosse uma base eleitoral claramente marxista. Hoje em dia, estou convencido de que uma grande parte, senão mesmo a maioria dos deputados do PS, não é marxista e não está de acordo com todos os aspectos do programa do seu partido.

É natural, portanto, que, em relação ao PPD, também se verifique uma má assimilação do seu programa. Como no CDS. É natural que nem todas as bases e nem todos os votantes do PPD sejam sociais-democratas e que nem todos os militantes e votantes do CDS sejam elementos que aderiram a um programa centrista.

V.M. — Voltando à sua entrevista que há pouco citámos e retomando as suas palavras de agora, observamos que procura orientar o PPD para a captação de uma parte do PS. Porque não o faz igualmente noutro sentido, para a captação de uma parte do CDS?

A.R.S. — Porque penso que existe um certo sector social-democrata no PS que, programaticamente, está mais próximo de nós do que das cúpulas dirigentes e do programa do PS. Penso, no entanto, que, de uma maneira geral, embora haja algumas bases militantes do CDS que possam estar mais próximas de uma democracia centrista, de uma maneira geral todos aqueles que votaram no CDS são pessoas que cabem num partido de direita, num partido conservador, apesar de o CDS, pelo programa, até poder ser considerado um partido semelhante aos partidos centristas da Europa. Ora, para um partido como o nosso — um partido social-democrata — tem muito mais interesse conquistar espaço político à nossa esquerda, conquistar espaço político no sector social-democrata — sobretudo nas classes trabalhadoras a nível sindical — do que propriamente estar a conquistar espaço político à direita. Isso, no fundo, seria o partido começar progressivamente a transformar-se num partido realmente conservador ou mais moderado. É por essa razão que pensamos que se torna necessário ir conquistando espaço político à esquerda.

"Será esta a altura mais indicada — concretamente, até às férias do Verão — para se produzir no PPD (como eventualmente em outros partidos) uma possível clarificação interna"

Além disso, penso que, se o PS se começar a definir, se efectivamente quiser ter uma política realista, se quiser, no Governo, salvar a democracia neste país, terá de pôr em prática uma política social-democrata, uma política equilibrada, moderada e realista, para evitar o descalabro económico e uma situação de fortes tensões sociais, que poderão conduzir à antecâmara de um regime ditatorial. Portanto, e por essa mesma razão, estou convencido de que o PS, se quiser salvar a democracia, terá de, na prática, social-democratizar-se... A.M.

O DEBATE QUE NINGUÉM OUVIU



Nesta época de entrevistas, esclarecimentos e campanhas, nunca é de mais dizê-lo, tudo gira em torno de eleições.

Eleições para direcções de sindicatos, associações disto e daquilo, mesas de assembleias, um nunca mais acabar de votos secretos e urnas.

Enfim, o preço da democracia!

Portanto, naturalmente, o mesmo se passa na história de hoje.

Trata-se da eleição para a presidência da já nossa conhecida SNSP (Sociedade Nacional de Surdos Políticos).

Depois das concorridas eleições para a Assembleia Geral, muito "suspense" rodeia agora a escolha do presidente, uma vez que este reunirá o poder de decisão que a Sociedade ardentemente deseja.

Seguiu-se a apresentação das candidaturas, a que foram admitidos alguns dos antigos sócios representantes de várias facções que há dois anos orientam os destinos da Sociedade.

Assim, uma vez regularizados os processos, começaram as entrevistas, a publicação de programas e declarações de princípios, largamente difundidos pela imprensa.

Uma das muitas manifestações dentro da(s) campanha(s) e que bastante atenção mereceu de todos os sócios foi o debate organizado entre os candidatos, e que seria a primeira apresentação pública de todos em conjunto, oportunidade única portanto para que todos os associados apreciassem devidamente — ou, senão tanto, pelo menos se apercebessem — das intenções dos candidatos, num "frente a frente" pouco vulgar.

Chegada a altura do debate, escolhido o moderador — o conhecido associado Jota Letrinhas, regressado recentemente à Sociedade depois de andar a ler notícias pela "estrangedra" — todos os interessados puderam seguir o debate através dum circuito fechado de televisão, que prontamente uma firma montou na sede da Sociedade.

Assim, apresentaram-se ao debate os quatro candidatos:

Ramalhalvo, "desconhecido" duro, do grupo dos associados conhecidos como operacionais;

Pinheiro Bravo, associado dos tempos mais recentes, em que chegou a ser provisoriamente gerente

da Sociedade na altura em que o processo atingia o auge de desestabilização da SNSP;

Octógono Ganso, candidato da facção pró-surdez generalizada da SNSP;

E Hotel de Segunda, polémico candidato das minorias golpistas, conhecido pela sua mutação constante de opção e apoiado pelos que dentro da Sociedade se apresentam em pior estado de deterioração timpânica.

Jota Letrinhas, sorridente, começou por apresentar à multidão de associados que rodeavam os vários televisores espalhados pelas diversas salas, os candidatos, fazendo-lhes a primeira pergunta, que envolvia o porquê da candidatura.

Um a um, os candidatos, mais ou menos mecanicamente, responderam, melhor, cada qual expôs a lição aprendida e decorada em casa:

Pinheiro Bravo: "Eu candidato-me, como é por de mais conhecido, para evitar a candidatura única, a nomeação como já era costume nesta Sociedade. Aliás, eu que falo duma maneira que todos percebem, não quero um só "pássaro na gaiola";

Octógono Ganso: "A maioria de esquerda, isto é, a soma algébrica na Assembleia Geral, ou melhor, os anos todos de luta mais estes, nas mais amplas liberdades, mais os tempos de prisão igual a controlo operário, evidentemente;"

Hotel de Segunda: "Isso não é nada comparado com a movimentação de sócios e o apoio espontâneo, ou pior, a espontaneidade dos apoios que me impuseram uma coisa que até por acaso não gosto nada. Não é para me gabar, mas eu até sou popular, como o poder."

Ramalhalvo (duro, impenetrável, revendo mentalmente as quinhentas respostas minuciosamente preparadas): "Eu candidato-me por razões imperativas e permito-me chamar a atenção dos outros candidatos para isso. E é tudo!"

Jota Letrinhas sorri para a câmara, rebusca uma pergunta escondida na manga, espreme tudo e insiste: "Então e depois?"

Hotel de Segunda (lesto como sempre): "Depois a espontânea movimentação de sócios é tão espontânea que eu até me sinto espontaneamente no poder popular, que até não gosto nada."

Octógono Ganso: "Bem, a soma algébrica de esquerda é a maioria na Assembleia Geral, ou melhor, as amplas liberdades mais os anos todos de luta, isto é, os tempos de controlo operário, evidentemente igual a prisão!?"

Pinheiro Bravo (interrompendo): "Assim ninguém percebe e só eu falo da maneira que todos percebem para evitar a candidatura única dum só pássaro na gaiola como aliás já era costume nesta Sociedade."

Ramalhalvo (impassível, apesar de tudo): "Imperativamente candidato-me. Mais nada."

Jota Letrinhas, ainda sorridente, põe na mesa a cartada a jogar da futura direcção da Sociedade e, portanto, da escolha do director pelo presidente eleito. Esforça-se, arrisca nomes, mas...

Octógono Ganso: "Nós, isto é, eu, isto é, eu e nós sou a maioria de controlo operário na prisão, na soma algébrica da esquerda nas mais amplas liberdades de luta."

Jota Letrinhas (desiludido): "Mas eu perguntei..."

Hotel de Segunda (espontaneamente): "É a espontaneidade da minha movimentação espontânea, que popularmente imponho aos sócios pois não gosto nada do poder..."

Jota Letrinhas (tentando mudar de assunto): "E o que pensam do programa para salvar esta Sociedade?"

Pinheiro Bravo (de improviso, como sempre): "Eu, pássaro na gaiola, que falo como todos percebem aliás como de costume não sou candidato único."

Ramalhalvo (duramente): "O candidato imperativamente escolhe o director para gerir a Sociedade. Só isto!"

Jota Letrinhas (suplicante): "E o programa, o programa. O PROGRAMA?"

Hotel de Segunda (sem ouvir...): "Espontaneamente movimentado, o imposto popular aos sócios, que não gosto, no poder..."

Octógono Ganso (brilhante, despejando as palavras decoradas, completamente alienado por elas): "Nós, mais eu, mais as amplas liberdades esquerdas na prisão dos operários controlados pela maioria algébrica!..."

Jota Letrinhas (triste): "Sem programa acabamos o programa."

Pinheiro Bravo (concludente): "O costume nesta Sociedade, quando o pássaro na gaiola é unicamente como eu, que fala da maneira que todos percebem a minha candidatura."

Jota Letrinhas (muito sério, consultando o relógio): "Obrigado, ficamos todos esclarecidos. Os sócios decerto já sabem em quem votar!"

Ramalhalvo: "É imperativo!"

LIVROS

A ORIGEM DO CRISTIANISMO
Autor: J. Lentsam

A análise científica do problema das origens do cristianismo mostra que esta religião, como todas as outras, apareceu em consequência de certas condições económicas e sociais.

Um livro em que o leitor encontrará uma crítica dos pensadores da Antiguidade ao cristianismo e o relato das razões do aparecimento de doutrinas heréticas do século II.

Edições J. Bragança

Preço.: 90\$00

AS MONARQUÍADAS

Autor: Aurelino L. da Silva

"As Monarquías" não tem o propósito de "erudizar" o espírito do leitor, mas, unicamente, recrear, por isso se torna, para quem o lê, um livro jovial cuja leitura é rápida e facilmente apreciada.

Editorial AlfaOmega

Preço.: 60\$00

HISTÓRIA

DA

FRANCO-MAÇONARIA

EM PORTUGAL

Autor: M. Borges Grainha

Esta palavra, "Maçonaria", ainda hoje suscita em cada um de nós, profanos, sentimentos diversos, por vezes contraditórios, mas no fundo um pouco misturados: estranheza, receio, horror, repulsa e fascinação. Na altura em que é fundamental distinguir o essencial do acessório, a Maçonaria em livro que merece a nossa atenção.

Editorial Vega

À VENDA NAS LIVRARIAS

Preço.: 100\$00

DISTRIBUIDORA O SÉCULO

OTO RINO



A manifestação de 6 de Junho: os açorianos contra o gonçalvismo

QUE AUTONOMIA ?

FALAM OS PARTIDOS

Com as eleições à porta, os açorianos preparam-se para viver dias de intensa actividade política que, apesar das "presidenciais", não irão passar despercebidas no Continente. Trata-se, no âmbito do Estatuto de Autonomia, de eleições para a Assembleia Regional. Em princípio, o PPD, como partido maioritário, será o vencedor, mas...

"O povo açoriano nunca encontrou nos partidos políticos existentes a correspondência exacta das suas aspirações. O PS teve, em certa altura, uma atitude menos prudente mas, ultimamente, tem actuado com maior prudência, tentando implantar-se a nível das classes trabalhadoras. O PPD, que é

o partido maioritário dos Açores, tem assumido, desde o 25 de Novembro, uma posição ambígua, o que, em certos aspectos, lhe retirou autoridade entre o povo.

"Os resultados eleitorais demonstram algo de desencantamento do eleitorado face aos partidos existentes.

Enquanto o PS apenas ganhou 19 votos, o PPD perdeu 12 mil, sem que nenhum partido beneficiasse deles, a não ser, em parte, o CDS, obtendo mais 5 mil votos do que no ano anterior. Há, portanto, um saldo negativo de 7 mil que não foram para ninguém." Esta é a opinião de Gustavo de Moura, que acrescentou: "Quanto à UDA, julgo que tem ainda um espaço muito pequeno, embora os seus princípios básicos correspondam àquilo que o povo quer."

Do PPD local, falámos com Américo Natalino, deputado pelo partido às Assembleias Constituinte e da República.

Começou por dizer: "Vou-lhe falar sem conhecer exactamente qual o ponto da situação, pois, como sabe, aguardamos o resultado das alterações introduzidas pelo Conselho de Ministros no nosso Estatuto de Autonomia. É certo que o general Altino de

Magalhães, na comunicação que fez, enumerou algumas alterações, mas essas não seria necessário fazê-las, pois já estavam consagradas na Constituição e nada têm a ver com outras que possam ser sancionadas pelo Conselho da Revolução. Essas outras é que nós continuamos sem saber quais são e se, de facto, existem. O senhor Bonjardim, um dos elementos que encabeçou a delegação que foi a Lisboa, recusa-se a falar sobre o assunto, pois, segundo ele, teria feito um pacto com o ministro Almeida Santos para que nada revelasse antes de ouvi-lo. Estranho, não é? Por isso eu não sei o que se está a cozinhar por detrás de tudo isto. Só sei que o ministro Almeida Santos, um dos responsáveis pelo que se passou em Angola e Moçambique, é um dos mestres de palco destas alterações que estão a ser feitas aos estatutos. E parece-me que, inexplicavelmente, ele está a meter o nariz em muitos lados.

“Quanto aos sentimentos de autonomia do povo açoriano, eles existem de longa data, não são de agora. Parece-me, no entanto, que, com o actual estatuto, se não for alterado no que tem de fundamental, o povo açoriano passa a dispor de um elemento favorável para a sua emancipação.

“Uma das condições essenciais para que a autonomia dos Açores seja uma realidade, é cimentar a unidade dos Açores e dos açorianos e não dar mais oportunidades para que o Governo Central jogue com certas rivalidades existentes.”

MUITOS VOTARAM NA INDEPENDÊNCIA

Do CDS açoriano, registamos a opinião do eng. Manuel Cordovil, secretário e porta-voz daquela organização:

“Teremos o cuidado de procurar saber qual o sentir da população que nos propusemos servir, bem como saber aquilo que estava subjacente à grande adesão que os açorianos parecem dar ao principal movimento separatista dos Açores, conhecido por FLA.

“A Junta Regional, ao ser criada, teve por principal missão elaborar um



Num edifício de Ponta Delgada, a bandeira dos Açores é uma presença habitual

Estatuto de Autonomia, no prazo de três meses.

“Muito embora o problema fosse de capital importância, só no último mês a referida Junta fez nomear uma Comissão que, imediatamente, elaborou um anteprojecto, o qual foi posteriormente apresentado ao Conselho da Revolução e que veio a ser alterado por uma Comissão de Análise e submetido a um Conselho de Ministros, que, não satisfeito com aquilo que já havia sido cortado, mercê das limitações constitucionais, ainda amputou mais a autonomia, de forma a transformá-la num diploma de colónia, que ofendeu o açoriano já cansado de esperar por aquilo que lhe é devido.

“Foi precisamente quando o anteprojecto de Estatuto de Autonomia foi posto à discussão pública que o CDS açoriano procurou, isoladamente, fazer um inquérito à população, que lhe permitisse avaliar qual o grau de autonomia que desejava.

“Pelo pouco tempo de que dispuse-

mos e pelas dificuldades inerentes a um arquipélago de nove ilhas, com péssimas ligações entre elas, não nos foi possível inquirir mais que 5907 pessoas.

“Os resultados obtidos confirmaram aquilo que o contacto directo do dia-a-dia nos ditava e que nos havia levado à escolha da solução de Comunidade (a mais ampla autonomia que não a independência).

“Os inquiridos responderam **sim** ao direito ao referendo, numa percentagem de 87,7 por cento, contra 3,6 por cento que responderam **não**. Em relação à forma de governo, disseram **sim** à **autonomia** (proposta no anteprojecto da Junta Regional) apenas 10,9 por cento; **sim** à **comunidade** (defendida pelo CDS açoriano), 38,9 por cento; e à **independência** disseram **sim** 44 por cento. Esta votação foi directa e secreta, após um breve esclarecimento sobre a matéria em votação.

“Claro que, perante estes resultados e tendo em atenção que se vivia num período de descrédito em relação ao Governo Central, tal como agora, muitas pessoas votaram na independência porque não acreditavam que o Governo alguma vez desse a autonomia preconizada pelo CDS açoriano. Quanto a nós, continuamos a defender a Comunidade.

“Quando nos perguntam quais as vantagens da autonomia para os Açores, nós respondemos: todas, se ela for ampla; poucas ou nenhuma, se ela for restrita, como aquela que, há dias, o Conselho de Ministros aprovou.”

“COMPARAMOS OS AÇORES A UM BOTE...”

“Nós comparamos sempre os Açores a um bote que vai a reboque de um navio prestes a naufragar. Há que folgar o cabo de reboque para que, se o navio naufragar, não arraste consigo o bote para o fundo, antes que ele consiga livrar-se.

“Comparamos também os Açores a uma filha que quer casar e que, embora deseje sair de casa dos pais, prefere ficar tão próxima quanto possível para, sempre que necessitar, poder ser auxiliada, porque ainda não se sente preparada para uma vida independente. As vantagens da autono-

mia para os Açores, se ela for bastante ampla, resumem-se a duas palavras: Paz e Progresso. Paz, porque o factor sociopolítico, bastante diferente do do Continente, permite, por enquanto, um clima de tranquilidade e bom entendimento entre as diferentes classes, que nos Açores tendem a aproximar-se.

“Progresso, porque a nossa economia não foi tão afectada como a continental, uma vez que fugíamos às greves selvagens e outras medidas demagógicas, o que permite uma base de arranque que, juntamente com as enormes potencialidades ligadas à geotermia, turismo, agro-pecuária, pescas e outras, nos permitirá, a muito curto prazo, alcançar o nível de vida dos países desenvolvidos.

“Nós só lamentamos que o Governo Central sofra de complexos de pai que não quer perder o filho e procure enclausurá-lo, até que ele acaba por fugir de vez, perdendo-o, então, por completo.

“A FLA É UM MOVIMENTO CLANDESTINO BASEADO NA ARRUAÇA”

Na sede do PS, ouvimos, depois, João Luís de Medeiros (J.L.M.):

J. L. M. — A nossa posição política foi sempre coerente, como também em relação ao Arquipélago dos Açores. Nunca tivemos ambiguidades neste campo, fomos sempre firmes na defesa de uma velha aspiração do povo açoriano: uma ampla autonomia política e administrativa, sem sermos, no entanto, independentes.

Entendemos que é através de uma via autonomista que as classes trabalhadoras poderão alcançar a sua emancipação e defender as conquistas revolucionárias já alcançadas. Todos os partidos se têm batido por uma autonomia política e administrativa, mas, depois, na Constituinte, não têm cumprido o que prometeram.

V. M. — A FLA não esteve na Constituinte e, por isso, não teve oportunidade de aí defender o que promete. Qual a vossa opinião sobre aquela Frente?

J.L.M. — A FLA é um movimento clandestino, que utiliza sistemas de

actuação principalmente baseados na arruaça. As eleições foram categóricas em afirmar a vontade política de cada açoriano; se havia alguém que tivesse dúvidas sobre se a população açoriana queria ou não continuar portuguesa, basta consultar os números de votação... O povo votou nos partidos que têm programas nacionais.

V. M. — E sobre o Estatuto de Autonomia?

J.L.M. — Bom, quanto a nós, no que diz respeito à própria autonomia, ela nunca esteve em perigo, como muitos tentaram fazer acreditar. Havia, isso sim, forças interessadas em manipular, em criar um clima de agitação social para prejudicar o processo eleitoral que aqui se vai realizar, para a Assembleia Legislativa Regional. Concretamente, o PPD tentou criar um clima propício a uma eventual manifestação, no sentido de colher triunfos políticos para a sua campanha a nível regional.

V. M. — Acha que o PPD necessita desses expedientes, ele que foi o partido maioritário nos Açores?

J.L.M. — A direita não tem vocação para actuar numa sociedade onde haja regras democráticas. De qualquer maneira, ela dispõe, aqui, de grande espaço de manobra, quer dizer, dispõe do poder económico, dos jornais, etc., enquanto o PS, por exemplo, só dispõe

da grande percentagem do povo açoriano que acredita no seu programa.

V. M. — Todos os jornais estão nas mãos dessas forças a que chama de direita?

J.L.M. — Bom, há excepções. Aqui em Ponta Delgada há dois, em Angra há outro; o resto, a maioria, está de facto nas mãos dos partidos de direita.

IGNORAR A FLA É FAZER COMO A AVESTRUZ

Quanto à FLA (Frente de Libertação dos Açores), trata-se de um movimento clandestino que reclama a independência dos Açores. E, ao contrário do que nos quiseram fazer crer, parece ser uma organização popular e que representa a opção separatista, caso se negligencie na aplicação do Estatuto de Autonomia para o Arquipélago açoriano. Esta foi a ideia com que ficámos depois do contacto com pessoas, nas ruas e nos campos, não falando já, sequer, nas pessoas que se põem de pé, em sinal de respeito, quando toca o “Hino do Espírito Santo”, nem tão-pouco na enorme quantidade de inscrições que existem por toda a parte, assinadas com aquela sigla — nas paredes, nos autocarros, no chão... Ignorar esta

Na pista do aeroporto, camiões impedem a aterragem dos aviões





Manifestação anti-separatista, em Ponta Delgada. Na primeira fila, dirigentes do P.S.

disposição é fazer como a avestruz, enterrar a cabeça na areia para não ver o que se passa em volta. É, afinal, fazer o mesmo que o anterior regime fez em relação aos territórios africanos. A FLA, nos seus princípios programáticos, começa por afirmar:

“Os actuais dirigentes não têm qualquer compromisso com a alta finança, não representam ou propõem qualquer projecto político partidário, pois são de vários quadrantes políticos, com exclusão de extremismos de direita ou de esquerda; as directrizes de actuação nos campos da política interna e da política externa, independentemente de quaisquer grandes blocos mundiais e que, tal como os de natureza económico-financeira, obedecem claramente às condições inerentes a uma República Democrática de tipo ocidental, onde não terão lugar os privilégios dos chamados “senhores feudais” e se buscará, afanosamente, a participação de todo o povo açoriano na construção pacífica e humanista do seu presente e do seu futuro.”

E, mais à frente, considera: “Ao

longo de cinco séculos, os Açores têm sido dominados por Portugal, em termos rigorosamente coloniais. Esta dominação verifica-se no campo político, económico-financeiro, social e cultural. No campo económico-financeiro, pode citar-se: subordinação do desenvolvimento dos Açores às necessidades de Portugal; absorção ou controlo das empresas açorianas por congéneres portuguesas; fixação de preços de produtos fundamentais por Lisboa e conforme as suas conveniências; drenagem para fora das ilhas de capitais públicos e privados, a fim de serem investidos em Portugal.”

“A AUTONOMIA, SÓ POR SI, NÃO RESOLVE NADA”

Na sede local da TAP, onde é funcionário administrativo, encontramos Paulo Lima, militante do PCP, com quem tivemos um breve diálogo:

Paulo Lima — O que caracteriza a situação política dos Açores é a falta de liberdades, a perseguição a todos os

elementos progressistas, nomeadamente aos militantes do PCP, do MES e do MDP/CDE, como ficou bem demonstrado pelos acontecimentos do dia 17 de Agosto do ano passado, com o assalto e destruição do jornal “O Trabalhador”, de Angra, à sede do nosso partido e à do MES. A partir daí, os trabalhadores viram-se impossibilitados de levar por diante as suas lutas, que seriam muitas. Há a questão do contrato de arrendamento, a do ordenado mínimo nacional — que cá, em grande parte, não é aplicado, uma vez que a maioria dos trabalhadores não recebe 3300 escudos. O objectivo dos senhores cá da terra é banir os partidos de esquerda, para ficarem à sua vontade e explorarem os trabalhadores.

V.M. — O que pensa sobre a autonomia dos Açores?

P.L. — Só por si, ela não resolve nada; a questão está em saber quem controlará essa autonomia. Se forem as forças de direita, antidemocráticas, então os trabalhadores nada terão a ganhar.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Dinheiro que vale ouro

O seu dinheiro pode mesmo valer ouro!
Por cada 5 Obrigações de 1.000\$00, pode comprar uma Obrigação-Ouro de 500\$00.
Estes 500\$00 representam hoje, o preço médio de 3,819 gr. de ouro fino.
A Obrigação-Ouro tem a vida mínima de 2 anos. A máxima de 5. E rende um juro de 6% ao ano. O Estado amortizará em cada ano um número fixo de Obrigações. A 1.ª amortização será feita em Maio de 1978. A última, em Maio de 1981. Cada Obrigação-Ouro será paga pelo valor de 3,819 gramas de ouro fino. Valor calculado ao preço médio internacional de Londres.

E referido ao período anual que vai de Abril do ano anterior até Março do ano da amortização. Assim, além do juro, se o ouro subir você ganha ainda mais. Porque receberá aquilo que valerem os 3,819 gramas de ouro fino. Mas se o ouro descer, também não perde. O Estado garante-lhe o mínimo de 500\$00. Exactamente o que subscreveu. Como vê o seu dinheiro está absolutamente garantido. E com outra vantagem: livre de impostos. A partir de 10 de Maio e até 30 de Junho, compre Obrigações do Tesouro. Consulte qualquer instituição de crédito.

pago ao valor do ouro



Juros das obrigações do tesouro

	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO	6º ANO	7º ANO	8º ANO
OBRIGAÇÕES DE 1000\$00	10%	10%	11%	11%	12%	13%	14%	15%
OBRIGAÇÕES OURO DE 500\$00	6%	6%	6%	6%	6%	—	—	—

ESTUDANTES CANSADOS DE CONTESTAÇÃO FÁCIL

A situação do ensino e a organização do movimento associativo são problemas que preocupam os estudantes. Preocupam de igual modo todo o povo português que tem visto a anarquia instalar-se nas escolas e sente a contradição existente entre o projecto de sociedade pela qual democraticamente optou e os programas de ensino definidos pelo Ministério e por alguns professores.

É evidente que o panorama do ensino em Portugal é susceptível de múltiplas interpretações. Mas poucos são os que negam a anarquia e a manipulação nas escolas.

Connosco, numa discussão sobre estes problemas, dirigentes de associações estudantis com opções definidas. As interpretações e as palavras pertencem-lhes. Como contribuição nossa a um debate que pretendemos, registamo-las.

Vida Mundial — É hoje opinião corrente que nas escolas (ou pelo menos em algumas escolas) existe um certo clima de desorganização. Que pensam sobre isto?

Francisco Queirós — A Faculdade de Letras do Porto é, sem dúvida, um exemplo desse clima. Ao dizer isto, não estou a desprestigiar a Faculdade mas sim a constatar um facto que toda a gente pode observar. Limito-me a pôr o dedo na ferida. Diversos factores, internos e externos, impediram até hoje a reestruturação do ensino ao serviço da independência nacional e da democracia, nas novas condições surgidas com o 25 de Abril. O factor principal é de natureza política: trata-se, tanto no ensino como na sociedade em geral, da acção de sabotagem e criação de um clima de anarquia por parte dos sociais-fascistas.

Os elementos que o fazem, pondo em prática a linha do partido cunhalista, procuram apoderar-se das posições-chaves de modo a tudo controlarem. São sociais-fascistas experientes, que

procuram introduzir-se, por exemplo, no Conselho Directivo, na Comissão Administrativa, nos Grupos de Trabalho sobre o ramo educacional, etc. Pessoas que tentam “representar” a Faculdade no Secretariado Interfaculdades de Ciências Humanas, na Universidade Aberta, etc. Uma grande parte dos professores contratados após o 25 de Abril é afectada ao partido de Cunhal e satélites. Isto insere-se numa nova escalada como a que conduziu ao golpe de 25 de Novembro.

A solução para vencer a anarquia do ensino é afastá-los decididamente dos órgãos de gestão, dos lugares que ocupam no MEIC, etc., e substituí-los por patriotas e democratas.

Os estudantes começam a ficar cansados de golpismos, de promessas ilusórias, de “contestação” fácil. Estão a tomar cada vez mais consciência do perigo do abismo para onde o social-imperialismo russo procura arrastar o nosso povo.

Ainda há dias, os estudantes da Faculdade de Letras do Porto, pela

segunda vez, não deram ao “muti” Oscar Lopes o número de votos necessário para ser reeleito no cargo de coordenador, ao qual concorria como candidato único.

V.M. — E basta essa medida para pôr termo à anarquia na Faculdade?

F.Q. — É também necessário rever o regulamento interno da Faculdade, que peca por ultrademocratismo. Ora, o ultrademocratismo é inimigo da democracia. Está-se em constantes reuniões, que nem sequer contam com uma participação de largo número de estudantes e nas quais nada se decide. É necessário que a Comissão de Gestão tenha efectivos poderes deliberativos. É necessário acabar com a demagogia e a anarquia que é a “autogestão” estudantil das faculdades e escolas. O MEIC que tome as suas responsabilidades na gestão.

V.M. — É comum dizer-se que o ensino se tem degradado. Ainda há pouco um jornal anunciava que a Organização Mundial de Saúde criticava o nível actual dos cursos de Medicina em Portugal. Um exemplo como qualquer outro. Que se verifica em relação a isto nas vossas escolas?

F.Q. — Do mesmo ponto de vista há, em primeiro lugar, que afirmar sem papas na língua que isso é o resultado da sabotagem do ensino por parte da citada corrente política. Sabotagem essa que se traduz, por exemplo, na desorganização, no clima de anarquia que reina em muitas escolas.

Na Faculdade de Letras do Porto, que frequente, isso é visível. Desde os simples serviços de secretaria, que em certas secções não estão devidamente organizados, até à falta de professores, sobretudo no curso de Filosofia; desde o Conselho Directivo, praticamente sem poder deliberativo, até às diferentes escalas de avaliação de conhecimentos, isto é, à atribuição de notas “qualitativas” a alguns alunos e notas “quantitativas” a outros; desde a ausência de programas bem definidos em vários cursos até à incompetência e acção obscurantista ao serviço do social-imperialismo russo de certos professores, transparece esse clima de desorganização e de anarquia.

António Domingos — Eu tenho qualquer coisa a dizer a respeito da anarquia no ensino. As situações anárquicas que nele se sucedem têm estado intimamente relacionadas com a situação geral no País. Vou referir-me concretamente ao Liceu de Oeiras. No apogeu do gonçalvismo, verificou-se a anarquia total. As salas de aula mais pareciam montes de lenha, devido ao número de carteiras partidas. Quanto às portas, a grande maioria já não tinha fechadura. O Liceu era periodicamente assaltado, nomeadamente o refeitório, chegando a ser roubada uma máquina duplicadora.

Os distúrbios provocados por certos grupos políticos como a UEC, os anarquistas, a UDP, o MRPP, etc., criaram um clima de constante instabilidade. No desenrolar de uma dessas cenas, os anarquistas, drogados, entraram no pátio e partiram os vidros à pedrada, o que levou ao encerramento do liceu.

Neste momento a situação é favorável às forças democráticas, estando em vias de normalizar.

A ANARQUIA DO ENSINO PERMITIU O SEU CONTROLO POR FORÇAS ANTIDEMOCRÁTICAS

José Ramos — Para compreendermos como se chegou a este estado de coisas, parece-me que convém traçar, em breves palavras, o quadro da situação do ensino do 25 de Abril para cá.

A luta que os estudantes travavam há já algum tempo contra um ensino difusor de ideias colonialistas e fascistas começou, pouco depois do 25 de Abril, a ser aproveitada pelos sociais-fascistas para se lançarem ao assalto do Ministério da Educação e das escolas.

Passam então a injectar nos programas escolares o seu veneno. Controlando o FAOJ — Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis —, canalizam os subsídios às organizações sob o seu controlo. Criam ainda um Serviço Cívico, que tentaram utilizar quando detinham a supremacia, para afastar

estudantes das escolas e arregimentar a juventude. Hoje, opõem-se ao Serviço Cívico e fazem dessa oposição uma forma de mobilização dos jovens contra a democracia.

Nas escolas superiores, como é o caso da Faculdade de Letras de Coimbra, as comissões de gestão sociais-fascistas só contratam os seus apaniguados. Não dão andamento ao processo de contratação de muitos professores. Por sua vez, os cunhalistas infiltrados no Ministério da Educação também não lhes dão despacho, para virarem os estudantes contra o próprio Ministério. O processo de colocação de professores foi por eles viciado, quer através de decretos promulgados no V Governo (como o 409-A-75) quer através do controlo da Comissão Central de Colocações. Retardam a colocação de professores para levarem os estudantes a lutar por ela. Em 11 de Março último, procuraram mesmo utilizar essa justa reivindicação para levar os estudantes do ensino secundário à greve.

V.M. — E que medidas consideram necessárias para resolver essa situação?

Espírito Santo — Antes de tudo, medidas de carácter político, claro. Sem que os cunhalistas e satélites da UDP e MES sejam corridos dos postos que ocupam no MEIC, nas escolas, etc., será impossível pôr a funcionar o ensino em moldes democráticos.

V.M. — A gestão democrática é considerada, por várias forças políticas, como uma conquista do 25 de Abril. Partindo da experiência concreta, qual é a vossa opinião sobre o papel que ela tem desempenhado?

Rogério Jacques — Depois do 25 de Abril, assistiu-se ao afastamento dos reitores e professores ligados aos “conselhos disciplinares” comprometidos com o regime fascista. A partir daí, generaliza-se a demagogia do controlo das escolas pelos estudantes. O MEIC, já então infiltrado de sociais-fascistas, lança um projecto de decreto propondo a eleição de comissões de gestão. Os sociais-fascistas das escolas e todos os seus fiéis seguidores defenderam-no acaloradamente como “o mais progressista da Europa”...

Por outro lado, os aventureiristas propõem teorias aberrantes e utópicas como o “controlo estudantil”, “auto-gestão das escolas”, “controlo das escolas nas mãos da classe operária”. A aplicação destas teorias abriria ainda mais o campo à instauração de um clima de anarquia favorável aos sociais-fascistas, como aliás, tanto quanto sei, se passa em algumas escolas em que esta experiência foi encetada, como o Instituto Superior Técnico. O Técnico é hoje uma espécie de “Vincennes” portuguesa. Os seus diplomas, como os de outras escolas, não terão em breve nenhum valor. Não era eu que queria passar nas “pontes” que esses engenheiros poderão vir a construir...

V.M. — Quer dizer que vocês são contra a participação na gestão da escola? Que propostas apresentam então?

E.S. — Se me permites, Rogério, eu queria dizer qualquer coisa no seguimento da pergunta que foi feita. Nós temos, de facto, uma ideia diferente sobre isso. E temos uma posição concreta nesta matéria.

Para contrapor a estas ideias que o Rogério acabou de referir, defendemos o funcionamento normal das escolas e, para tal, a gestão democrática nas mesmas. Cabe aos estudantes, através da sua estrutura representativa — a Associação — exigir do Estado que a gestão seja, de facto, democrática.

Em segundo lugar, opomo-nos à eleição de “representantes” dos estudantes para a Comissão de Gestão. É na Associação que os estudantes se organizam para a resolução dos problemas que têm, para interesses específicos, imediatos e colectivos. A direcção da Associação, sendo eleita pelos estudantes, é, de facto, representativa destes.

Cabe à direcção da Associação, através de um seu delegado junto da Comissão de Gestão, apresentar aí as posições dos estudantes face aos seus problemas e não entrar em práticas corporativas ou de co-gestão, como aconteceria no caso da posição puramente demagógica dos estudantes participarem na gestão da escola.



Dirigentes estudantis com o repórter de "Vida Mundial": "Os estudantes começam a ter consciência de que estão a ser levados para o abismo"

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO NA ENCRUZILHADA

V.M. — E, sobre o movimento associativo estudantil, qual é, a vosso ver, o panorama actual?

F.Q. — Neste momento, a actividade do movimento associativo centra-se, essencialmente, na criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP), estrutura federativa nacional — uma espécie de central sindical a nível de associações de estudantes.

A actual situação do movimento associativo ficou bem patente no Encontro Nacional de Direcções Associativas, realizado em 23 de Maio último, em Lisboa.

Por um lado, temos as direcções democráticas que se batem consequentemente contra o social-fascismo e por

um processo democrático de construção da União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP). É o caso das direcções das Associações das Faculdades de Letras e de Medicina do Porto, Liceus D. Dinis e D. Pedro V, em Lisboa, Liceu de Setúbal, Liceu D. Maria Pia, em Coimbra, Liceu D. Maria II, em Braga, entre outros. Estas associações defendem que o processo de criação da UNEP terá de englobar a grande maioria dos estudantes e para isso todas as fases da sua criação devem ser amplamente discutidas. Por isso, estas direcções se opuseram a que ali fosse definido, "a priori", a realização de um congresso de formação da UNEP, a sua data, etc.

Por outro lado, temos o bloco social-fascista (os cunhalistas, a UDP e o MES): as direcções das Associações das Faculdades de Medicina, Agronomia e Ciências, de Lisboa, Economia, Ciências e Engenharia, do Porto. Estas tentam, a todo o custo, encavalitar-se uma vez mais nas costas dos estudan-

tes, através de uma nova pró-UNEP burla.

Existe ainda o bloco de direcções aventureiras, onde se faz sentir a influência do MRPP. São exemplos: as direcções das Associações das Escolas Veiga Beirão (dia), Marquês de Pombal, de Leiria e Vila Franca, Liceus de Guimarães e Castelo Branco, etc. Estas associações tinham procurado apressar a criação da UNEP, no último encontro, visto se encontrarem em maioria.

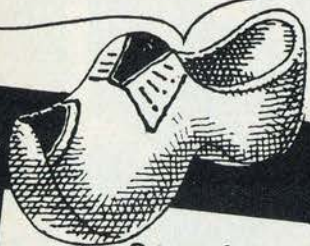
Por último, há o bloco de direcções conciliadoras, que se transformam num juguete. É o caso das direcções da Associação Académica de Coimbra e da Associação da Faculdade de Direito de Lisboa, dominadas pela JS.

V.M. — Qual foi a actuação desses blocos de forças a que vocês se acabam de referir no Encontro Nacional de Direcções Associativas de 23 de Maio?

R.J. — A actuação e, por conseguinte, a tática dos cunhalistas e dos radicais tinha em conta as duas

Descubra a Holanda!

APA 76



a partir de
4.295 \$

VIAGEM DE TURISMO
Avião, ida e volta. Hotel, quarto (casa banho priv.)
Peq. almoço. 1 excursão.
(todos imp. incluídos)

a partir de
6.425 \$

VIAGENS DE ESTUDO
Avião, ida e volta. Hotel.
Todas as refeições.
Conjunto de visitas técnicas.
Autocarro privativo.
(todos imp. incluídos)

7 dias e 6 noites na Holanda!

Os moinhos, as túlipas e os canais
— se gosta de fazer turismo,
— ou... uma viagem de estudo com
guias intérpretes para um conjunto
de visitas técnicas a qualquer
sector específico:
ensino, agricultura, cooperativas,
tecnologia, centros experimentais,
serviços sociais, sindicalismo.



Queiram enviar folheto "Descubra a Holanda" 14

nome _____
morada _____

Recorte este cupão e remeta-o para o seu Agente de Viagens ou para a KLM:
Praça Marquês Pombal, 4 - L. 1 - T. 537095 ou para a TAP: Rua Duque de Palmela, 23-3.º - L. 1 - T. 538852
Praça D. Filipa de Lencastre, 3 - Porto - T. 28371

Ensino

eventualidades: estarem ou não em maioria. Se se encontrassem em minoria procurariam sabotar a construção da UNEP, como fizeram nos últimos encontros. Para eles, a situação não era clara e só com o apoio da JS conseguiram vencer as votações... e pela margem de dois votos.

Ao verificarem que detinham a maioria, deixaram de tentar atrasar o decorrer da reunião, e conseguiram fazer aprovar propostas reaccionárias. Moções que agitavam o espantallo do "regresso ao fascismo" para encobrir o real avanço dos sociais-fascistas no ensino.

com ele, em certos momentos. Foi o caso de se absterem na votação da moção cunhalista que exigia a dissolução das interassociações de pais, que desempenham um certo papel positivo no combate à influência social-imperialista no ensino. Não admira que os cunhalistas as classifiquem de "nova CAP". O que, pelos vistos, criou complexos "de direita" nos elementos do MRPP.

V.M. — Do vosso ponto de vista, quais as perspectivas da constituição de uma UNEP representativa?

F.Q. — O encontro de 23 de Maio foi uma lição para as direcções

PARTICIPANTES NA MESA REDONDA

Nesta mesa-redonda participam dirigentes associativos estudantis integrados na corrente "Por um Ensino ao Serviço da Independência Nacional e da Democracia", apoiada pela Juventude Social-Democrata e pela União dos Estudantes Comunistas (marxistas-leninistas):

Francisco Queirós — Membro da direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto;

Rogério Jacques — Da direcção da

Associação de Estudantes do Liceu D. Dinis;

Espírito Santo — Da direcção da Associação de Estudantes do Liceu D. Pedro V;

António Domingos — Da direcção da Associação de Estudantes do Liceu de Oeiras;

Participou também **José Ramos**, membro da Lista C, candidato aos corpos gerentes da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico.

A isto as direcções democráticas contrapuseram moções em que denunciavam a tática social-fascista de reintegrar no ensino elementos comprometidos com o fascismo, para depois poderem gritar que "o fascismo avança". Nestas moções exigia-se o saneamento dos sociais-fascistas infiltrados no MEIC e no ensino em geral.

Os elementos conciliadores da JS colocaram-se na barricada da extrema-direita cunhalista. Desde modo põem em perigo a construção de uma UNEP democrática e representativa! Conciliando com eles, a JS permite que os piores inimigos do povo português tentem utilizar os estudantes nos seus desígnios de colocar Portugal na órbita do social-imperialismo russo.

Os aventureiros do MRPP que, por diversas vezes, estiveram ao lado das direcções democráticas no combate ao social-fascismo, conciliaram também

democráticas, pois mostrou claramente que, se esta situação se mantiver, a construção de uma UNEP democrática e representativa está em perigo. Nem uma única associação democrática pode deixar de participar. É preciso impedir que os sociais-fascistas, apoiados nos conciliadores da JS, criem uma nova Intersindical, desta vez para controlar e manipular as juventudes estudantis.

A criação da UNEP tem que processar-se através de um amplo processo democrático que permita englobar a esmagadora maioria das Associações de estudantes.

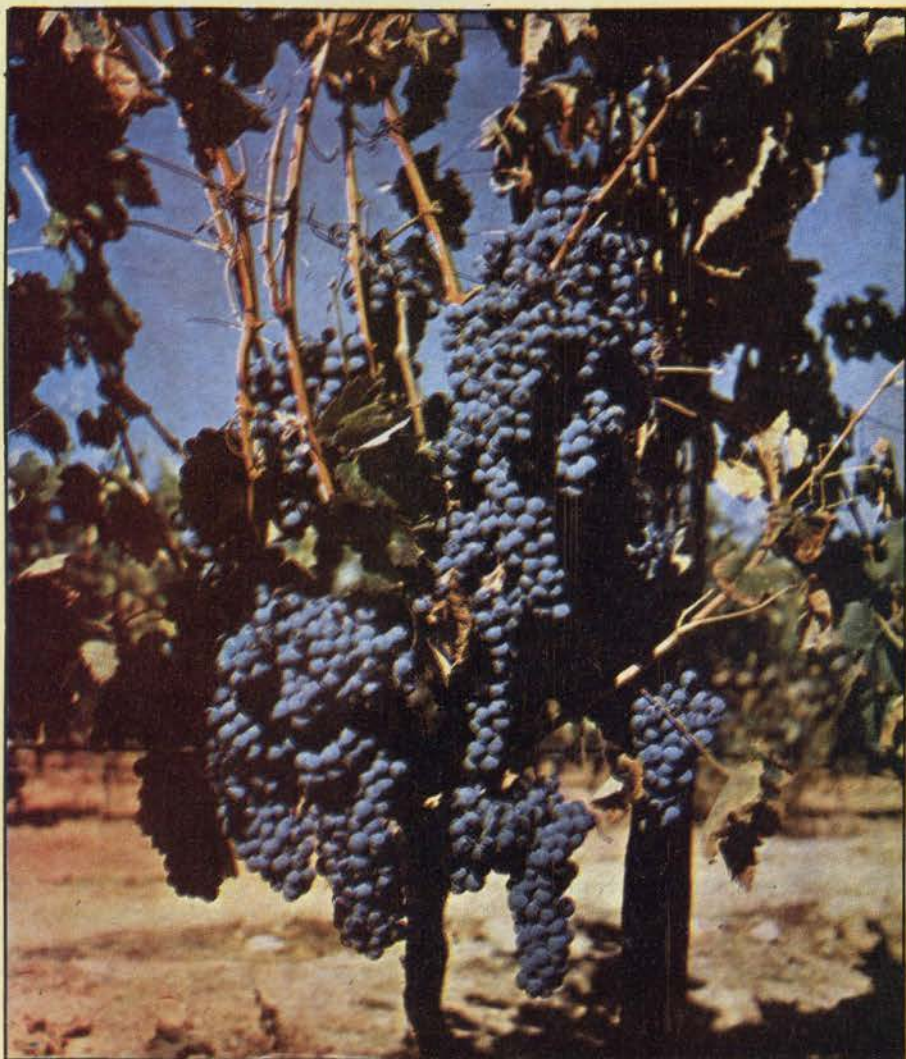
Em primeiro lugar é preciso aprovar uns estatutos, em Congresso, antes do qual devem ser postos à discussão os diferentes projectos. Só depois, e de acordo com os estatutos aprovados, devem poder ser eleitos os órgãos dirigentes representativos.

(*) Preço por pessoa para um grupo de 9 pessoas (à partida de Lisboa) ou de 6 pessoas (à partida do Porto, Faro e Funchal) viajando juntas.
(**) Para grupos com o mínimo de 21 pessoas.
Preços ligeiramente acrescidos para grupos menores.

Venha o vinho Corra o copo...

O enlace do sol e da vinha é uma das imagens que mais poderosamente traduz o clima físico e psicológico de Portugal.

Bebendo o sol no suco da uva, a alma portuguesa é banhada pela luz solar. Mas, o licor de Baco produz efeitos que conjuram as potências nocturnas. Esta deambulação psíquica entre a luz e as sombras não é, certamente, alheia àquela inquietação que se vaza na saudade, esse sentimento entranhadamente português. Por isso mesmo, quer na iconografia quer na literatura populares e eruditas o vinho é um motivo de perpétua inspiração.



O que os portugueses bebiam na idade média

O número de bebidas era extremamente limitado. Café, chá, chocolate desconheciam-se. À base de vinho e água se matava a sede ou se acompanhavam os alimentos.

A vinha alternava com o “pão” no revestimento das terras. Produziam-se os mais variados vinhos, brancos e tintos. Exportava-se de Portugal para todo o Norte da Europa. Não há notícias de crises de produção vinícola comparáveis às ocorridas com os cereais.

Vinhos palhetes, de cor mais rosada, tinham fama além-fronteiras. O vinho de Azoia, que a documentação medieval parece equiparar aos vinhos gregos de malvasia, era conhecido em Inglaterra, nos Países Baixos e em todo o mundo hanseático.

Bebia-se o vinho, não apenas no seu estado natural (cru) como também cozido. Temperado com água, considerava-se a bebida ideal, até para paladinos da frugalidade e da moderação à mesa como um D. Duarte. Que não se bebesse, no entanto, mais de duas ou três vezes ao jantar e outro tanto à ceia, recomendava o monarca. E que fossem duas partes sempre de água. Depois da

ceia, bebesse-se muito pouco, ou mesmo nada, continua o *Leal Conselheiro*. No *Livro da Montaria* ia-se pelo mesmo: o vinho que fosse *terçado* ou *meado* de água, jamais puro. Mas tratava-se de conselhos que não passariam do papel, em tempos onde os esforços eram mais violentos e os refrescos menos copiosos.

Nos conventos, o uso do vinho não suscitava as críticas que só mais tarde se levantariam. A ração diária de vinho, dada às religiosas do mosteiro de Vila do Conde, pelo testamento de D. Afonso Sanches, seu fundador, ascendia a pelo menos litro e meio por cabeça.

No Norte da Europa, fazia-se abundante consumo de cerveja. Mas em Portugal, embora subsistam provas de importação esporádica desse produto, não parece que o seu consumo tivesse alguma vez sido popular durante a Idade Média.

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES
(in “A Sociedade Medieval Portuguesa”)



A Trásfega do Vinho — gravura do século XVI

“Deixa ao Mosteiro de S. Jorge parte das suas vacas, e as ovelhas, e metade das suas vinhas, de Alvisquer, termo de Santarém e outra metade ao seu chanceler Durando Furgães e a sua adega de Marvila (Santarém) com todas as suas cubas”. (Do testamento do D. Sancho II)

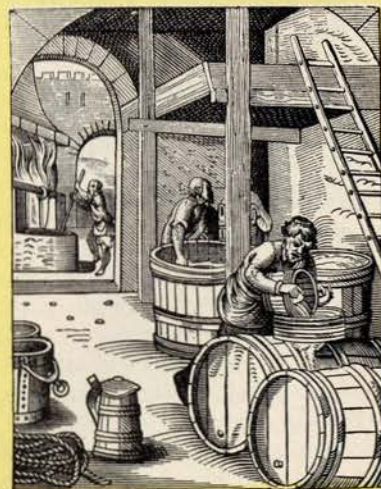
O QUE OS PORTUGUESES BEBIAM NA IDADE MÉDIA

D'uma gram vinha que tem em valada

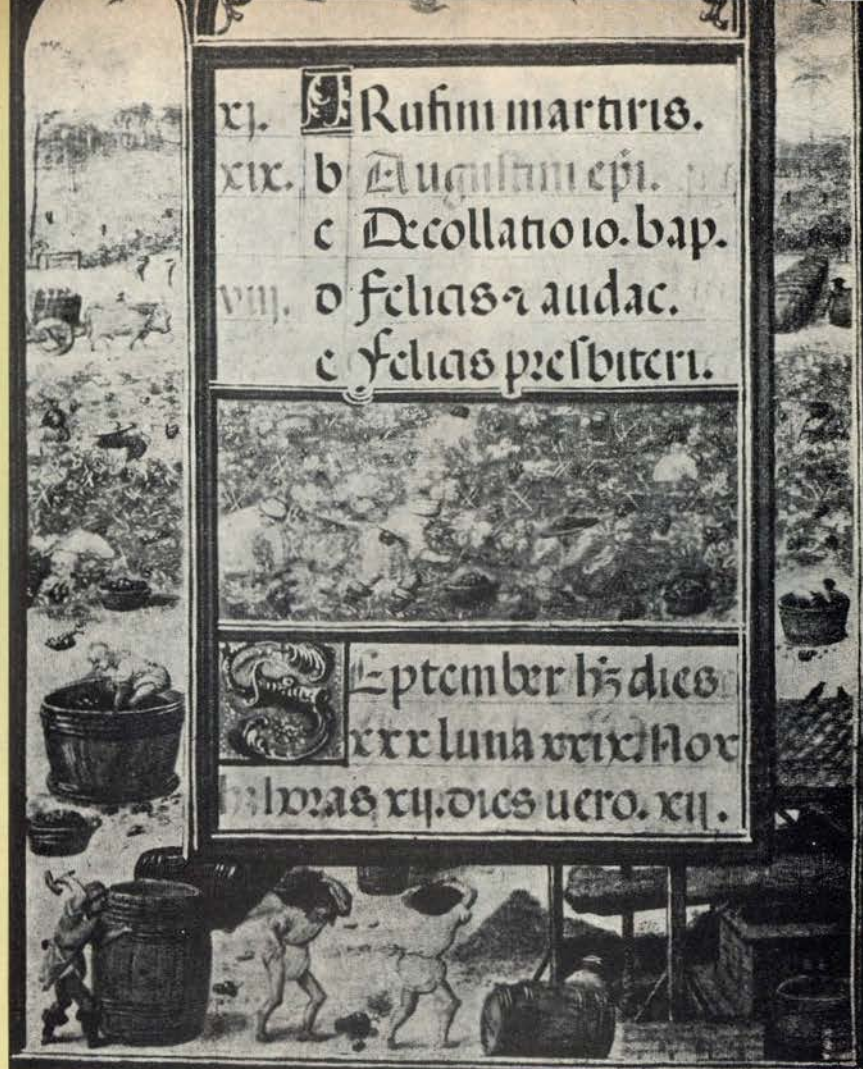
Alvar Rodriguis nom pod'aver prol, vedes porquê, ca el non cura sol de a querer per seu tempo cavar et a mays d'ela jaz por adubar pero que têm aá mourisca podada El s'entende que a tem adubada pois lh'a podaram et sen razon e tan menguado ficou o torçom Que a copa non pode bem deytar Cá em tal tempo a mandou podar

que sempre lhe ficou desepada,
S'entom de cabo nom for rechamta-
da
nenhum proveyto nom podend'aver,
ca per aly hu a fez reer
já em novembro está para secar;
et may valeria já pera queymar,
que de jazer como jaz mal parada.

ESTÊVÃO DA GUARDA
(Séc. XIII — poeta da Côte de D. Diniz)



Cavando a Vinha — gravura em madeira do “Reportório dos Tempos”, de Valentim Fernandes (século XVI)



Livro de Horas do Rei
D. Manuel — iluminu-
ra do século XVI

Cancioneiro musical vindimeiro

O povo, fixando as modas novas esqueceu as velhas. O que subsiste são apenas aflorações dispersivas dum todo que se fragmentou. Assim o observamos no que resta do cancionero vindimeiro, porque o das espadeladas, mondas, ceifas, segadas, escanadas, etc., resistiu mais à corrosão do tempo e ao guizalhar da moda.

— O vinho é ainda presente, e festivo, com que se rematam as adiafas, as ceifas, descamisadas, etc.

— Havia no Minho, o costume de após a malha do centeio, o dono da

casa oferecer um cântaro de vinho aos trabalhadores, e, quando este aparecia na eira, cantava-se:

*Viva o dono da malhada,
que ela bem malhada fica,
que nos deu pão da caixa
e mais o o vinho da pipa.*

Em terras montesinhas de Sernancelhe, ainda ao estraçar da palha na eira, cantam:

*Venha o vinho beberemos
molharemos a garganta;*

*eu sou como o rouxinol
quanto mais bebe mais canta.
Dum côro de mirandeses:
Quien ten parreiras ten ubas
quien ten ubas, ten qui dar...*

A vindima no Alto Douro, mesmo com o formigueiro de tanta gente que ela movimenta, é murcha de cantares. Aqueles socialcos sob sol fervente e com o carregado dos cestos, a vastidão da paisagem, de cerros acastelados, vertentes declivosas, com os meandros espacados do Douro entre lombas petrificadas tudo isto é sugestivo, mas doloroso para os que aí trabalham com o suor do seu rosto:

*Não se me dá da vindima
nem de andar a vindimar;
dá-se me das tristes noites
que se passam no lagar — Barqueiros*

A vindima minhota é a de mais floritria, mas o cancionero é falho em tal assunto, principalmente na música.

Chora a videira... Era o vinho, (de procedência não popular) predominam...

Ouvem-se inúmeras quadras populares inspiradas no vinho: gaiatas, conceituosas, toponímicas, etc., de lés a lés.

Em terras de Amarante, ainda há poucos anos, usava-se como brinde o seguinte, como que em recitativo:

*Filinto Elísio
de velha França,
enche-me a pança
deste licor.
Ai! que belo companhão
que também dispara o seu canhão
Viva!*

E vazavam-se as canecas.

*O vinho é coisa santa
que nasce da cepa torta
a uns faz perder o tino,
a outros errar a porta.*

Do Douro Litoral; levada para o Brasil.

*O meu amor já vem torto
já se perdeu no caminho,
já se não lembra de mim,
mas não se esquece do vinho.*

*Agora é que pinta o bago,
agora é que anda o pintor,*

(Continua na pág. 36)

ODE BACO

Vou-te cantando, Baco!
Não pela colheita de hoje, que é pequena,
Mas pela de amanhã, muito maior!
Vou-te pondo nos cornos estas flores,
Que não querem ser líricas nem puras,
Mas humanas, sinceras e maduras.

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,
A terra, a água, o lume e o suor.
Vou erguendo o meu hino
Como levanta a enxada o cavador!

Lá nesse Olimpo em geios,
Único Olimpo etéreo em que acredito,
Aí me prosterno, rendo e te repito
Que és eterno,
Mais do que Deus e mais do que o seu mito!

Beijo-te os pés — os cascos de reixelo;
Olho-te os olhos de pupila em fenda;
E sabendo que és fauno, ou sátiro ou demónio,
Sei que não és mentira nem és lenda!

Dionisos do Douro!
Pêlos no púbis como um homem,
Calos nas mãos ossudas!
E bêbado de mosto e de alegria,
À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvaralhão de cada lado
Da marca universal da natureza!
Ela, roxa e retesa
Como expressão da vida!
A beleza
Sempre no seu lugar, erguida!

E folhas de formosa pelos ombros,
Pelos rins, pelos braços,
Por onde a seiva rasga o seu caminho.
E a cabeça coberta
De cheiro a sémen e a rosmaninho!

Modula a sensual respiração
Do arcaboijo fundo do teu peito
Uma flauta de cana alegre e musical.
E és humano,
Quanto mais és viril e animal!

Eis os meus versos, pois, filho de Agosto
E dos xistos abertos!
Versos que não medi, que não contei,
Mas que estão certos,
Pela sagrada fé com que tos dei!

MIGUEL TORGA
(do livro "Odes")



Gravura da primeira edição de "Copilação" das Obras de Gil Vicente

Um tratado sobre os vinhos em Portugal

HÁ cem anos, pouco mais ou menos, que os vinhos de Portugal começaram a ser importados (em grande quantidade) pela Inglaterra, principalmente durante o reinado da Rainha Ana, em que, devido à considerável decadência de produção verificada nas vindimas de Florença, se iniciou o consumo do Vinho do Pôrto. Antes da sua

importação carregavam-se também os vinhos de Ribadavia, na Galiza, província de Espanha, embora desta última procedência se importassem, apenas, umas duas a três mil pipas por ano.

Estes vinhos eram delgados, sendo os Tintos semelhantes aos que em Portugal se classificam como "Palhetes", ou Vinho de Methuen, por ter sido um

tal Sr. Paulo Methuen a primeira pessoa que, na fabricação do vinho, misturou as uvas tintas com as brancas obtendo um líquido cuja cor se pode avaliar pela resultante da lotação do Vinho do Porto Tinto com o Branco. Quando a procura deste tipo de Vinho excedeu a quantidade produzida, principalmente num ano de colheita escassa, alguns traficantes ingleses residentes no Porto e em Viana, próximo daquela cidade, principiaram a ensinar aos portugueses a cultura da vinha nas alturas ou montanhas que bordam o rio Douro. Deste rio tomou a Região o nome de "Sima do Douro". Está situada a umas quarenta a cinquenta milhas da cidade do Porto, onde se encontra o ancoradouro e onde o referido rio desagua no mar. Esta Região é vulgarmente conhecida, pela Feitoria inglesa que ali tem a sua sede, pelo nome de "A Terra do Vinho" (*The Wine Country*). Dela, são os vinhos transportados para a cidade do Porto em vasilhas e barcos especiais, estes uma espécie de barcaças de fundo chato.

Os primeiros vinhos produzidos por essa cultura eram indubitavelmente mais ricos, de mais elevado teor alcoólico e mais maduros do que os de agora. A razão era o maior cuidado prestado ao grangeio da vinha, e ainda o calor mais intenso registado nos estios, em relação àquele que hoje se verifica; isto, pelo menos segundo o que dizem as pessoas mais idosas da região.

É principalmente a delicadeza da composição do solo e a justa distância a que esta região está do mar, o motivo de a sua posição ser a melhor, a mais favorável da Europa, para a produção de Vinhos Tintos de superior madureza e corpo; eles estão, em Inglaterra, tão familiarizados com os nossos hábitos e tão facilmente adaptados ao paladar e aos climas Nórdicos, que se tornaram um género de uso corrente, a ponto de nenhum cidadão inglês de uma certa categoria social o poder dispensar depois do seu bom jantar, pela mesma razão porque come um pouco de queijo Cheshire, — o propósito de facilitar a digestão.

Como as vinhas levam muito tempo a atingir certo grau de perfeição, apesar de todos os cuidados e sacrifícios havidos com o seu grangeio, talvez não haja inconveniente em alongar mais a explanação deste assunto, tanto mais que é esse um argumento forte, assim



como a inconstância do clima, invocada contra o planq últimamente projectado de plantar e cultivar a vinha na América do Norte. Esse era o caso das vinhas de "Sima do Douro". Se os seus Vinhos atingiram imediatamente tão grande fama em Inglaterra, isso se deve a variadas circunstâncias: primeiro e principalmente, a má produção, em qualidade e quantidade, de vinhos dos outros países, como anteriormente já dissemos; segundo, a vantagem resultante da criação da Feitoria ou Corpo de Negociantes do Porto, tão benéfica, por proporcionar a extracção das lãs inglesas manufacturadas, a coberto dos

valiosos privilégios concedidos por D. João IV, rei de Portugal, em 1654, a Oliver Cromwell e ao Governo de Inglaterra. Podemos datar de então o estabelecimento dos ingleses em Portugal, visto que, até aí, apenas viajavam como traficantes regressando novamente à Inglaterra. Parece portanto que os Vinhos do Porto não são conhecidos nos países do Norte da Europa há mais de 70 ou 80 anos. Mesmo no reinado da Rainha Ana as importações eram muito reduzidas; e tanto que, segundo a tradição, era costume em Londres, quando dois amigos se encontravam, convidarem-se a entrar na Taberna para beber, ou melhor, em linguagem mais vulgar, para darem cabo de uma garrafa de "Claret" com uma pinga de Porto. Isto somente para significar a pequena.

JOHN CROFT

(in "Um tratado sobre as Vinhas de Portugal")

O Porto e o Madeira

Era uma vez um senhor chamado Vizetelly. Nasceu em Inglaterra; e, porque era inglês, gostava de correr as sete partidas do mundo. O seu nome era Henrique, escrevia nas gazetas, e era muito entendido nestas coisas de vinhos. E depois, veio a Portugal mais o seu filho Ernesto. Ernesto, digo eu, em português. Ernest, era ele. E' depois...

Mau! Agora é que reparo. Não é uma historinha para crianças, é história verdadeira, um facto histórico.

Henry Vizetelly visitou as principais regiões vinícolas do mundo e registou as suas impressões em crónicas detalhadas, duma veracidade miudinha, denunciando sagacidade, preparação técnica, espírito de observação. Percorreu as mais notáveis terras produtoras de França e da Europa Central, especialmente interessado, nessa altura, pelos vinhos espumantes; depois, contou do seu vagabundeio "pelos vinhedos e bodegas do Jerez, Sevilha, Mogner e Montilla durante o Outono de 1875"; seguidamente enriqueceu as suas impressões visitando Portugal, para, nos próprios centros produtores, conhecer de



vista toda a verdade sobre os vinhos portugueses, dignos de que fosse revelado, em letra de forma, o realce que a Natureza, na distribuição caprichosa de qualidades, lhes tinha concedido. Tomou contacto com os vinhos que, em terras estranhas, possuem características especiais, dignos de marca; e assim nos fala do Bucelas, Colares, Camarate, Carcavelos, em notas rápidas, de harmonia com o reconhecido valor



nacional, porém, restrito valor mundial daqueles nomes; e, desprendidamente nos refere, em meia dúzia de linhas, a sua passagem pelos restantes vinhedos das proximidades, tal como metucioso visitante de museu que, antes de se demorar na contemplação extática das telas dos grandes mestres, atravessa a exposição de armaduras e machados de sílex, e o aponta em suas notas. O fim da sua vinda é a visita aos domínios das grandes marcas, o Porto e o Madeira; por aí se demora, aí redige as suas crónicas que, inicialmente publicadas nas colunas da Pall Mall Gazette, são seguidamente apresentadas a público no livro que, embora englobando toda a crónica da sua digressão por Portugal, se intitula *Facts about Port and Madeira*.

Do Porto e do Madeira, em destaque, absorvendo todo o título do livro porque estas são as grandes marcas que, através de tudo, se impõem por seu particular relevo; elas tomam à sua conta 172 páginas do livro (119 para o Porto, 53 para o Madeira), entre 15 ocupadas pelas *notas sobre os vinhos colhidos em redor de Lisboa* e 8, inseridas no final, sobre os vinhos das Canárias.

O autor é viajante metucioso, cioso do pormenor. A lentidão dos meios de transporte aproveitáveis, nesse Outono

de 1877, favorecia a observação minuciosa dos locais, e a concentração de pensamento conveniente para a elaboração dum comentário justo. Deduz-se que está optimamente relacionado com os comerciantes de Vinho do Porto, especialmente com os membros da colónia inglesa, indubitavelmente predominantes no meio. Tem largos conhecimentos dos assuntos vitícolas, escreve com engenho; e, ainda para mais, tem o filho Ernesto! Qualidade excelente para o cronista, como o certificam as numerosas gravuras espalhadas ao longo do texto, sobre desenhos da autoria de Vizetelly filho que, através de toda a digressão, acompanhou o pai, enriquecendo as suas notas com esses valiosíssimos comentários!

O prefácio, datado de Dezembro de 1879, com que o autor apresenta, em poucas linhas, o seu livro, e o declara constituído por capítulos já quase todos publicados num jornal, garante-nos a fidelidade com que texto e gravuras se reportam às coisas reais. Quero acreditar. *Facts about Port* é assim um documentário curiosíssimo, espelho duma época já recuada, que reaparece a nossos olhos reconstituída neste testemunho digno de toda a confiança.

Temo-lo, portanto, perante nós, num desfile de imagens que o nosso

gosto cinematográfico, reflexo dos dias de hoje, pode eventualmente apodar de arrastado, mas que nos deixa em bom conhecimento com essa época que marca, na vida regional, como uma das mais angustiosas. Através do seu relato, sobressai, a cada instante, o estrago causado pela filoxera nos vinhedos. O autor é, nas suas descrições, de uma metuciosidade extrema; e, assim, da mesma maneira que ficamos sabendo das vezes que o cavalo mudou as ferraduras, e dos trambulhões que o cavaleiro deu, tomamos conhecimento com as produções das quintas, castas das videiras, gradações dos vinhos, capacidade dos lagares, número de vasilhas, e até modéstia das instalações habitacionais. É um documento deveras curioso, porque dessa preocupação no detalhe resulta um feixe de elementos que poucas crónicas nos poderiam fornecer. Seria um espelho da época, perfeito, impressionante, se parte do relato não viesse baseado em informações, e outra parte não padecesse da aberração que todo o personalismo exagerado de um observador pode imprimir às notas que nos deixa.

MÁRIO BERNARDES PEREIRA
(in "No País do Vinho do Porto")



Quando o vinho é generoso

... E às garrafas, cobertas de veneráveis crustas negras, deitadas com cuidado na relva, o destro Harbrico ajuntou pichéis de vinho espumante e branco, que ele trouxera de entre a espessura do bosque, e onde cintilavam pedras de gelo. Esfomeado, sedento, o bravo Pero escancarava os lábios donde escorria uma baba. E, com convicção, pensou: "Venham de Deus, venham do Demónio, quando há fome, e sede, não se recusam vinho nem perdiz." E, servilmente, fraternalmente, sorriu a Harbrico, que mostrou também a grande dentuça amarela e aguda, como a dum lobo.

Todos aqueles bons comer, e frescura de vinhos, grandemente encantavam D. Gil! Ele, que, em Gonfálim, nas festas do solar, sempre fora indiferente aos mimos melhores da fofalha e da adega, agora, desde que naquele fresco prado se estendera ao lado do Senhor de Astorga, só pensava nos regalos da boa merenda! Ao enterrar a faca aguda no peito da perdiz, sorria, com os beiços lustrosos, como um frade guloso: — e quando Harbrico lhe deitou na vasta taça de prata um vinho gelado que espumava, a sua mão de cavaleiro tremia de gozo e gula. O Senhor de Astorga apenas colheu alguns bagos de uva. Mas que rijo beber! Rejeitando as taças, agarra com a sua vasta mão cabeluda os garrações, e, dum trago breve e ansioso, os despejava, sem que na sua barba ardente restasse um brilho de humidade.

EÇA DE QUEIROZ
("ÚLTIMAS PÁGINAS")



No país das uvas

Oh! quem me dera ser um campo-nês, como que uma emanção da paisagem que o meu olhar abraça daqui, e bem forte, bem novo, bem fulvo, recolhendo ao anoitecer dos matos com o meu feixe de lenha à cabeça, a carreta do vindimador chamado por algum corrego pitoresco, e um cordeiro que balasse adiante, na língua dos antigos deuses foragidos, a elogia violeta do morrer do sol! E de roda de mim, por cima de mim, ouvindo as tristes gotinhas de água cair, com o seu ting-ling de fonte amorável, no coração dos musgos romanescos... — Evohé, padre Baccho!

Dentro de pouco chegarão as vindimas, festa de abundância nesses logarejos pobres, em que os terrenos delgados não parecem felizes para qualquer outra cultura.

Enquanto o meio-dia e o Sul colhem e pisam a pés de homem, os cachos rubidos e opados, no lagar aonde o mosto ferve, como num mistério dionisiaco, ao Norte, pelas encostas do Douro, sobranceiras ao rio, já se não oferece como outrora o espectáculo da verdura hilariando em vários tons es-

meraldinos, e os esquisitos recortes das parras, dando a ilusão de pequenas faianças de esmalte maravilhoso.

Toda essa cultura panorâmica da vinha, deitada aos ombros de montes risonhamente acidentados; toda essa cultura expirou, subito ferida nas exuberâncias da seiva: e em cada inverno as tristes populações pedem esmola, lastimando a saudade dos dias fartos!

AMOR EM BACO SE ACENDE (Glosa)

Salve, dívino licor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pois Baco é parte de Amor;
Unido de ambos o ardor
Das angústias nos defende;
Quanto as anseia, as ofende,
Minha alma de si derrama;
Baco em o amor se inflama,
Amor em Baco se acende.

Bocage
(in "Opera Omnia")

Não terão de correr bastos anos, quem sabe? sem que o terrível insecto desça as cordilheiras, atravesse os rios com pontes invisíveis, e jorrando nos vales do Alentejo vinhateiro, vá lançar terror e morte num dos mais opulentos trechos de cultura daquelas ricas províncias lá de baixo. Gozar portanto os últimos espectáculos desta singular e caprichosa mágica das vindimas, estrepitosa, doida, lesta, animada — como se ruídos de fanfarras, choques de címbalos, rufos de tamborins, gargalhadas de bachantes, estrupidas de centauros viessem ajuntar as suas expansões, os seus brados, os seus choques, às cantigas ardentes e aos idílios de vindimadores com vindimadoras.

Através da bruma das idades, vão os meus olhos sonhando, em ridentíssimas miragens, a pompa das vindimas no mundo velho, que os prosaimos da vida egoísta exautoraram as suas galas mitológicas.

É a cepa, transfigurada num deus adolescente, arico de origem, com a cabeça cheia de diabos azuis, caprichoso e histérico, que pelo entusiasmo das festas inspira o teatro ao mundo antigo: deus fugaz, inexplicável de génio, amoroso, faiscante, risonho, sanguiná-

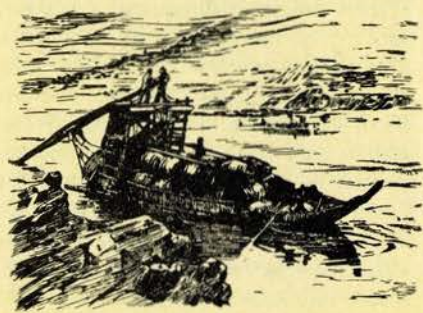
rio, terrível, que ora se disfarça nas eflorescências do símbolo, ora faz boiar à flor da realidade, o seu divino corpo d'efebo, perfumado e nu. É ele o último gentil homem do Olimpo que deixa a Índia, sua mãe pátria, para entrar na Grécia embalado nos braços de Sileno, o velho frascario que lhe incute os segredos convulsivantes do morto, e as voluptuosidades rubras das

vindimas. Desde então, ensaiam representá-lo, por um fetchismo intencional, nuns esboços de escultura, de onde a imaginação grega virá a arrancar noções para as futuras e extraordinárias metamorfoses do deus.

FIALHO DE ALMEIDA
(in "O País das Uvas")

A roga

Eram quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças. Foi o Seara, feitor da Cavadinha, que fez a roga, de casa em casa, mais como anunciador de uma boa nova do que como contratador de bois de carga. Quem podia com as pernas ia aceitando logo, porque, feitas as malhadas, Penaguião é uma eira de palha moída, e o trabalho alegre da Ribeira apetece como um bálsamo. Só a Júlia Chona é que não se deixou seduzir pela miragem, e disse alto e bom som que antes queria morrer de fome ali em Penaguião, de costas direitas, do que estoi-



rar com moscatel, de rins derreados, no Douro. A Júlia Chona era o fiel da balança da povoação. Quando ela se negava a ir dar o dia, é que o preço não prestava ou o trato era mau. Em servi-

DEPOIMENTOS

EU BEBO O VINHO, MAS O VINHO NÃO ME BEBE

O vinho tem vida, vai de novo a velho e aquele que verdadeiramente o aprecia leva em conta o seu travo, a sua fragrância, o seu "bouquet", o seu corpo e até o seu carácter. O apreciador é aquele que sabe escolher o vinho exacto para o prato ou iguaria que o acompanha. É aquele que pode afirmar: EU BEBO O VINHO, MAS O VINHO NÃO ME BEBE. Outros há que são bebidos por ele.

ENTREVISTA COM FERNANDO LOPES

De seu nome completo, Fernando Meicheiro Lopes, escanção e sócio de um dos mais antigos e requintados restaurantes de Lisboa e ainda membro dos Escanções de Portugal, foi o primeiro, embora acompanhado por outro colega, a participar no Primeiro Congresso Internacional feito no mundo sobre vinhos, em Bruxelas. A classificação obtida por Fernando Lopes con-



O escanção Fernando Lopes

diz com o prestígio de que hoje desfruta. Por todas estas razões o procurámos, para nos falar sobre O vinho.

V.M. — Acha que ainda há quem saiba beber em Portugal?

F.L. — Acho que sim! As pessoas sabem muito melhor beber do que comer.

V.M. — Pensa que os vinhos portugueses são extraordinários?

F.L. — Existem variadíssimos, extraordinários como disse, e temos alguns deles na garrafeira do nosso restaurante.

V.M. — Que factores leva em consideração quando recomenda determinado vinho?

F.L. — Ao dar uma sugestão a um cliente, levo em conta o casamento perfeito que deve existir entre o vinho e o prato escolhido e ainda a psicologia da pessoa que me pediu o meu parecer.

Por exemplo, um dos vinhos que mais sensação teve (um Barca Velha), que continuo a considerar excelente, nunca o serviria com sardinhas assadas... Quando alguém me pede água e vinho fico satisfeito. É prova de que sabe beber. Ainda há quatro dias, um cliente me pediu para iniciar a refeição uma salada "niçoise" e recomendando-me que queria um BOM VINHO. O senhor em questão já tinha comido parte da salada quando me fez o reparo de que ainda não lhe tinha servido o tal BOM VINHO! O certo é que não se deve servir vinho, ou pelo menos este não poderá ser devidamente apreciado, quando ao mesmo tempo se saboreia um prato, tal como uma salada "niçoise", uns espargos, ou um escabeche, todos eles temperados com vinagre. O vinho e o vinagre não fazem boa união.

ços da terra, não era raro um ou outro seguir-lhe o exemplo, e ficar sentado ao sol, à espera. Mas, colhido o centeio, nos plainos altos do granito a palavra vindima soa como uma senha de esforço e de libertação. O grande sonho da terra em todo o ano é entrar numa roga. Descer à Ribeira é uma aventura da Montanha desde que há videiras no mundo. Vai-se à festa pagã da colheita dos cachos com a esperançosa seiva da mocidade, ou remoçada ou desperta. A serra não dá vinho maduro, doce e cor de esmeralda, onde os sentidos se embriaguem, a boca se suavize e os olhos vejam outros céus. A brancura mansa do leite das ovelhas enche a alma de candura morna e o corpo de uma força virginal e calada. E em Setembro, desde a raiz à rama, toda a natureza pede fogo, aroma, e o alado éter de uma quimera sem rotina.

— Vossemecê deixa-me ir à vindima este ano, minha mãe? — perguntam, já no S. João, as raparigas

— Vamos a ver... Se me andares a jeito...

Pais e filhos jogam naquela lotaria. Não que saia prémio que se veja, ao fim. Todos o sabem. O que é, enche-se o jeito doutros ares, sonha-se quando



Festejando o S. Martinho — óleo de José Malhoa

se vai, tem-se pena quando se vem, e muda-se, varia-se, besunta-se o corpo de mosto e de um suor que não cheira a tristeza nem a fuligem. E como Penaguão fica longe, e os rogadores têm as

pernas curtas, é preciso aproveitar o que vem. Daí o protesto da Júlia Chona ficar sem eco, apagado no alvoroço da notícia.

MIGUEL TORGA
(in "Vindima")

V.M. — É vulgar o cliente seguir as suas sugestões, e mais tarde verificar que ele aprendeu consigo a ser um verdadeiro apreciador?

F.L. — Não considero que os clientes tenham aprendido nada comigo, mas pelo contrário sou eu quem tem aprendido com eles.

V.M. — Sabemos que falando consigo sobre vinho ou vinhos, não acabaríamos mais, mas para fechar esta pequena entrevista, ainda gostaríamos de lhe fazer esta pergunta:

— Para si que vinho escolhe?

F.L. — Não gosto de grandes vinhos, embora os saiba apreciar, evidentemente. Para Fernando Lopes só vinho com um ou dois anos — vinho novo.

AQUELES A QUEM O VINHO BEBE

Entramos numa dessas tabernas de Lisboa e procurarmos falar com alguém, se não completamente embriagado, pelo menos bem bebido. Aqueles que falaram conosco não se deixaram fotografar. Mas falaram.

Joaquim Fragateiro.
65 anos de idade.

V.M. — Importa-se de nos dizer como se chama?

J.F. — Eu cá sou o Joaquim Fragateiro.

V.M. — Mas qual é o seu verdadeiro nome?

J.F. — Eu já lhe disse que sou o Joaquim Fragateiro, aqui e em toda a parte.

V.M. — Quantos anos tem?

J.F. — Já cá cantam 65.

V.M. — Porque é que bebe?

J.F. — Ora eu sou da "arte" e não há coisa melhor do que um copo de vinho no Verão para matar a sede (bebe um trago e dá dois estalos com a língua) e há lá coisa melhor do que um copito de vinho no Inverno para aquecer a gente!?

V.M. — E o que é que bebe?

J.F. — Eu cá para mim só o "tintolas" e de vez em quando um bagacito.

V.M. — E é feliz?

J.F. — Até sou, quando chego a casa e me meto no "berço" e sinto balouçar a cama ao jeito da barca com que andava af pelo Tejo... Olhe, sabe o que acontece? Mato mesmo as saudades que tenho desses tempos. Oh!Ti Manel, amande aí mais um copito...

JOSÉ MARCELINO BRÁS

(aparentando cinquenta e poucos anos)



Aqueles com quem falámos não se deixaram fotografar... mas estes acederam gentilmente

Ao balcão ainda está o Zé Marcelino, mas deste não se arranca nem palavra. Faz um longo monólogo de altas contabilidades: — Ora três paus são dois copos, seis são quatro. Eu tenho doze paus..., ainda bebo mais uns copos. Ora três paus são dois copos...

O rosário de "contas" de cabeça só terminará com os tais 12\$00 que diz ter ainda ou quando cair de borco para adormecer no vinho que o bebeu.

T.M.S.

(Continuação da pág. 29)
agora é que vou falar,
deveras, ao meu amor,

A tirana morreu ontem,
o diabo vá com ela,
deixou as pipas vazias,
o vinho, bebeu-o ela

Ovar

O mundo é uma vinha,
cada cepa um cristão;
vem a morte faz vindima,
não procura geração

Estremadura

Venha o vinho, corra o copo
venha mais uma canada;
o dinheiro paga tudo,
não se fica a dever nada.

Malpico, da Beira Baixa

Ó meu amor, vinho, vinho,
qu'eu água não sei beber,
a água tem sumesugas,
tenho medo de morrer.

Venha o copo, venha a pinga
venha mais meia canada;
eu sem o copo não bebo,
sem o vinho, não sou nada.

Baixo Alentejo

S. Martinho teve loas em Portalegre
e, até em Penamacor e, ao vinho não



faltou a Ladainha e, também o Padre-
-Nosso.

Já a vicentária Parda, pranteava:

trinta e seis odres vazios
que despejei nestes frios
sem nunca matar desejos.

As folganças, porém do vindimar,
pisar e do vinho novo acalmam-se se
as deslocarmos da região do verdasco e
carrascão alegrote para o do maduro.

Em certo amanhecer, na Ribeira de
Santarém, deparamos com ranchos vin-

dimeiros e seus pertences caminhando
para o montante do Tejo.

Cantavam, então, a moda que ouvimos
aos pegachos:

Chora a videira, etc.

Mas nas terras de Almeirim, como
noutras vindimas do Ribatejo, ainda enfeitam
as bandeiras na adiafa da vindima.

Como se lê, o vinhoca ainda é motivo
de agrado da nossa gente.

ARMANDO LEÇA

(in "Vinhos de Portugal" – Julho, 1959)

Excerto do pranto de Maria Parda

de GIL VICENTE

Venha todo o sacerdote
a este meu enterramento
que te ver tam' bom alento
como eu tive cade dote
Os de Abrantes e Punhete
Da Arruda e D'abonchete
D'alhos Verdes e Barreyro
me venham cá sem dinheiro
ataa cento e vinte sete

Item mando vestir logo
o frade aleman vermelho
da quelle meu manto velho
que tem buracos de fogo.
Item mais, mais mando dar
a quem se bem embebedar
no dia em que eu morrer
quanto movel hi ouver
e quanta rays se achar.

Item mando agasalhar
das orfãos, estas no mais
às que por beber dos pais
ficam proves por casar.
As quais daram por maridos
barqueyros bem recozidos
em vinhos de muy bos cheyros
ou busquem taes escudeyros
que bebam como perdidos.

Item mais me compriram
as seguintes romarias
com muitas aves marias
e nam ourem de Moçam
Vam por mi aa santa orada
da Atouguia e a da Abridada
e aa Corugeira Santa
Que me deram na garganta
saúde ha peste passada.

Item mais me promete
nua a pedra destrema
quando eu tive na postema
no beico de baixo aqui
e porque gram gloria santa
nas vinhas da Caparica onde meu desejo
fica
e se vay a ferramenta.

Item me levaram mais
hum gram cirio pascoal
ao glorioso Seyxal
Senhor de outros Seyxaes
Sete missas me diram
e os caliz encheram
nam me digam missa seca
porque a dôor da enxaqueca
me faz esta devoçam.

Item mais mando fazer
hum espaçoso espirital
que quem vier do madrigal

Tenha aonde se acolher
e do termo d'Alcobaça
que bier dêlhe que faça
e dos termos de Leyria
dêlhe pam, vinho e candeia
e cama tudo de graça.

ODE

Nem Vinho! nem dinheiro, com que o compre!
Que vida hás-de aturar, mísero Vate!
Bêbe água: e comporás aguados versos,
Sem-saborões, e chilres.

Tomá as Arrãas por Musas: Koáka, Koáka,
Como elas, nesses pântanos da Holanda.
Lá dão lições, lá tem mil aprendizizes,
Mil vates, mil Cantôres.

Assusto-me, estremeço, olhos em alvo
Ponho, á tremenda voz, que vem dizer-me:
— O vinho já deu fim. Já deita borra
A pipa posta a pino. —

Cuidar que um Carrascão atavernado
Custa além de cem francos; que mirrada
A maldita algibeira, e sem soalhas,
Nenhum chorúme deita;

São pontadas, que o coração traspassam,
Que á bocca arrôjam mólhos de blasfemias
Contra essa Inquisição, que me seqüestra,
Bens de paterna herança.

Furias, máis Furias, que as que atribularam
O Matricida Oréstes, desengonçam-me
O juízo... E c'um punhal... Tá lá! dos eixos
Vai fóra o meu arroj.

Oh Baco! Oh Deus Benigno! Ao teu Devoto
Acóde, acóde. Lembra-te d'esse Hino,
Que, em tuas áras puz, por holocausto,
De gratidão sincera,

Quando o Buccellas, quando o Carcavellos
(Mimos de Souza: mimos de Araújo)
Pela escolha garganta, deslizava,
C'os olhos, no Céu, pôstos.

Então me apareceste, e doutrinaeste,
A nascença do vinho revelando-me.
"Eu fui (dizias) quem de amor ardendo,
"Pela formosa Iphysa,

"No dia em que, ás ocultas dos máis Numes,
"Só, com Venus e Hymen, na vóda, á mesa
"Lhes fiz mimo, c'um frasco, que eu furtára
"A Ganimédes, e Hebe,

"Frasco de Néctar! C'o sabor Divino
"Alheada Iphysa, vem-se a mim, me beija,
"Re-beija, e tás meiguices faz, que é fôrça
"Que eu lhe ensino a compô-lo.

"Derreado de abraços, sólto o arcano:
"Quêbro uma hástea do pampinoso Thyerso,
"E na Terra a profundo. Eis lógo folhas,
"Logo racimos pendem.

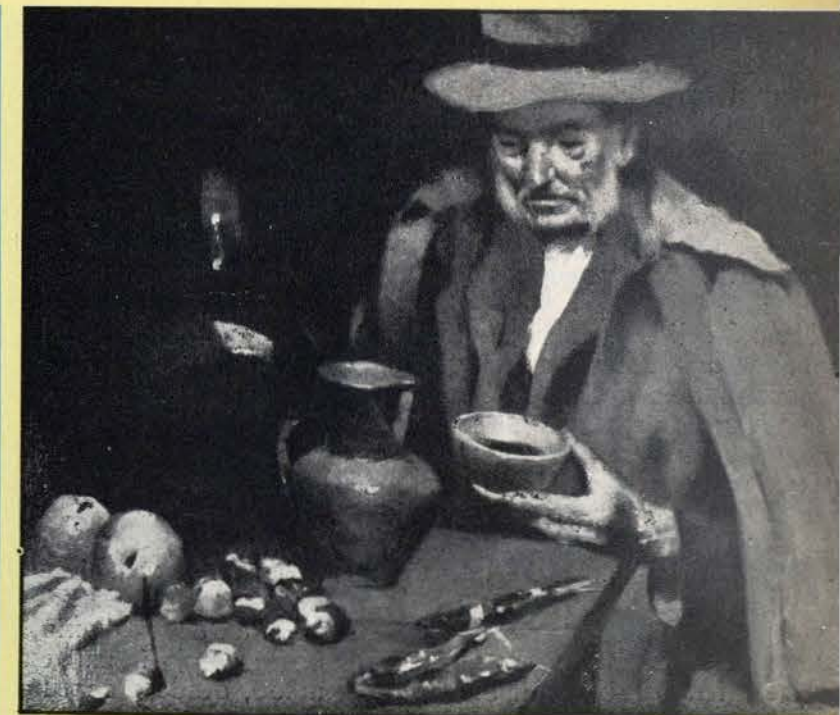
"És Vate, e te é sabida a grande alçada.
"D'um Deus, Filho de Jóve, Deus no Olimpo;
"Na Terra, vencedor das Índias; no O'rco,
"O que eu fiz, diga-o Horacio.

"Medrava a ólhos vistos, e estendia-se
"C'o rôxo-inchado bágo a Cêpa. Eis Venus
"Se arregaçá, eis Hymen depõe o facho
"E eu, como eles me dispo.

"Mãos á vindima; todo o Cacho á dôrna
"Baqueando vai; e nós, na gran tarefa,
"C'os pés nus, no lagar saltámos rindo,
"Pizámos, repizámos. —

"Entre rasgados risos, sae, e espirra
"Petulante o licor. Sórdidos, turvos,
"Saimos do lagar, tremelhicando,
"Cambaleando, a tontas.

"Iphysa não perdeu, de todo, o nórtre:
"Tornada em si, vindima, e pizo, e mósto
"Aos Grégos ensinou, e alçou primeira,
"Mortás, a par dos Numes."





A videira

As crianças nascem e crescem ao deus-dará da sorte. Todos os carinhos e desvelos vão para a videira, desde o porta-enxertos à escava, à poda e à empa. É para ela que se não poupam canseiras. Em todo o Douro, mas ainda mais para lá de Riba Corgo, sempre para cima, onde o xisto cobre os montes e parece milagre ali criar raízes, outra vida que não seja a das fragas e a do rio.

Andam por lá com a videira ao colo. Criaram a terra para ela nascer e conservaram-na nos socalcos, como quem fazia um berço. Depois, com jeitos de armarem um jogo para a entreter, enxadrezaram os terraços, abriram-lhe buracos e meteram-na na gleba adusta. Cavaram os calhaus à sua volta, como se lhe quisessem amaciar a cama e distraí-la com a gritaria bárbara das enxadas de bicos. Nas terras mais quentes, onde a água faltava, foram buscá-la em canecos, a distâncias incríveis, para que ela refrescasse e não morresse de sede. Quando os pampos

nasceram e vieram depois os primeiros braços, débeis como hastes de flores, ofereceram-lhes o arrimo dos arames dos bardos, para que pudesse ganhar coragem e ensaiar alturas.

E depois que a vinha se afez ao xisto, buscando com as raízes a terra que lhe foge, lá no fundo, cresceram mais os cuidados — tantos e tão diversos que o homem dali respira com a videira, deita-se, levando-a no pensamento, e levanta-se para a ir admirar, achegando-lhe afagos nos olhos e esperanças no coração.

É que a videira dali, talvez porque a adubaram com tragédias, oferece os mais famosos cachos de uvas que a terra ainda criou.

ALVES REDOL
(in "Porto Manso")

QUADRAS AO VINHO

Comi melão retalhado
E bebi vinho depois,
Quanto mais olho p'ra ti
Mais sei que não somos dois.

FERNANDO PESSOA
(in "Quadras ao Gosto Popular")

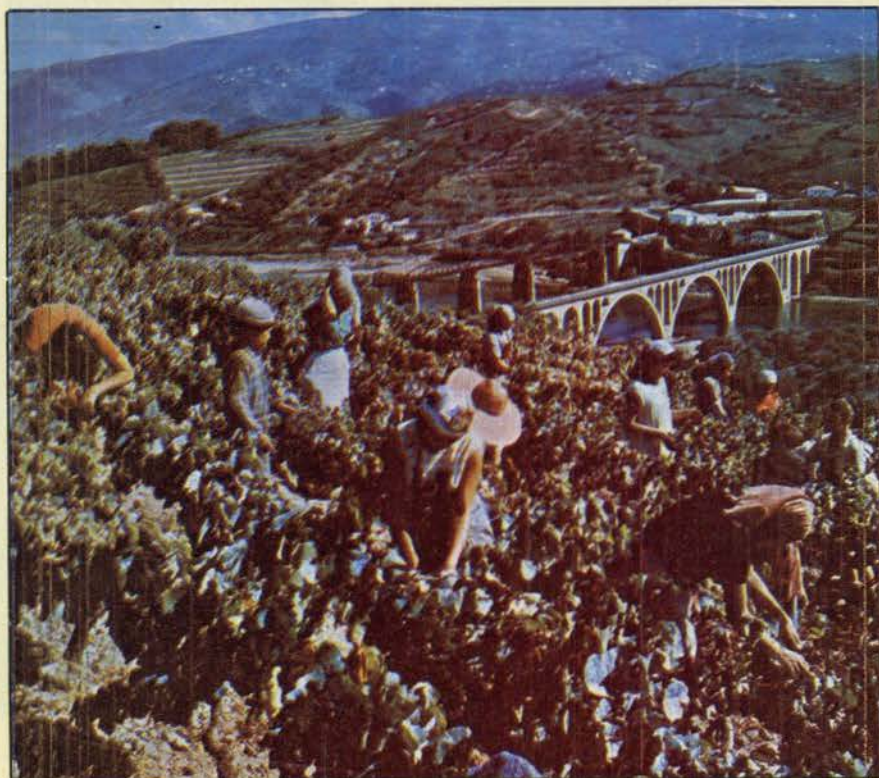
PROVÉRBIOS

PÃO E VINHO
ANDAM CAMINHO

MEIA VIDA É A CANDEIA,
E O VINHO A OUTRA MEIA

SOBRE PERAS VINHO BEBAS,
E SEJA TANTO QUE NADEM ELAS.

DEPOIS DE MELÃO,
VINHO DE TOSTÃO.



ESCREVER PARA NINGUÉM NUMA LÍNGUA MORTA?

● "REFUTAÇÃO DA FILOSOFIA TRIUNFANTE", de Orlando Vitorino, Editora Teoremas, 1976

Pensador, discípulo do filósofo José Marinho e um dos fundadores do Grupo de Filosofia Portuguesa, que se centrou na revista "57", Orlando Vitorino é uma das personalidades independentes e lúcidas desta terra. A sua alergia sistemática a engajamentos e a amáveis aderências, quer políticas quer escolásticas, tem-lhe criado dissabores e infâmias, que do todo não cabem no aprumo do seu pensamento, nem na verticalidade da sua conduta linear. Não é um homem fácil, e o seu combate recolhido cifra-se na recusa coerente de se partidizar, seja ao que for que se desvie das linhas mestras do seu raciocínio. Foi-o assim e mal entendido antes do 25 de Abril, é-o assim nos dias que correm, em que, igualmente, quase nenhuns entendem a sua lógica.

Por isso, a oportunidade da publicação deste seu livro, em que, uma vez mais, e mais em profundidade, Orlando Vitorino vem falar das ordens do poder e de si próprio, posicionalmente frente aos sistemas político-filosóficos. E da cultura que interpreta e pela qual pugna, inequivocamente, dentro de quadrantes específicos que o situam claramente no espaço português moderno.

Orlando Vitorino nunca foi um homem de modas. Antes crítico acerbo das tendências que têm alienado o homem português no mais fundo da sua energia: o espírito. Não se compraz em aceitar jogos de melíferas maneiras de arregimentar os povos à sombra de credos pensantes, daí a sua irreverência perante a mentira e a pureza das suas opções. Sempre o conhecemos assim, os poucos que sabemos localizá-lo e compreender a honradez da sua inteligência em linha recta, com uma só cara e um mesmo ideal de democracia e liberdade, pouco cómodo e ortodoxo,

concordamos, mas poderosamente fundamentado e arquitectado em pedras limpas.

Leia-se a sua "Refutação da Filosofia Triunfante", mas sem a sensação derrotista que, como escreve no seu prólogo. "(...) o autor tem a sensação de, nesta margem do Atlântico, estar a escrever para ninguém numa língua aqui já morta".

■ DÓRDIO GUIMARÃES

BELA CARNADURA E ALMA ESCASSA

● "O PASSADO E O PRESENTE", de Vicente Sanches, edição do autor

Veio a lume, em terceira edição revista, a comédia em três actos "O Passado e o Presente", de Vicente Sanches.

Se o filme, de Manuel de Oliveira, baseado nesta peça, continha um certo "chabrolismo" narrativo e prospectivo das personagens, a peça propriamente dita está num tom por vezes saborosamente "camiliano" e, até, "regiano". Disto talvez tivesse resultado o desencontro estabelecido entre o cineasta e o dramaturgo. Se ambos se aproximavam um dos outro pela via "regiana", separavam-se, outrossim, pelas vias do "chabrolismo" afrancesado e do "camiliano" portuguêsíssimo. Duas leituras de um mesmo tema ou uma causa perdida para ambos?

Se, na peça, há um retrato de um meio tipicamente burguês, que resulta

REFUTAÇÃO
DA FILOSOFIA TRIUNFANTE
Orlando Vitorino

em crítica, no filme existe uma crítica tipicamente burguesa que resulta em retrato. No filme, a crítica é, por vezes, involuntária e até inconsequente; na peça, o retrato é voluntário e, muitas vezes, não intencional. Há tratamentos sentimentais divergentes, em que retrato e crítica são afectivos, em vez de contudentes.

Se paralelizamos filme e peça escrita é porque se torna inviável dividi-los. São coisas tão amalgamadas que fazem parte uma da outra, duas versões de um mesmo assunto, tratadas necessariamente por duas cabeças autónomas. Se, no filme, há uma crítica que, às tantas, não é e, muito menos, um retrato desemocionado, na peça há um retrato que, às tantas, não o é e muito menos uma crítica objectiva. Estes "senão" são concomitantes e indissociáveis, fazendo frustrar bastante as duas expressões da mesma obra.

Sintetizando: "O Passado e o Presente", quer de Vicente Sanches quer de Manuel de Oliveira, é dúbio, ambíguo, contraditório. As duas versões não se completam, marginalizam-se. Encontram-se nos seus defeitos, divorciam-se nas suas virtualidades. A qualidade numa resulta na linguagem exacta da imagem, noutra na palavra depurada. São obras de conteúdo formal e estético, não de conteúdo intrínseco e narrativo. Como exemplares de bela carnadura e alma escassa. A sua leitura pode deleitar-nos os olhos, mas deixa-nos vazios. É bom, mas não chega.

■ D. G.

MAZELAS DO NOSSO TEMPO

“Cultura, Política, Informação”, de José Martins Garcia. Edição de Perspectivas e Realidades, Lisboa, 1976. 235 págs., 100\$00.

“Para que o todo entre no esquema dual, improdutivo e mutilador, há que insultar a variedade da Europa; considerar o Terceiro Mundo como um apêndice onde se jogam as ideologias dominantes (era a visão fascista no tocante a África); excomungar Pequim; desconhecer, em suma, tanto o ‘diferente’ como o ‘específico’.”

“(…) Resta-lhes pois declarar que este País não é civilizado. Resta-lhes fazer silêncio sobre oito séculos de história. Resta-lhes olhar para o subdesenvolvimento da nação russa, antes de 1917, e proclamar que os povos subdesenvolvidos necessitam de condutores iluminados. E, para provar que as circunstâncias propícias ao neofascismo renascem no chamado Terceiro Mundo, destroem as possibilidades evolutivas deste País, apontando a África como termo exemplar dum certo ‘socialismo’.”

“Tratar os portugueses como quise-ram (e não puderam) tratar os negros da Guiné, de Angola e de Moçambique — tal parece ser o propósito de algumas cabeças perturbadas por uma guerra colonial que, como não foi ganha nas colónias, terá de ganhar-se contra o povo português que (alheio a lucros, na sua maiorial!) tem agora, no rol dos seus pecados, o pecado capital de ter perdido a guerra que os militares não podiam ganhar.”

“(…) Aconteça o que acontecer, ninguém poderá ser menos que ignorante.” (da obra citada, de JMG)

O DIFERENTE E O ESPECÍFICO

“Cultura, Política, Informação” são outros tantos temas sobre os quais

José Martins Garcia testemunhou, ao longo de um ano e meio, uma das maiores convulsões da história portuguesa: na verdade, estruturada a nação lusitana em termos geográficos de grande dispersão, digamos, de um imperialismo atrasado do ponto de vista histórico, não seria sem um grande estremecimento, sem uma imensa “cólica” que os barcos regressariam pela ponta de Sagres sem mais nada, em seus porões, do que sobreviventes.

Já o parto do Brasil custara grandes dores sociais. E se toda a Nação, à semelhança dos seus rios, sempre se verteu no Oceano, cumprindo um destino que milénios de invasões lhe haviam deixado em promessa, não será sem os rigores de uma crise de cujos prolegómenos ainda não passámos que o País retomará um dia, se retomar, o ritmo normal de uma respiração social e independente.

Submerso por uma “suposta ‘democracia’ imposta pelas cúpulas militares”, a qual “só pode ter consequência imediata a conversão dos aderentes a formas de pilhagem, a formas de pirataria análogas às que sempre marcaram a actividade das classes dirigentes (...)” (pág. 204), infectado pelo ‘morbus’ da desconfiança que se alojara, de um momento para o outro, no espírito de cada cidadão, avassalado por uma rede de imperialismo que se serve da ideologia como lagarta de avanço para no seu caminho esmagar a quem não for da cor, galvanizados os meios de Informação por essa clique que vinha mais uma vez repetir o exercício da opinião em crítica construtiva e destrutiva, desmantelado o aparelho militar na sua quase totalidade (lembramos a subversão exemplar dos pára-quedistas), atacada a Igreja por dentro sob o golpe de mão dos profissionais dessas coisas e por fora, na Rádio Renascença e no Campo de Santana, pelo lado margi-



nal da cidade incendiada — é no paroxismo de tais agonias que a pena libertadora e catártica de José Martins Garcia foi rasgando truculentamente, lucidamente, ferozmente, as bandeiras falsas da propaganda, os novos senhores emersos do esgoto fascista, os lavadores de cérebros que à sombra de ideologias mal aprendidas “em edições simplificadas de Marx” iam venalmente cumprindo o programa dos patrões estrangeiros, esses, sim, especializados na truca-gem das obras dos autores do “socialismo científico”.

Não perder o pé da crítica sob o impulso da maré das emoções, não perder o sangue-frio quando tudo parecia perdido nem o humor quando o riso é pago com a cabeça, são os passos percorridos neste “Cultura, Política, Informação”, diário reflectido de um cataclismo em cujas fendas hiantes nos famos soterrando.

“O AUTÊNTICO É UM PROBLEMA DOCUMENTAL”

Reata o autor, neste volume, o exercício de uma crítica mordaz e penetrante, repassada de fecunda ironia, na esteira dos comentadores brilhantes da coisa pública que do século XIX nos deixaram, em carne viva, o relato das mazelas do tempo. E isto sem encerrar a sua prosa no fraque ilustre do Eça, sem fazer cintilar um corisco falso do monóculo de vidraça de um “sense of humour” de segunda mão, sem usar os ademanos do estilo, as hipérbolos, os anacólutos, os silogis-

mos simples do inesquecível autor da Campanha Alegre.

Se, depois da macaqueação insolente e chula que a impudência chegou a pedestalar na direcção de jornais, a moda pegasse, o revivalismo das letras recrudescesse, então breve teríamos, depois dos subprodutos queiroseanos com que nos mimoseiam e exploram, um novo *déguisé* de Camilo, um repetido esgar de Quental, umas novas viagens garrettianas, uma cacafónica diatribe "à Herculano". Felizmente, por enquanto, ainda não ultrapassámos o falso Eça e assim nos tornamos mais continentes aos casos policiais que há dez anos fizeram furor com o falso médico, o falso engenheiro, o falso padre...

Martins Garcia repõe-nos, perante essa sombria eventualidade, no merecido repouso do susto em que temos vivido. Na verdade ele não precisou, para ter graça, de imitar Queirós, nem para denunciar os ridículos, as podridões, os "aneurismas sociais" de ir à sucapa, no pé-ante-pé das três da

manhã, roubar a morfologia do vitupério ao sr. Herculano ou a objurgação vesicular do sr. Camilo Castelo Branco.

Resolveu optar pela graça que tem e que lhe chega, pela capacidade de análise com que investiga e que lhe serve, pelas conotações com que no domínio da cultura compara e racionalmente julga. Assim apetrechado encontra-se na realidade apto ao desenvolvimento de uma obra original e "autêntica" no que concerne, obviamente, às contrafacções de outros autores.

CONOTAÇÕES

A leitura reflectida desta obra não deixa, entretanto, de nos fazer lembrar certos pontos de contacto que, resguardando embora a sua independência formal e ideal, nos parece ter com a "Tentação Totalitária" de Jean-François Revel, publicada em Janeiro deste ano. Digamos que ambas traçam um certo paralelismo de percurso, se bem que em alguns e importantes pontos

não haja simetria. O ataque que Revel tem sofrido de todas as hostes ligadas ao comunismo internacional e ao soviético em particular é conhecido. O seu apoio numa sociedade humana que haja ultrapassado os nacionalismos como única forma de prevalência pacífica não parece ter encontrado, das grandes potências aos micropaíses, um eco caloroso. Mas a aferência dos dois pratos da balança política, e da instabilidade do seu equilíbrio, oferecem em Jean-François Revel, como em José Martins Garcia, curvas de evolução compatíveis. E esta compatibilidade é tanto mais de salientar quanto a observação de Martins Garcia se processa na alta temperatura dos acontecimentos reais e quanto as teses de Revel se imbuem, no plano teórico, da análise dos factos, gelada e silenciosa.

A desmontagem da cabala política erguida no mundo pela União Soviética e países e partidos de idêntica coloração, a sua estratégia, a sua tática, as técnicas de índole psicológi-

OS DEZ MAIS

Em lugar da habitual lista dos dez livros mais vendidos na última semana nas livrarias de Lisboa e Porto, optámos desta vez por duas listas separadas, em que incluímos apenas os cinco livros com maiores vendas nos principais estabelecimentos de Lisboa e na Feira do Livro do Porto.

Era nossa intenção fornecermos igualmente a lista dos "best-sellers" da Feira de Lisboa. Fomos informados, porém, de que a Associação dos Editores e Livreiros deixara de proceder a essa estatística, dado que, segundo a explicação que nos foi fornecida, algumas editoras tendem a "puxar a brasa à sua sardinha", acabando os resultados por nem sempre corresponderem às vendas realmente efectuadas. (Entre parêntesis, como habitualmente, a classificação da semana passada.)

(Os cinco livros mais vendidos na Feira do Livro do Porto)

1. Sem Papas na Língua	Beatriz Costa	Europa-América	112\$00
2. Tarrafal Aldeia da Morte	Manuel Francisco Rodrigues	Brasília	60\$00
3. Até Amanhã Camaradas	Manuel Tiago	Avante	80\$00
4. A Tentação Totalitária	Jean-François Revel	Bertrand	100\$00
5. Moçambique Terra Queimada	Jorge Jardim	Intervenção	160\$00

(Os cinco livros mais vendidos nas livrarias de Lisboa)

Título	Autor	Editor	Preço
1 (1). Moçambique Terra Queimada	Jorge Jardim	Intervenção	200\$00
2 (4). A Tentação Totalitária	Jean-François Revel	Bertrand	125\$00
3 (2). 26 Anos na União Soviética	Chico da Cuf	Afrodite	130\$00
4 (6). A Burla do 28 de Setembro	António Maria Pereira	Bertrand	150\$00
5 (5). Portugal depois de Abril	Avelino Rodrigues e outros	António dos Reis	100\$00

ca para a mobilização permanente das massas em que são exímios, para a chantagem moral ao abrigo de uma classe de que se dizem defensores repetindo-se até ao impudor, a mascarada da Conferência Mundial da Paz como cavalo de Tróia que lhes franqueia o limiar dos países, tudo isto encontrou na observação de Revel o pano de fundo de uma teoria que, no exercício prático, tantas vezes é igualmente desmistificada por Martins Garcia.

Lembramos neste âmbito e do livro em epígrafe as suas considerações políticas sobre os contrários da paz e da repressão (pág. 24), o criador fascista e o éden no final da História (pág. 25), a coexistência esterilizante do fascismo com o estalinismo (pág. 26), o poder, os "paraísos" e o "permanente estado de contestação" (págs. 29/31), a "democracia popular" (pág. 34), os monopólios (pág. 65), a liberdade e a obediência (pág. 70), o "sacrifício" dos governantes (págs. 71/72), o louvor aos políticos (pág. 72), a revolução e os revolucionários (págs. 83/85), estar com as massas (págs. 89/90), a nacionalização da inteligência (pág. 90), a representatividade (pág. 111), o povo (págs. 111/113), a igualdade (pág. 123), liberdade (pág. 128), atrasar para revolucionar (pág. 136), a ditadura e o marxismo (pág. 141), o mandato de vigilância (pág. 145), estado de direito e legalidade ou tirania (pág. 162), Piotr Grigorenko (pág. 168), o estado dentro do estado (pág. 170), a autoridade (pág. 177), ser da esquerda (pág. 93).

O OCEANO

Não resistimos à tentação de lembrar aqui, a propósito de Martins Garcia, que é açoriano, serem precisamente dos Açores Natália Correia, Mário Mesquita e Vitorino Nemésio. Qualquer destes quatro escritores bebeu no leite da infância a amplidão dos oceanos, tendo-se recusado, em destacadíssimo contraste com outros intelectuais do Continente, a baixar carneiramente a cabeça à funda dos novos invasores.

● Jorge Guimarães

"Celulóide"

LUTA TEIMOSIA E IDEALISMO

● Dezanove anos, 225 números, leva de vencida "Celulóide" (Revista Portuguesa de Cinema), "heróico" empreendimento desse amante do cinema que é Fernando Duarte. Este abnegado homem, que divide a sua vida entre Rio Maior e Santarém, tem votado toda a sua existência à imprensa e às coisas madrastas do cinema deste país. É um caso, um comovedor caso de luta, teimosia e idealismo. Até hoje, ninguém, como ele, conseguiu manter por tanto tempo uma publicação periódica de cinema. À custa dos seus meios, do seu entusiasmo, da sua fé. Nada o demoveu — nem fascismo, nem censura, nem incompreensões ou invejas. Tudo limpo, em seu sítio, inquebrantável.

"Celulóide" deu voz a realizadores, críticos, ensaístas, aos melhores e todos quantos pugnaram por um cinema português digno, livre e adulto. Cortou as voltas a proibições, perseguições e géneros vários de censura, que nunca conseguiram fazer esmorecer o ânimo e a moral de Fernando Duarte. Esse Fernando Duarte que tem estendido a sua actividade em prol da nossa cinematografia, quer através do "Diário do Ribatejo", que também dirige, quer através desse marco de persistência, orgulho e pundonor que é o crónico Festival Internacional de Cinema de Temática Rural de Santarém, que, de há muito a esta parte, é levado a efeito todos os anos, na capital ribatejana.

Ainda nos últimos dois anos desse Festival consagraram-se homenagens, respectivamente, a Leitão de Barros e a



Manuel Guimarães. E Fernando Duarte, emparceirado pela mulher e pelo filho, é a alma de tudo isto. Quem, até hoje, vivendo os bastidores em que se produz a sétima arte, deu tanto de si pela causa do cinema? Temo bem que muita e boa gente esteja a esquecer-se disto e a criar mais uma injustiça para os arquivos de silêncio de que, infelizmente, tão pródiga tem sido a história do cinema, em Portugal. Todos os dias assistimos a casos de quem, desesperada e apaixonadamente, deu a vida pela arte das imagens em movimento e recebe, em paga, o desprezo e o insulto por banda de quem nem um dia por ela se sacrificou. Estamos acostumados a isso, mas não resignados e esta nossa revolta (porque é sã) que dará fruto, um dia.

Pois Fernando Duarte, fora do bulício das grandes espectacularidades, na intimidade eficiente das suas oficinas, vai dando corpo àquilo que alimenta, enobrece e propaga o cinema entre nós. "Celulóide" é a carne sempre fresca desse labor, é a revista exclusivamente de cinema que resiste não só aos ventos da história como aos ventos dos que queriam vê-la silenciada, nem que fosse pelo esquecimento. Mas Fernando Duarte é daqueles que não vergam e possuem o humor sereno de dar

de ombros aos detractores. Meticuloso no seu artesanato de dar à estampa a "Celulóide" e difundir amplamente o amor pelo cinema de arte, aí vai ele, de vento em popa, actual, activo, em cima do acontecimento, sem rancores e com ideias de levar mais longe e a mais gente as suas iniciativas cinematográficas.

É com homens como Fernando Duarte e com revistas como "Celulóide" que o futuro do nosso cinema tem de contar e de estar atento, proporcionando-lhes apoios com que raramente contaram. Desse trabalho desenvolvido em profundidade, contrariando as adversidades, o cinema português tem lucrado algo; algo que é a sua centelha genuína e o fogo sagrado dos que o não deixam apagar.

Fernando Duarte já é um nome importante na história do cinema português. Mas que não se consinta acrescentar o seu nome ao rol dos mártires. Se nos restam tantos para chorar e tão poucos, ainda, para saudar... — D.G.

TRÁS-OS-MONTES NÃO É ISTO

"Trás os Montes". Realização, som e montagem de António Reis e Margarida Martins Cordeiro. Fotografia de Acácio de Almeida. Interpretado pela gente transmontana. Produção portuguesa, distribuída pelo Centro Português de Cinema. Em exibição no cinema Satélite, em Lisboa.

Em primeiro lugar não está em causa o talento multifacetado de António Reis. António Reis é um poeta, um poeta de que se gosta ou não, mas um poeta. E ainda bem que os poetas acorrem ao cinema dando o seu contributo plástico e imagético, emprestando o seu universo singular de experiência com o mundo, colaborando com uma arte que de tão nova e promissora já se desencanta com o fastio de processos usados e abusados, não sabendo que

tem séculos a haver, tantos mistérios insuspeitados a revelar.

O esforço de António Reis tem méritos. Méritos, talvez, mal coordenados. A sua noção de cinema, decerto, não é a mais exacta. Porque estática, porque monocórdica, porque estereotipada num certo jogo em que uma feiura de epigramas cinemáticos, embora abundantes, não fazem um longo filme. Melhor, um longo e intenso olhar sobre uma humanidade no seu estádio, em breves detecções de um episódio de uma ideia, de uma elocubração.

Não é essência do cinema deixar a câmara de filmar parada, fixa e permitir que pessoas, objectos, coisas, se movimentem em seu torno. O cinema, desde Eisenstein, Clair, Wells até Kubrick é a câmara em movimento, inquieta, nervosa, redonda. Ela, a câmara de filmar, é que gira em torno do mundo e suas coisas, conquanto estes se possam deter em silêncio, pausa, ensi-



António Reis, um poeta de que o cinema necessita

mesmo. É a anulação da moldura pictórica, a abertura incessante de espaços livres, circundantes, móveis. O "écran" nunca está hirto, especado, à espera do acontecimento. Procura-o, violenta-o, cria-o. Descobre-lhe os perfis, como a escultura, os gestos mínimos, as volutas da carne, os espasmos e deambula-

ções dos corpos, mesmo inertes. É a invenção do movimento em todas as suas facetas naturais ou não, a medida milimétrica da vida. Isto é o cinema, a linguagem genuína e maravilhosa do cinema.

"Trás-os-Montes" não é isto. É uma intenção. Uma literatura que se serve do cinema, de servindo-o logo.

Depois disto tudo e ainda como nossa frustração de espectador, tenho a dizer que senti muito pouco o Portugal que amo neste filme. Do lugar do meu país que é Trás-os-Montes, senti-me despaisado, porque vi um rincão da minha terra sem referências próprias. Por vezes, supus-me no Tirol, na Birmânia ou no Peru. Nada me vibrava portuguesamente o sangue. Adivinhei-lhe caracteres, extractos de uma língua, fisionomias identificáveis. Mas nunca um clima inconfundível, um modo de vida insofismável, uma natureza irrepitível. Aquilo que há de insubstituível nos nossos hábitos e no nosso isolamento. Aquilo que é de terrível e de milenário na nossa razão e sentimento.

Infelizmente o meu amor emocional e pátrio não se humedeceu e não reconheceu os seus ossos. Filme cheio de arestas imperfeitas e de estupefacções indefinidas. Excessivamente preocupado com um conceito de distância e comungando ligeiramente das aproximações necessárias. Um filme a precisar de um olhar mais penetrante e a exigir um rever de conteúdo humano e cinematográfico.

De admirável, uma dúzia de planos que são do mais belo que o cinema português jamais nos deu. Autênticos quadros de verdade, de cor, de luz. Um aceno muito especial, neste aspecto, para o director de fotografia, Acácio de Almeida. Avulta, nestas imagens, a sequência final do comboio na madrugada, obra-prima de cinema, de rigor, de poesia, de plástica.

Para António Reis, a esperança de que se recheie melhor da linguagem cinematográfica, mesmo à custa das suas apetências literário-ensaísticas. Pois vale a pena a sua participação criadora de poeta. Pois pela via da poesia a sério há todo um cinema português a fazer mais, a inventar. ● D.G.

Cinema

"BODAS DE LAMA"

● "Bodas de Lama", realizado por Thierry Zeno. Produção belga. Distribuído em Portugal por Animatógrafo. Em exibição no Quarteto - Sala 4, de Lisboa.



"Bodas de Lama", expressão máxima de cinema "underground"?

"Bodas de Lama" é, sob certo ângulo de visão, um filme perturbante. É desesperante pelo que contém de agressivo, mórbido e nu sem complacências. Desenraizado também de qualquer forma de apego à vida e ao belo. Pois a vida é-nos lançada em pleno rosto como um acto de promiscuidade sobrevivência e o belo adquire os contornos do trágico obsoleto.

Aqui o homem mistura-se, em vida, com a argamassa putrefacta da sua decomposição morta. Vive como um cadáver que mexe e traz os hábitos fedorentos da sua civilização irreconhecível. Ou melhor, subtraída dos seus ouropéis falsos, descarnada, mostrada em toda a sua miséria verdadeira e contida. Neste filme, a civilização é inclementemente vergastada, a sua carne rósea voltada para dentro e o esqueleto deitado para fora. Nenhuma conces-

são. O insuportável de uma super-realidade que, no nosso dia-a-dia, defensivamente, mascaramos. Mas que existe e nos envenena a consciência e a grande moral que nunca soubemos construir.

É um filme denunciador da repulência humana, a lúcida desmontagem da nossa pequenez e do nosso absurdo. É um filme situação-limite de fim do mundo. O amor tem o seu verdadeiro romance, através da relação do homem com uma porca. Todos os efêmeros valores se esboroam, o logro do nosso percurso definitivo. Nada resta. O homem perdeu a própria espécie, não mais se transmitirá ou reencontrará a sua fisionomia. O mundo e o seu reinado são uma lama, procriadora apenas de mais lama. A destruição comanda os seus últimos gestos de inteligência.

O seu comportamento, como sempre, tende ao suicídio, sublimação máxima do seu poder. Perdendo-se e eliminando-se da harmonia do universo, o homem descobre, enfim, a sua vocação e atinge o seu objectivo absoluto. Casa-se com ele mesmo, devorando-se, nas terríveis núpcias da sua morte.

"Bodas de lama" é uma obra de coragem. De desmistificação. Arrojada como a verdade extrema que não se quer encarar. Excessiva como uma alegoria impossível de olhar olhos nos olhos. Um esplêndido filme que nos corrói como ácido sulfúrico. Pior, que nos adoce o espírito, que nos apodrece a vontade de sair vivos do seu inferno.

Um filme a ver, põe à prova a nossa capacidade de sobreviver, apesar de tudo... ● Dórdio Guimarães

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno... rega todas as culturas.

ASPERSORES de jacto raso



de jacto simples

de grande alcance



de rega em sector
de jacto duplo
(para chorume, modelo especial)

TUBAGEM transportável, com acoplamento rápido, articulado.



pressão de serviço: 20 kg/cm²

INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO transportáveis - semi-fixas - totalmente fixas.

MATERIAL P/ FERTILIZAÇÃO EQUIP^{to} P/ ESTABULAÇÕES

- rega de humedecimento
- rega contra geadas
- rega com estrume líquido
- projectos para: agricultura e pecuária



MOTO-BOMBAS ELECTRO-BOMBAS BOMBAS P/TRACTOR grandes stocks

VIATURAS - CISTERNA

para: aspiração automática e aspersão de estrumes líquidos.



capacidades: 1700 a 4500 litros

At Serviço Informativo GUSTAVO CUDELL, LDA. Apartado 348 Paris. Queriam enviar-me literatura sobre:

- Rega de humedecimento;
- Rega com chorume;
- Equip. p. estabelecimentos;
- Viaturas cisternas;
- Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal! ...adquirir V. Ex. também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

GUSTAVO CUDELL, LDA.

● DIVISÃO O.P. ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
LISBDA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B PORTO - Rua do Bolhão, 157 ELVAS - Largo da Misericórdia, 15 A
Telefs. 771701-767717 - Telex-1439 Telef. 37966 (5linhas) - Telex 2723 Telegramas "REGA"

Manuel Guimarães

HOMENAGEM AO HOMEM QUE NÃO DESISTIU



Manuel Guimarães

● Manuel Guimarães foi homenageado. A homenagem merecida ao homem que, no percurso difícil de uma vida toda dedicada à arte, soube dizer não. Que foi capaz de construir, partindo do nada.

Espartilhado pela censura que todos conhecemos, cerceada a liberdade de apontar os erros, os podres, Guimarães foi dos poucos que teve a coragem de não desistir, na luta constante que foi toda a sua vida.

Por isso, homenagem merecida, esta. Pena, muita pena, a ausência verifi-

cada por parte dos organizadores do certame, na pessoa do Director Geral da Acção Cultural, dr. Eduardo Prado Coelho. Pena, a deficiente máquina propagandística, que apenas noticiou a retrospectiva de homenagem no próprio dia do seu início. Pena o amorismo, o descuido, a nítida falta de protecção, em todos os sentidos. Que nos deixou ver, apenas, dez quadros da sua obra de pintor, quase desconhecida do público e que teria, agora, uma tão boa oportunidade de ser mostrada. Que não nos patenteou uma só das suas caricaturas. Que exhibe escassíssimo material de toda a sua filmografia.

O pouco público que ocorreu — quantos terão tido conhecimento do

que acontecia? — quase não deu pela exposição, sem cartaz que a indicasse, entretdo, no “hall”, entre a bica e o cigarro do intervalo.

Foram exibidas todas as suas longas metragens, como alguns dos seus documentários, ordenados, cronologicamente, desde “Saltimbancos” — película rodada em 1951, graças ao esforço de todos os seus intervenientes, constituídos em sociedade — até “Lotação Esgotada”, uma sátira social datada de 1971.

ACREDITAR — P. Manuel Guimarães

Cambaleando ao impacto das balas, um a um, os cinco homens caem no chão agonizantes, aos primeiros clarões de uma alvorada que se supõe alentejana. Plasticamente bela, esta cena impõe-se também pela sua repetição ao longo do filme. Primeiro a ritmo normal, depois em câmara lenta, sem o matraquear das metralhadoras, somente a música de fundo e os corpos que se contorcem numa dança de morte.

— Tens medo? — pergunta Mário.

— Não — responde um dos seus companheiros, também como ele algemado.

Mário, personagem do filme, idealiza a cena, colocando-se na pele de um daqueles cinco antifascistas tombados aos primeiros alvares da madrugada, depois de uma noite de espera angustiante. No entanto, esboça a fuga, embora inutilmente. De facto, condenado pela doença que o consome, ele sabe que vai morrer.

“Tudo tão pouco, tudo tão nada”,

são as suas últimas palavras. Não se trata, no entanto, de apologia da inutilidade da vida, pois ao lado do seu corpo tombado, o filme termina com a imagem de uma seara ondulante, salpicada de papoilas, numa promessa de vida.

“Cântico Final”, em exibição em Lisboa, foi (é) o derradeiro filme de Manuel Guimarães e, talvez, a sua obra mais controversa. Na linha dos seus filmes anteriores, onde a influência neo-realista se dilui num estilo cada vez mais pessoal, esta película é, quando a nós, a mais bem conseguida. Um filme quase adulto na nossa cinematografia, onde os efeitos técnicos não são meros exercícios de aprendizagem.

De resto, rodado anteriormente à “revolucionária” vaga demagógica que assolou a “ilustre praia lusitana” e ameaça agora reduzir tudo à mediocridade populista, o filme foi forçosamente espartilhado pelos condicionamentos (repressão) ideológicos então existentes.

Extraído do romance homónimo de Vergílio Ferreira, o tema não é

novo: Qual o lugar do homem no Mundo? Que fazer da vida? Que liberdade? Os homens amam-se a odeiam-se, para quê? “Tudo tão pouco, tudo tão nada.” No fundo, os homens têm todos o mesmo objectivo — diz um personagem — harmonizarem-se com a vida, encontrarem o seu caminho e sobreviverem ao tempo, cada um à sua maneira, o camponês amealhando dinheiro; o pintor pintando quadros. A liberdade, que liberdade? A de morrer por uma causa, a de matar, a de viver somente cada instante, como a bailarina do filme, e de amar coisas impossíveis ou a de viver simplesmente a vida, tentando melhorar o que está ao seu alcance, sem mentiras nem grandes embustes.

“Eu sou materialista”, exclamava Mário. No entanto, não amava ele uma mulher inexistente? Porque não Deus, como lhe sugere o médico, impotente perante a sua doença. No fundo os homens precisam de acreditar em qualquer coisa que não acabe com a sua morte.

● J.A.

No final daqueles dois filmes, como no final da comédia popular "A Costureirinha da Sé", uma parte da assistência reuniu-se em colóquios orientados por Lauro António, Padre Vieira Marques e pelo filho do homenageado, o nosso colega de redacção Dórdio Guimarães. De lamentar que o facciosismo — ou mera pedantice? — de alguns, particularmente ligados às coisas do celulóide, tenham tentado o pretensiosismo, assaz ridículo, de vislumbrar intenções políticas em películas tão transparentes como "A Costureirinha da Sé".

Finalmente, encerrando a retrospectiva, a estreia da sua última obra, "Cântico Final", extraída do romance homónimo de Vergílio Ferreira, a única película de Manuel Guimarães após o 25 de Abril, concluída, na fase de

montagem, por Dórdio Guimarães, em virtude da sua morte, em Janeiro de 1975. Desta obra, damos notícia crítica neste mesmo número da "Vida Mundial".

Em exibição até fim do mês em curso, sobre o "Cântico Final" se realizarão colóquios, todas as terças e sextas-feiras, moderados por nomes ligados às artes, às letras e, especificamente, ao cinema. O filme retomará a sua carreira em Outubro, para uma mais longa exibição.

Cômputo final do que deveria ter sido uma verdadeira homenagem fica a amargura de uma constante — a "non chalance" — que teremos de classificar, infelizmente, de à portuguesa.

Será que isto das artes terá de continuar a ser, em Portugal, um filho espúrio da cultura? — M.S.R.

PERDIGÃO QUEIROGA: FEZ-SE JUSTIÇA

Perdigão Queiroga é, indiscutivelmente, o mais qualificado dos técnicos do cinema português. E o mais antigo, também, em laboração constante. Quarenta anos de profissionalismo — sem uma quebra, um desfalecimento — e um entusiasmo próximo da paixão fizeram deste homem um caso de inexcusável sabedoria, no que concerne à prática das mecânicas de fazer cinema.

Não está em causa o aspecto dos seus dons de criatividade, mas sim aqueles (e que são de mestre) que tornam possível e vindoura a realidade adulta de uma cinematografia. O virtuosismo técnico que faz tratar por "tu" tudo quanto compõe um filme, desde que ele é concebido até à sua forma definitivamente acabada. Perdigão Queiroga é a mais notável personalidade técnica do cinema português. Estimá-lo é pouco; preservá-lo, uma obrigação que temos a felicidade de aqui registar.

Pois este homem raro no seu "métier" e trabalhador invulgar foi, há mais de um ano, espoliado das ferramentas do seu ofício, roubada a oficina que adquiriu à custa de lutar pelo exercício dos seus conhecimentos e re-

legado para uma situação obscurantista de indigente e indesejável à sociedade que "alguns" pretendiam e pretendem instaurar.

Os seus estúdios, em Março de 1975, foram usurpados pelos trabalhadores que, indigitados pela política que se instalara no Instituto Português de Cinema e a coberto do regime gonzalvista, saquearam toda a aparelhagem e instalações, passando a administrar o que foram os seus bens com suor e lágrimas obtidos, ao longo de uma vida de dedicação e sacrifícios. Esse homem, sumariamente saneado sem motivos válidos de qualquer espécie e vítima, sim, da ganância e ódio de quem sempre hipocritamente o serviu, usufruindo, sem responsabilidades, do produto dos seus incalculáveis problemas financeiros, viu-se, nisto, despojado literalmente de tudo, sem um tostão no bolso, e nem sequer as suas dívidas lhe deixaram, dívidas essas que, honrosamente, ia colmatando conforme as encomendas de que conseguia beneficiar.

Foi demagogicamente cuspidor por ser um pequeno patrão e atirado para a miséria, como se o cinema português se pudesse dar ao luxo de anular um

profissional de tamanha envergadura e condená-lo à mais obsoleta das situações humanas.

Decorreu mais de um ano, ano terrivelmente sombrio, em que Perdigão Queiroga experimentou as agruras da mais execrável das injustiças, sem nunca abdicar da sua condição de português que, por nada deste mundo, abandona a sua terra. Assistiu à desordem parasitária dos que ocuparam a sua oficina de trabalho, ao esbulhar soez da sua maquinaria ao serviço de um partido totalitarista e que o povo português pagava sem um protesto. Amassou pão e sangue em intermináveis dias de revolta, sobrevivendo à força do pulso de ocasionais trabalhos e escassos amigos, mas sem desistir da sua esperança e dos seus direitos.

E, finalmente, eis que chega a sua hora. A hora da sua justiça, que tardou mas chegou. Através do secretário de Estado da Cultura, tudo indica que os seus estúdios (tão vilipendiados) vão ser devolvidos ao profissional que nunca se deixou derrotar. A ladroagem que por lá chafurdou vê os seus dias contados. Aos parasitas sucede-se a ordem que ainda pode salvar uma actividade que já desesperávamos de ver dignificada neste país. São homens como Perdigão Queiroga que podem reabilitar o que já supúnhamos irremediavelmente perdido. A sua alegria, a sua capacidade, a sua energia produtiva. Homens como ele, que do cinema sabem todos os truques e a ciência de o tornar eficaz e tentável.

Ao fazermos, aqui, a honra a um grande profissional, que muito ainda tem a dar e a ensinar ao cinema que Portugal quer vir a fazer, honramos, também, sobremaneira, a qualidade e o pulso de um homem como o secretário de Estado da Cultura, dr. David Mourão-Ferreira, que, sendo poeta e agente responsável da cultura, sabe, superiormente, reconhecer o mérito dos verdadeiros profissionais, ou seja, os artífices, mercê dos quais se impulsiona a arte e a cultura de uma nação. Bem haja tal gesto patriótico. Ao recuperar-se um técnico como Perdigão Queiroga para a vida portuguesa constrói-se o futuro que suspiramos. Daqui, com ovidamente, saudamos acontecimento!

● DÓRDIO GUIMARÃES

"CAVALOS DE TROIA" NA CASA DE CADA UM

Quem quisesse ver em acção o processo triturador, mistificador e manipulador típico de uma "maioria de esquerda", cuidadosa e cautamente montada a partir de recrutamentos individuais feitos em zonas minoritárias, não podia ou não devia ter perdido o programa que a RTP transmitiu ao fim da noite de terça-feira da semana passada, logo a seguir a mais um episódio das aventuras e desventuras do prussiano Von den Trenk.

Tratava-se, nem mais nem menos, de uma tentativa de repressão terrorista, na forma cândida de uma "mesa-redonda" em que, na fingida função de moderador, actuava uma fotogénica esposa e mãe, a tal da "maneirinha figura" muito propensa a complicadas filosofias e que, ali, em convivência com quatro convidados, se propunha proceder, sem ser por piscadelas de olho, à recuperação do material subversivo contido no tema "Os Pais e a Educação"... Ovelhas atraídas ao sacrifício e que os conluídos da "maioria" estariam predispostos a fazer sair do estúdio em "picado de carne", dois representantes de Associações de Pais — Penha Coutinho e José Manuel Antelo.

Mas o melhor é pôr os nomes, para tornar mais inteligível o comentário: na liderança, Fátima Martins Pereira, que na pluralista TV faz equipa com Helena Vaz da Silva e aqueles outros neófitos partidários de louça de que falámos, vai para quinze dias, nas qualidades de animadores do longo magazine com que a RTP se propõe castigar os telespectadores nas derradeiras quintas-feiras de cada mês. (Para os leitores interessados em conotações, confirmamos, sim senhor, que a maneirinha e fotogénica

jovem é a mulher do eng. João Martins Pereira, aquele rapaz inteligente que na época marcelista publicou o inteligente livro "Pensar Portugal, Hoje"; que no período gonçalvista foi secretário de Estado da Indústria — às tantas demissionário por simples inteligência do condicionalismo ao tempo vigente; e que dirige, agora, e inteligentemente, também, o semanário esquerdista "Gazeta da Semana", um dos órgãos do "poder popular" exaltantes da campanha de Otelo...). Os demais, convidados na melhor das hipóteses, eram Manuela Fazenda, uma presença sempre exigida quando se trata de fazer prevalecer as ideias "democráticas"; Rui Grácio, descomprometida figura a quem o País já está deverdor de amplos serviços no campo educacional, e não só; e dois outros "professores", um de barba por fazer e outro escanhado, António Enes e Santana Castilho, de currículos desconhecidos, mas de patente determinação.

Para defrontar dois chefes de família (trabalhadores, cidadãos eleitores, contribuintes, mas suspeitos de tenebrosos desígnios, já que pretendem interessar-se pelos destinos dos filhos e das escolas que frequentam), os "cavaleiros do apocalipse", que eram cinco!, implacáveis, obstinados, recorrendo à demagogia sempre que conveniente, à ameaça e à denúncia, sempre que oportuno, ao desvirtuamento total e completo das alegações dos contrários sempre que daí pudessem extrair ou impingir um argumento dialéctico qualquer, susceptível de envolver no fumo das suspeitas ou das recriminações mais deslocadas "os alhos" que se pretendia fazer figurar como "bugalhos"...

Espectáculo dos mais desonestos

que a RTP tem oferecido ao público, ao nível de alguns dos inesquecíveis "Teleforum" da época jesuítica, esta "mesa-redonda" merece ficar na história das descaradas tentativas de manipulação da opinião pública através dos órgãos da comunicação social no nosso país. Pelo "partis-pris" demonstrado pela "moderadora", pela parcialidade e o favoritismo de que deu provas em relação àqueles que "convidara" ou fizera convocar, para reforçar os seus próprios pontos de vista, e pela hostilidade, má criação e impertinente comportamento adoptado para com os outros dois. Foi um debate de autêntica batota, todo ele viciado, "jogado com cartas marcadas" e conduzido, afinal, com "piscadelas de olho" que denunciavam a cumplicidade e a má-fé.

Os quatro "cavaleiros do apocalipse" (que eram cinco!) insultaram os pais, evocando métodos "pidescos" que, afinal, eles próprios puseram em prática, num procedimento tipicamente terrorista. Mas porquê tamanho arreganho, para não dizer ódio, às Associações de Pais? Porque estas põem em risco a instauração da ditadura nas escolas, concorrem com o dirigismo intelectual e com a dissolução moral que se pretendem instalar — para que a juventude, as crianças e os adolescentes mais facilmente possam vir a ser acorrentados às ideias totalitárias e usados como elementos privilegiados para a destruição, que se persegue, da instituição familiar?

Estes propósitos, e estes objectivos, ficaram, implícitos, na bicuda "mesa-redonda" que D. Helena encomendou a D. Fátima, e a RTP, com culposa passividade, veiculou.

● S. L.

TOYOTA



o carro já eleito

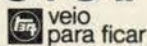


TOYOTA o carro já eleito

Já eleito, no nosso País, por cerca de 50 000 condutores, o Toyota cobriu todas as previsões no que se refere à **economia**, à **segurança**, ao **conforto** e à **assistência**.

Milhões e milhões de quilômetros foram percorridos pelo Grande Candidato na sua campanha eleitoral num verdadeiro teste de resistência e maneabilidade. E também na poupança. Realmente, o favorito gastou menos do que qualquer outro candidato nesta dura prova quotidiana que já conta mais de cinco anos!

TOYOTA



E FICOU MESMO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. • CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

Pacto de Varsóvia

A EUROPA ESTÁ CERCADA

"Nem NATO nem Pacto de Varsóvia". Este foi um dos "slogans" mais utilizados por várias forças políticas para exprimirem o seu desejo de independência nacional do nosso país, que preferiam ver a margem dos dois blocos militares em que está praticamente dividida a Europa. Mas se se fosse realizar imediatamente este objectivo, arriscávamo-nos a fazer aquilo que os chineses sintetizam com um provérbio: "Expulsar o lobo pela porta da frente e deixar entrar o tigre pelas traseiras."

Para nós, portugueses, importa mais do que nunca sabermos o que significam esses dois blocos, pois a posição estrategicamente importante de Portugal faz do nosso país um ponto-chave nas rotas do Atlântico. Ao longo da nossa costa passam mais de dois terços dos abastecimentos para a Europa. Por isso, a União Soviética jogou em força no nosso país: trata-se de uma pedra importante nos seus planos de cerco e asfixia do velho continente.

NATO e Pacto de Varsóvia são dois pactos militares. O primeiro, também conhecido pela sigla OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), teve o seu início em 1949, abrangendo, por um lado, a Bélgica, França, Luxemburgo, Holanda e Inglaterra, já ligados por um tratado de defesa mútua, o Tratado de Bruxelas, e, por outro, o Canadá e Estados Unidos da América do Norte. A estes juntaram-se a Dinamarca, Islândia, Itália, Noruega e Portugal. Um ano depois, a Grécia e a Turquia ingressaram também e, finalmente, em 1955 a Alemanha.

Na altura da assinatura do tratado estava ainda fresca a memória do golpe de Estado comunista de Praga, em 1948. E isso, juntamente com a expansão soviética dos últimos anos (anexando parte da Finlândia, Estónia, Letónia, Lituânia, a Prússia, parte da Polónia, da Checoslováquia e da Roménia, ou controlando países como a Bulgária, Roménia, Polónia, Hungria e Alemanha Oriental), certamente reforçou a ideia já exis-

tente de uma aliança entre as democracias europeias com o fim de preservarem a sua integridade territorial.

Esta aliança, cujo Grande Quartel-General das Potências Aliadas na Europa (SHAPE) se localiza presentemente na Bélgica, teve, desde o seu início, o apoio de todo o poderio militar dos Estados Unidos bem como do Canadá, o que, de resto, está de acordo com as suas necessidades estratégicas, visto depender do destino da Europa a segurança da América.

AGRESSIVIDADE CRESCENTE

Por seu turno, a União Soviética, sentindo-se ameaçada pela OTAN, particularmente após o rearmamento da Alemanha e a decisão de equipar as forças armadas do bloco atlântico com armas nucleares e foguetões, convoca para Moscovo uma conferência dos países de Leste, no encerramento da qual dá a conhecer a decisão de tomar todas as medidas

consideradas necessárias no sentido de preservar a sua independência, bem como a inviolabilidade das suas fronteiras e dos seus territórios.

Em Maio de 1955, oito países socialistas (Albânia, Bulgária, Hungria, República Democrática Alemã, Polónia, Roménia e URSS) firmaram em Varsóvia o Pacto de Amizade, Cooperação e Ajuda Mútua, que passou a denominar-se simplesmente Pacto de Varsóvia.

Estavam pois criados os dois blocos militares, cada um dependendo de uma das superpotências, respectivamente Estados Unidos da América do Norte e União Soviética. No entanto, no primeiro caso, a hegemonia americana foi sendo contestada, enquanto no Pacto de Varsóvia a URSS impôs cada vez mais o seu poder absoluto, como prova claramente a invasão da Checoslováquia, em 1968, e a célebre teoria emanada de Moscovo sobre a "soberania limitada", segundo a qual nenhum dos países membros é livre de decidir do seu destino, quer económica quer politicamente.

Quanto às intenções de cada um destes blocos e o perigo que eles representam para a segurança dos povos, tem-se assistido a uma agressividade crescente do Pacto de Varsóvia. De facto, depois de um certo equilíbrio e até de cooperação entre aquelas duas superpotências na partilha do mundo, em que a iniciativa estratégica pertencia ora a uma ora a outra, embora com predomínio para os americanos, a situação modificou-se. Após os reveses militares dos americanos na Coreia e, particularmente, na Indochina, paralelamente a um trabalho de sapa levado a cabo nos países do Ocidente pelas "quintas-colunas" do Leste, encorajadas pela tendência capitulacionista de

certos partidos socialistas, os EUA e a NATO encontram-se hoje na defensiva.

PORTUGAL E ANGOLA: DOIS EXEMPLOS

A URSS, não respeitando a soberania das nações, trama "complots" e interfere nos seus assuntos internos. Por instigação sua e com equipamento militar seu, a União Indiana lança-se numa aventura militar contra a China em 1966, e mais tarde eles próprios tentam invadir com os seus exércitos as fronteiras deste país. Na mesma zona do Globo organizam um golpe de Estado no Afeganistão, bem como tentam derrubar o Governo anti-imperialista de Nemeiry, no Sudão, e o Governo legal do Ceilão. Na América do Sul dominam o povo cubano, e a sua rivalidade com os Estados Unidos foi a grande responsável pelos trágicos acontecimentos no Chile. No Médio Oriente, é o próprio Sadat do Egipto que os denuncia. Na Europa invadem a Checoslováquia, organizam a subversão em toda a parte e tentam destruir as Forças Armadas de cada país.

Portugal é um exemplo eloquente da sua acção, e Angola o mais recente e significativo: aí ficou claramente demonstrado que a União Soviética não hesitará em utilizar a força para servir os seus interesses onde e sempre que tenha possibilidade de o fazer, mesmo que para isso ponha em perigo a paz mundial.

Ficou demonstrado que para esta superpotência a "détente" não é mais do que uma política concebida para servir os seus objectivos, isto é, esconder as suas intenções expansionistas.

À FRENTE DOS EUA

Militarmente, devido à militarização da economia da URSS (onde, segundo um dos principais economistas soviéticos, A. Aganbegian, 40 por cento dos créditos são atribuídos ao sector militar), esta superpotência conseguiu compensar largamente a sua desvantagem inicial.

No domínio do armamento estratégico o seu crescimento foi especta-

cular: em 1972 as suas rampas de lançamento de foguetões intercontinentais excediam já em um terço a força correspondente dos EUA, além de disporem ainda de 500 rampas de lançamento de engenhos de alcance médio e intermédio, dispostos de maneira a baterem alvos em toda a Europa Ocidental. Porém, em 1974, esta diferença foi ainda mais profundamente acentuada: a URSS tinha quase duplicado as suas rampas de lançamento. A própria vantagem do Ocidente em submarinos portadores de mísseis balísticos é também praticamente anulada com a introdução de novos submarinos estratégicos nucleares.

Em 1971, no quadro do Nono Plano Quinquenal, a investigação continuou a progredir em todos os sectores da física, química e electrónica de aplicação militar. Para fazermos ideia das verbas aplicadas nesse sector, repare-se que essas despesas subiram de 5,2 biliões de rublos em 1964 para 11 biliões em 1970; 2 anos depois, porém, essa cifra atingia já o montante de 14,4 biliões de rublos. Melvin Laird, secretário de

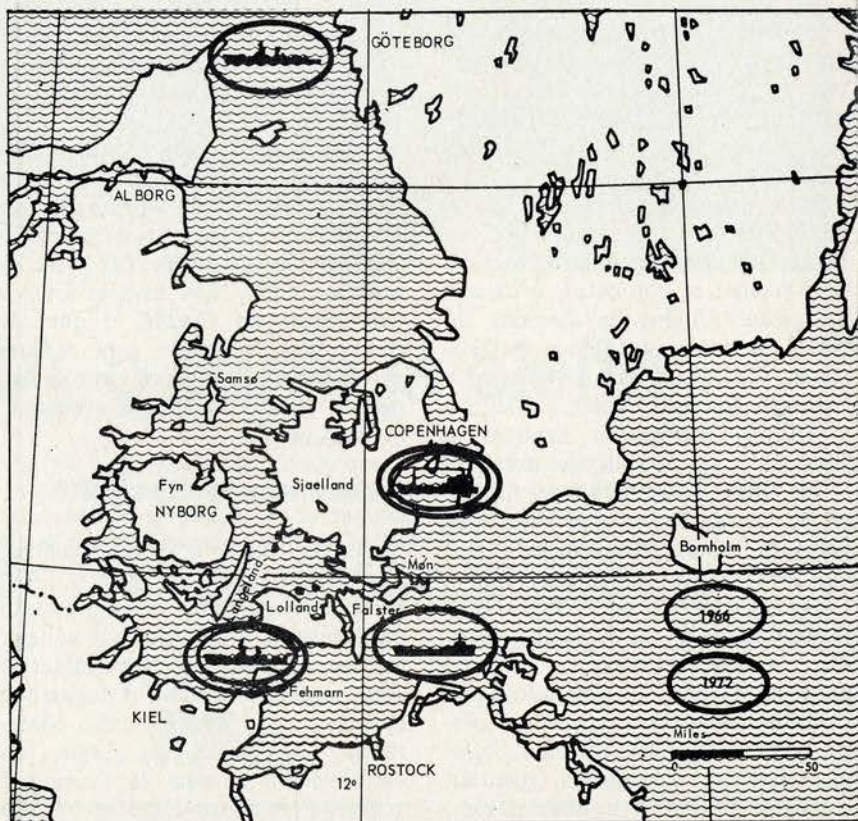
Estado americano da Defesa, observou em 1969 que as despesas para o armamento estratégico da URSS atingiam o montante de 18 biliões de dólares, isto é, mais do dobro dos gastos correspondentes dos EUA.

APREENSÕES DO OCIDENTE

Vimos assim, embora em traços rápidos, qual a panorâmica no domínio dos armamentos estratégicos, não sendo porém mais optimista a situação noutros domínios militares. Bem pelo contrário. A análise da situação no seu conjunto é de molde a criar sérias apreensões aos responsáveis pela defesa do Ocidente e, de uma maneira geral, a todos os países do mundo, como de resto os dirigentes chineses, mais do que ninguém, têm vindo a chamar a atenção.

Desde 1968 foram acrescentados aos Grupos de Forças Soviéticas e seus aliados na Europa cerca de 5000 carros de combate, bem como quase duplicou o número de canhões por divisão, sendo mais de metade de um novo tipo, passando-se outro

Vigilância naval soviética nos acessos ao Báltico em 1966 e em 1972





Actividades navais soviéticas em 1960...



... e agora

tanto com os seus lança-foguetões múltiplos e os seus canhões anticaros, etc.

Paralelamente, além das armas estratégicas, têm aumentado os "stocks" globais de munições convencionais, registando-se um constante melhoramento do sistema logístico dos Grupos de Forças, nomeadamente pela crescente utilização da capacidade de transporte motorizado. Os "pipe-lines" e outros elementos de infra-estrutura logística têm sido aumentados e aperfeiçoados.

Particularmente importante, e em contraste com as forças da OTAN, é o grau de standardização já atingido em todas as forças do Pacto de Varsóvia, permitindo-lhe em caso de guerra um poder de operacionalidade que as forças ocidentais dificilmente poderão igualar, devido à diversidade dos seus equipamentos.

PACTO DE VARSÓVIA: MAIS HOMENS E MAIS ARMAS

Do ponto de vista numérico, as forças de combate do Pacto de Varsóvia na Europa montam a 100

divisões de combate soviéticas, apoiadas por cerca de 60 divisões dos restantes países do Pacto. A esta força militar apontada contra o Ocidente juntam-se perto de outras 30 divisões, sete das quais aerotransportadas, mantidas em reserva estratégica. Além disso, será de não desprezar as forças soviéticas suplementares estacionadas na Checoslováquia, tal como as forças soviéticas estacionadas nos outros países da Europa Oriental, que contam com equipamentos praticamente completos e prontos para a acção imediata.

Nas restantes partes do Globo, quer no Mediterrâneo, golfo Pérsico, Oceano Índico, Sudeste Asiático e Extremo Oriente, a situação continua a não ser vantajosa para os EUA e seus aliados. O balanço da situação acusa um saldo positivo para a União Soviética, quer em número de homens em armas (o dobro das dos Estados Unidos) quer ainda na quantidade de equipamento em presença, abrangendo carros de combate, unidades navais e mísseis estratégicos. Somente em aviões militares e mísseis tácticos acusam desvantagem e, mesmo essa, por reduzi-

da margem.

É de acentuar também a concentração de tropas que a União Soviética tem vindo a efectuar desde 1965 na fronteira com a China, no Sinkian, ao longo da Mongólia Exterior e da Manchúria, atingindo já um total de 40 divisões de combate, cerca de 1 milhão de homens em armas. A amplitude desta concentração e o seu significado têm sido frequentemente postos em relevo por Pequim, que não hesita em classificar os dirigentes soviéticos como "novos hitleres do nosso tempo".

O mais ameaçador, porém, é a actividade naval soviética. "A crescente força marítima soviética é possivelmente o facto político-militar mais importante da segunda metade do século actual", disse, em 1974, o general da Força Aérea Steinhoff, presidente do Comité Militar da NATO, que acrescentou sentir-se "talvez mais alarmado pela política do poder marítimo soviético do que pela confrontação na Europa Central. Especialmente em termos de poder naval, a máquina soviética atingiu uma força cuja aplicação, no quadro de uma política sistemática

de poder, está destinada a conduzir a compromissos cada vez mais desvantajosos para o enfraquecimento do Ocidente”.

De facto, o mar, uma estrada indestrutível, está aberto a todos. O programa soviético de armamento naval, no qual está sendo gasto mais dinheiro do que no programa espacial, visa a criação de uma frota oceânica capaz de apoiar os seus esforços expansionistas, sem a necessidade de se bater junto às suas fronteiras, na Europa Central. Aqui, qualquer avanço do Exército Vermelho criaria imediatamente o perigo de uma terceira guerra mundial dada a concentração de potencial militar de ambos os lados. A Aliança da NATO pode ser destruída a pouco e pouco pelo poder naval, sem recurso a um conflito generalizado.

Economicamente falando, o império continental soviético, que se estende do Elba ao Pacífico, é praticamente auto-suficiente, não necessita da Esquadra Vermelha para a protecção das suas linhas de abastecimento. Para o Ocidente, pelo contrário, as linhas vitais de sobrevivência correm através dos oceanos, o que foi já dramaticamente evidenciado pela crise do Próximo Oriente.

A EUROPA ESTÁ CERCADA

O conceito básico do Estado-Maior soviético é o cerco exterior da Europa nos seus dois flancos marítimos, no sentido de isolar a Europa Ocidental da América, neutralizá-la e “finlandizá-la”, impondo o reconhecimento da sua hegemonia. Por isso, a passagem livre e sem impedimento através do oceano é matéria de vida ou de morte para a Aliança Atlântica.

De acordo com estimativas grosseiras, a NATO requer na Europa cerca de 100 000 toneladas de produtos vitais de defesa, através do oceano, por cada dia de hostilidades, e mesmo que a capacidade de transporte aéreo possa vir a ser mais aumentada, o grosso dos abastecimentos militares terá de continuar a depender dos transportes marítimos. A protecção desta via de abastecimento torna-se difícil para a NATO, devido ao facto de ter de exercer

vigilância em toda a parte na totalidade do oceano Atlântico, enquanto a União Soviética tem a possibilidade de escolher a zona e o momento mais favoráveis para um ataque. Ele poderia vir de qualquer um dos dois flancos.

Com efeito, a armada soviética está desde há muito a concentrar o grosso das suas forças nos dois flancos da NATO no Báltico e mar do Norte, por um lado, e no Mediterrâneo por outro. Controlar, bloquear e interromper, estrangular a Europa Central, isolá-la da América do Norte e do golfo Pérsico é o objectivo prioritário da guerra naval soviética.

Para apoiar os planos expansionistas dos dirigentes de Moscovo, a frota soviética não tem cessado de crescer: foram construídas novas classes de cruzadores armados de mísseis, de “destroyers” e de escoltadores, bem como barcos anfíbios. Além disso, foi dada especial atenção à modernização interna de outros tipos de barcos.

Os programas de construção e de modernização têm sido dirigidos sobretudo aos barcos polivalentes, armados de mísseis e de guerra electrónica. De 1970 a 1975, elevou-se para o dobro o número de barcos de combate de superfície equipados com mísseis, o que significa que metade da frota está agora equipada

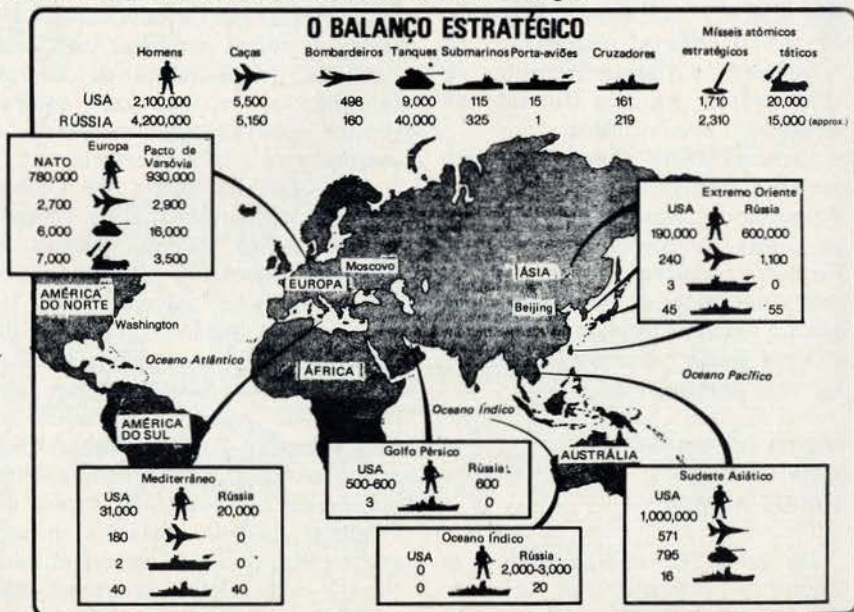
Portos e aeroportos soviéticos no Mediterrâneo e no mar Negro

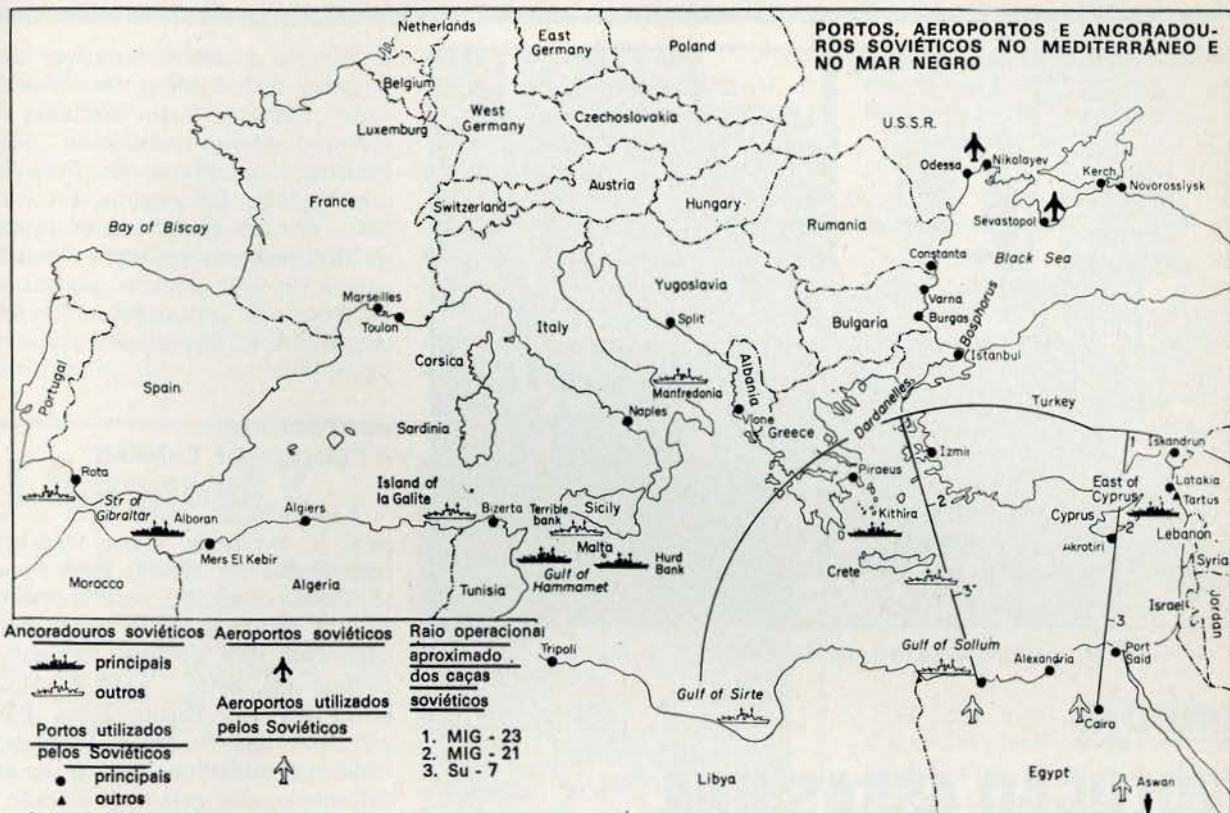
com aquele tipo de engenhos.

No que respeita à sua modernização, é de assinalar a introdução do novo cruzador da classe KARA, que apareceu no Atlântico pela primeira vez em Abril de 1973, bem como o “destroyer” da classe KRIVAK, o barco da sua classe mais pesadamente armado do mundo, e ainda o barco de uma nova categoria aparecido em 1968, o porta-helicópteros da classe MOSKVA, além da construção de uma série de porta-aviões. Do mesmo modo, mas ligado ao poder militar global, a marinha mercante e de pesca fizeram progressos importantes, sendo esta última a maior frota do mundo.

A MAIOR FROTA DO MUNDO

Foi nas forças submarinas, porém, que a potência naval e estratégica soviética se expandiu de maneira mais perigosa. Uma força submarina não é fenómeno novo na armada soviética. Nos anos 30, possuía já cerca de 300 submarinos que, no entanto, até fins dos anos 50, eram, na sua maioria, pequenos e consagrados à defesa costeira. Hoje, porém, a URSS possui uma frota maciça, a maior do mundo, composta cada vez mais por unidades de propulsão nuclear. De 1968 a 1973, este tipo de submarino mais do que duplicou,





O poderio militar dos dois blocos face a face. O Ocidente só está em vantagem no que respeita à Força Aérea

atingindo hoje cerca de 110 unidades — ou seja, um terço do total da força submarina soviética, a maior parte das quais equipadas com mísseis balísticos capazes de, imersos nas suas bem protegidas águas territoriais, cobrir praticamente a totalidade da frente terrestre da NATO. De 1964 a 1970, os meios industriais que permitem construir e reparar submarinos duplicaram. Por aqui se pode fazer uma ideia da importância que o militarismo soviético dedica a esta força.

Para servir os objectivos expansionistas, a frota soviética necessita de bases de apoio onde se recolha e abasteça e a partir das quais lançar os seus ataques.

Nos flancos da NATO, no mar do Norte, na região do estreito Fiord de Mourmansk, é onde os soviéticos concentraram a numericamente mais importante das suas quatro frotas. No entanto, é a da zona do Báltico, onde possuem estaleiros e bases de treinamento, o ponto de partida da expansão marítima de Moscovo. Estas duas frotas, em coordenação com a do Ártico, base onde têm concen-

trado forças navais, terrestres e aéreas em tais quantidades que se pode considerar o maior complexo militar do mundo, cercam a península da Escandinávia. De resto, esta península, bem como a linha Gronelândia-Islandia-Inglaterra, é já considerada por aquela superpotência como zona sua, como provam as actividades navais que aí desenvolve.

A frota do Mediterrâneo, que contava já em 1972 com um número nunca inferior a 35 unidades, indo por vezes a 75, ocupa um papel importante nos planos do Estado-Maior Naval Soviético. Uma vez obtido o acesso ao oceano Índico, formar-se-á uma cadeia estratégica ao longo das estradas do petróleo que partem do golfo Pérsico. Note-se que o esforço soviético de aumentar a sua presença no oceano Índico não tem só por motivação a sua estratégia anti-Ocidental mas, de igual modo, senão até principalmente, a sua estratégia antichinesa.

A partir do Mediterrâneo, podem vir também a ter a possibilidade de interferir no Atlântico Sul, que,

mesmo depois da reabertura do canal de Suez não diminuirá de importância como rota de abastecimento. O interesse dos soviéticos pelo Mediterrâneo explica as perturbações que se têm verificado nesta zona do globo, como por exemplo na Grécia, Turquia, Chipre, Malta e, mais recentemente, em Portugal.

Quanto ao seu interesse por Portugal, para além da estratégia mediterrânea e do Atlântico Sul, foi também motivada pela cobiça pelos nossos territórios coloniais e pelo controlo da rota do Cabo, a grande via marítima internacional a partir de Moçambique ou de Angola.

Militarmente, segundo os especialistas da NATO, a análise do desenvolvimento militar do Pacto de Varsóvia a partir de 1968 demonstra o aumento considerável do seu potencial militar e a sua concentração nas zonas que confinam com a NATO e com a China,

Decididamente a União Soviética, a superpotência que se diz socialista e mais fala de paz, é hoje aquela que mais se prepara para a guerra.

J.A.



Assim se morria (e continua a morrer) no Camboja

Camboja

REVOLUÇÃO ASSASSINA

É sobre cadáveres que os “Khmers” vermelhos constroem o novo Camboja. Doravante, é indubitável: esta revolução é assassina.

Todo o mundo fala nos massacres do Camboja, mas ninguém quer realmente acreditar. Nem os próprios cambojanos que a vitória dos “Khmers” vermelhos surpreendeu no estrangeiro.

Quatrocentos cambojanos estudantes e estagiários que se encontravam em França começaram, a partir de Abril de 1975, a regressar ao seu país apesar da imagem desanimadora dada pela Imprensa. Duas centenas de cambojanos deixaram Paris no mês passado. Como é que se pode admitir — disseram eles à partida, — que um povo que tão firmemente tem combatido as injustiças e desigualdades pudesse, alguma vez, instituir ou autorizar esses mesmos males?

No entanto, é indubitável que o Camboja revolucionário se constrói

sobre cadáveres. Porque os acusadores não são só intelectuais hostis ou funcionários do anterior regime; daqui por diante, serão camponeses, refugiados de fresca data, que também fazem testemunho. E todos os seus depoimentos, recheados de detalhes que não se inventam, conduzem todos à mesma terrível conclusão: entre a Tailândia, o Laos e o Vietname, uma população encontra-se escravizada, condenada aos trabalhos forçados e, por vezes, assassinada em nome duma ideologia que se propõe — velha ambição — criar “um homem novo”.

Por outro lado, é também preciso convencermos-nos de que Norodon Sihanouk, chefe de Estado até Abril último, se encontra prisioneiro em Phnom Penh. Senão, como explicar o silêncio que o envolve desde a sua demissão? Temendo pela vida, e não contando com o auxílio de organizações internacionais, os amigos do príncipe e os seus familiares decidiram intervir junto de quem lhes havia mostrado simpatia.

O presidente norte-coreano, Kim

Il Sung, o presidente argelino, Boumediene, e duas influentes personalidades francesas foram alertados. O próprio senador americano Mike Mansfield, presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros, foi abordado. Em boa verdade, os advogados de Sihanouk são realistas: a partida parece irremediavelmente perdida. O Camboja e o seu antigo rei deverão vergar-se à lei impiedosa desta revolução.

CONFRONTOS A “GOLPES DE CANHÃO”

Nada impede, porém, que se admita a existência duma tendência mais liberal em Phnom Penh e que se tenha esperanças nos resultados da sua acção. Recentes informações confirmam esta hipótese. Refugiados contam que, entre 7 e 14 de Abril, no sector de Phumi Thma Pôk, próximo da fronteira tailandesa, “Khmers” vermelhos rivais se teriam defrontado, “a golpes de canhão”. Segundo outras informações, a guarnição de Battambang ter-se-ia amotinado, o que teria levado cerca duma dezena de soldados a juntarem-se aos pequenos “maquis” do Oeste. No entanto, sabe-se muito pouco sobre a relação de forças existente no Camboja para poder tirar conclusões a partir de dados tão vagos.

É certa a existência de “maquis”. Dois jornalistas franceses, Jean-François Chauvel, da televisão, e Yves-Guy Bergès, do France-Soir, acompanharam guerrilheiros na floresta cambojana. Grupos anticomunistas combatem no mato e refugiados indicam que a população não ignora estas actividades. São esperados por toda a gente, diz, por exemplo, M.S. de 55 anos, chegado à Tailândia em 15 de Abril. Mas esta resistência é pouco numerosa (poucas centenas de homens, no máximo) e luta com grande escassez de armas.

Como é que uma tropa tão mal organizada consegue empreender uma luta tão determinada? A resposta é óbvia: nem as expulsões das cidades e aldeias nem a deslocação incessante de comunidades rurais, arrastadas dum lado para o outro ao longo do

país, nem os morticínios, desculpam ou justificam as loucuras e desmandos praticados.

Os "Khmers" vermelhos ao tomar o Poder vinham já com um programa preciso, que logo de entrada tinha sido previamente posto em prática durante a guerra nas "regiões libertadas".

E eles rapidamente trataram de instaurar um aparelho político e administrativo que iria permitir a um

punhado de homens (os "Khmers" seriam, diz-se, entre 100 000 ou 200 000) subjugar uma população de 7 milhões de almas (estimativa que data da queda de Phnom Penh).

O Camboja está submetido à Angkar, ou "organização" que acontece ser o partido comunista "Khmer". Na cúpula, Angkar Leu, a que os refugiados chamam "terra dos mortos", pois os cambojanos conduzidos para lá não regressam

mais. Na base: os quadros, educadores, encarregados, chefes de aldeia ou comandantes de distrito.

A Angkar apoia-se nas forças armadas e é com elas por modelo que progressivamente se vai organizando a sociedade "Khmer", segundo o parecer do "Khmerólogo" François Ponchaud, do "Exchanges France-Asie". Uma sociedade desembraxada dos militares e funcionários de Lon Nol, fuzilados, idealmente sem classes, e totalmente mobilizada para a reconstrução do país. Mas também (sabe-se através dos estudos de François Ponchaud e dos testemunhos publicados na Imprensa internacional) uma sociedade trémula de febre, aterrorizada por esbirros e espiada por crianças.

E Sihanouk?

Algumas semanas antes de deixar Pequim para Phnom Penh, o príncipe Sihanouk confiou a um embaixador ocidental: Enquanto for chefe de Estado, não arrisco nada. Depois... Ora Sihanouk demitiu-se. E depois de ter feito a despedida da cena internacional, em Abril último, deixou totalmente de se ouvir falar nele. Paralelamente, está-se sem notícias dos dois filhos que ele mandou vir, um de Moscovo e o outro da Coreia do Norte, para festejarem ao pé de si o primeiro aniversário da libertação.

Este silêncio originou estranhos boatos: Sihanouk está prisioneiro, diz-se, ou mesmo: Ele foi executado. Os representantes do FUNK na Europa desmentem estas atoardas. Tratava-se duma odiosa propaganda. Sihanouk é livre de sair do Camboja. Recebe até uma pensão de 2 mil dólares por ano.

Na verdade, a aliança dos comunistas com o antigo rei estava minada de desconfianças e rivalidades.

Assim, desde 1973, Sihanouk tinha, em particular, desaprovado os métodos radicais empregados nas "zonas libertadas" para "enquadrar" a população e, mais do que os próprios "Khmers" vermelhos, era sensível aos conselhos dos chineses, que recomendavam então a negociação. Na véspera da sua morte, Chu En Lai, que tinha colocado o príncipe sob a sua protecção, tinha advertido os dirigentes revolucionários: Guardai Sihanouk; o país não tem ainda consciência política; Sihanouk é que é a ligação entre o povo e a revolução. Sem ele o Camboja escapar-vos-á, e um dia os americanos voltarão. Os "Khmers" vermelhos não quiseram escutar o primeiro-ministro



Norodom Sihanouk

chinês. Sem dúvida, pensam que a autoridade é suficiente para substituir a legitimidade.

Sihanouk afastado — ou desaparecido — a depuração toca agora os "sihanoukistas", portanto membros da FUNK desde a sua fundação. Assim, o embaixador do Camboja na Jugoslávia, amigo pessoal de Sihanouk, foi chamado a Phnom Penh recentemente; alguns dias mais tarde, a sua mulher estava em Belgrado, expulsa da Embaixada por uma "nova" missão diplomática. E, com certeza, ignora de todo a sorte do seu marido.

UM INFERNO

A fome e a doença diziam os deportados, condenados a arrotear, a plantar arroz, a levantar diques, a escavar canais, "puxando 8 homens uma charrua, quando não há búfalo". N.B., de 19 anos, aluno finalista em Phnom Penh, levado à força para a região de Battambang, descreve este inferno: Às 4 horas da manhã, temos que nos levantar e ir juntar lama para fazer barragens. Às 10 horas, distribuem-nos quatro tigelas de sopa de arroz, com uma pitada de sal. Às 13 horas, recomeçamos a cavar. Às 17 horas, mais um pouco de sopa, seguidó-se um curto período de repouso, e de trabalho até às 22 horas. A maior parte de nós sofriamos de paludismo e de desintéria. Os "Khmers" vermelhos pretendiam que se tratava de uma "doença de espírito", ou seja, problemas de carácter psíquico. Aos doentes, cortaram-lhes a alimentação a metade... Muitos morreram. Os "Khmers" vermelhos mataram também alguns de nós, por se queixarem de falta de alimentação. Cerca de 100 pessoas morreram na construção desta barragem.

Depoimentos destes, há-os às centenas. E frequentemente piores, como o confirma (vid atrás) o plano de carnificina, reconstituído aqui segundo um "croquis" revelado por



Uma guerra violenta em que nem os mortos foram respeitados

um antigo habitante da região de Battambang.

Já ninguém pode ignorar estas atrocidades. Como explicar o mutismo da ONU? Porque abundam os pretextos para manietar a Comissão dos Direitos do Homem ou a Organização Internacional do Trabalho. Nenhum apelo lançado, nenhum inquérito ordenado. Porquê?

A razão é simples: a nova maioria que o Terceiro Mundo e os países socialistas constituíram na ONU selecciona com cuidado as suas condenações. Ora parece impossível mobilizar esta maioria contra o Camboja. Para quê, nestas condições, tentar seja o que for?

Os "Khmers" vermelhos podem assim, com toda a calma, prosseguir a sua revolução sangrenta. Tudo o que lhes é preciso evitar, é destruir a golpes de martelo os vestígios da Angkar. Porque esta infracção às convenções da UNESCO provocaria, para defesa dos templos, uma indignação que não se levanta para os vivos. ●

Itália

TUDO COMO DANTE DEPOIS DO GRANDE TESTE

A vitória numérica da Democracia Cristã italiana não significa, como se esperava, vitória política real. Renitente na sua decisão de não aceitar coligações com os comunistas no governo a formar, os democratas-cristãos enfrentam um fardo carregadíssimo, que nem os 30 anos que levam de chefia, em Roma, permitem considerar suportável.

De facto, os 4 por cento que a separa do PCI são margem estreita para que a DC possa pensar governar sem, pelo menos, a cooperação do terceiro partido mais votado — o Partido Socialista de De Martino. Mas acontece que, precisamente, os socialistas fizeram ponto de honra, durante a campanha, de que não tomariam assento em qualquer governo onde os

comunistas não estivessem. Deste modo, a DC governará sozinha. (Ou não — como não falta quem pense.) Por outras palavras, as eleições de 21-22 serviram apenas de teste. Não serviram de solução para os problemas que penosamente se arrastam numa Itália à beira do caos económico. Que teste e com que incidências, é a questão que ora se põe aos observadores mundiais



Zaccagnini: a vitória a prazo

RODAPÉ



horas para abandonar aquele País. O motivo teria sido um artigo em que o jornalista evocava a influência decisiva que os conselheiros cubanos exercem junto do governo de Luanda.

ORIGEM DA LÍNGUA BASCA. Permanecendo até agora desconhecida, uma equipa de etnólogos e filólogos soviéticos afirmou, recentemente, ser aquela língua de origem caucasiana. De facto, segundo aqueles cientistas, os arcaísmos, expressões coloquiais e entoações muito características, põem em evidência o parentesco muito próximo — uma única família idiomática, na qual o basco seria ramo separado de um tronco comum, em passado remoto.

RELAÇÕES COMERCIAIS COM A CHINA. Continuando a manter todas as reservas em relação à situação política portuguesa, a República Popular da China está, no entanto, disposta a abrir relações comerci-

ais com o nosso país, segundo informações dignas de todo o crédito. De facto, um cidadão português que mantém relações de amizade com aquele país comunista obteve, há dias, em Pequim, luz verde para, embora não oficialmente, em nome do Governo da R.P.C., poder tratar com as autoridades portuguesas no sentido de estabelecer relações comerciais entre os dois países.

PRISIONEIRO POLÍTICO NA URSS. Ao cabo de oito anos de prisão, dos quais três num campo de trabalhos forçados, o historiador ucraniano Valentin Moroz foi transferido para o "Instituto" Psiquiátrico de Serbsky — revelou recentemente a sua esposa. Moroz, que tem 39 anos, foi condenado, em 1970, a nove anos de prisão e cinco de exílio no interior do território soviético, por "nacionalismo ucraniano!"

OS ÁRABES LEVANTAM O EMBARGO contra a British Leyland. Esta Companhia inglesa pode, a partir de

agora, voltar a negociar livremente com todos os países do mundo Árabe, o que constitui um óptimo aumento do volume de vendas, numa altura em que os países industrializados se debatem na maior crise económica do pós-guerra.

OPTIMISMO NA ECONOMIA AUSTRIACA. Segundo um inquérito efectuado em fins do primeiro trimestre de 1976, pela Associação de Industriais Austríacos em colaboração com a Câmara Federal de Economia, em 140 empresas industriais inquiridas, 25 por cento classificaram de satisfatório o actual volume de vendas, em contraste com os 18 por cento do anterior inquérito, realizado em Janeiro último. Paralelamente, 23 por cento dos referidos industriais esperam que a tendência do desenvolvimento venha a acentuar-se, enquanto só 9 por cento receiam uma nova recessão.

MENOS UM CORRESPONDENTE EM LUANDA. No curto espaço de uma semana, o governo de Agostinho Neto expulsou três jornalistas do território angolano. Tratou-se, desta vez, do correspondente do "Times" de Londres, M. Stewart Tendler, ao qual foi dado o prazo de algumas

— pois que a relevância do que em Itália se passou transcende em muito o seu âmbito geográfico.

A GRANDE INCÓGNITA

A grande incógnita destas eleições permaneceu incógnita: as contradições do capitalismo e a solução política que Berlinguer avançava para o extremo caso italiano seriam ou não suficientemente poderosas para provocar uma inflexão de vanguarda em termos europeus? Para o dilema, haveria abertura real por parte de eleitores fortemente pressionados por forças conservadoras — nomeadamente a Igreja Católica e os grandes monopólios?

A resposta parece ter sido negativa. Como dizia um comerciante romano, interrogado por jornalistas estrangeiros, o voto regional vai sem reticências para os comunistas, mas a decisão nacional, essa, vai para a “law and order” tão cara aos americanos e aos que pelos americanos psicologicamente (ainda) se pautam. Portanto, a Democracia Cristã ganhou — e, com ela, a rotina do estável e do conhecido — mesmo quando estabilidade e terra conhecida significam instabilidade económica, flutuações políticas além do admissível, “impasse” e desconfiança.

A menos que...

... E aqui militam os argumentos que solidificam a grande incógnita que permanece: vai a DC ser capaz de se “revolucionar” ao ponto largamente prometido durante a campanha eleitoral e mais tarde reafirmada por Fanfani, logo após a divulgação dos resultados eleitorais? Por outro lado, vai o PCI ser capaz de, na oposição, vencer as reticências dos 4 por cento do eleitorado que lhe negaram a vitória?

Trata-se, evidentemente, de uma interrogação de fundo que só parcialmente se confirma ao circunstancial italiano. Na violência de uma era de mudanças essenciais, no arrasto de uma forte consciencialização política de massas, qual o figurino? A começar onde? De que forma? Esta, no fundo, a raiz de uma incógnita que as eleições italianas não dissolveram. Antes adiaram. E, com esse adiamento, radicalizaram.

AS PRESSÕES

Empolada para uma importância decisiva que nunca poderia ter, a presente consulta às urnas serviu, entretanto, para denunciar bastidores de pressão.

Houve escândalo quando, em 7 de Março de 1963, o Papa João XXIII recebeu, sorridente e afável, Alexei Adjubei, redactor-chefe da “Pravda” e sua mulher — filha de Khrushchev. Justificada com argumentos irrefutáveis, tais como os respeitantes à situação das comunidades católicas no

Leste europeu, essa “détente” iniciada pelo Vaticano havia de prosseguir, durante treze anos, por entre polémicas acesas e não raro amarguradas. Foi agora, num golpe espectacular, que Paulo VI deitou a perder a trajectória — e talvez mesmo muitos dos seus frutos. A proibição formal do voto católico nas listas comunistas denunciou subterrâneos de uma força já mal presentida.

De facto, se a decisão pontifícia houvesse de ser olhada à luz do Tratado de Latrão, e só assim, pouco haveria que dizer do senso (duvidoso)



Força de pressão: tentacular e cavilosa

de um chefe político cuja força factual é cada vez mais pequena. Mas os parâmetros são outros — e isso mesmo compreendeu o próprio PCI, cuja reacção foi pouco mais que prudente.

É que Paulo VI significa 665 milhões de católicos, significa poder capitalista metodicamente desenvolvido — mas sobretudo a organização de uma sociedade humana tentacular, disciplinada até ao autoritarismo, com uma força ideológica ferozmente coesa, a que nenhuma “dissidência” (e muitas têm sido ao longo da sua história secular) rouba a violência da decisão centralizada.

É este Paulo VI que surge na cena das pressões políticas. Com a solidez da doutrina. “Pode (...) acontecer que encontros de ordem prática (com movimentos históricos de finalidade económica, social, cultural ou política) sejam hoje, ou possam vir a ser considerados amanhã, verdadeiramente frutuozos” — lê-se na “Pacem in Terris”, pilar da “doutrina social da Igreja”. Mas a porta que assim se abre, estrangula-se no mesmo texto:

“(Mas) decidir se já chegou tal momento ou não (...) é problema que só pode resolver a virtude da prudência (...).”

Esta virtude aparece, logo depois, claramente identificada com “as directrizes da autoridade eclesiástica”, pois ninguém deve esquecer que competem à Igreja o direito e o dever não só de salvaguardar os princípios de ordem ética e religiosa mas ainda de intervir com autoridade junto de seus filhos, na esfera de ordem temporal, quando se trata de julgar da aplicação desses princípios aos casos concretos.” (Ibid.)

Mas não só a Igreja Católica assumiu papel frontal no condicionalismo da formação das opiniões eleitorais. Numa atitude algo desconcertante porque em pleno período de recuo estratégico face a Angola, os Estados Unidos ameaçaram exercer a represália de uma “revisão” da sua política europeia, caso o PCI triunfasse. Na mesma esteira, a NATO não aceitou com tranquilidade as promessas de Berlinguer, de que se não desligaria do bloco. E, finalmente, um certo “chauvinismo” idólatra pesou, a nível económico, quando um candidato cristão chamado Agnelli implicou o processo



Enrico Berlinguer secretário do PCI

Fiat nas regras previsões de uma vitória comunista.

Incapaz de formar nó coeso e convincente, o Partido Socialista Italiano viu-se seriamente desmembrado logo que os primeiros resultados foram conhecidos. O que, a nível europeu, terá repercussões junto do naipe do socialismo em liberdade: se é certo que o PC-Berlinguer não é o PC-Cunhal, nem por isso o PS-De Martino deixava de se atribuir um papel tão importante como, pelo menos, o PS-Soares. O empolamento dos dois partidos maiores fez arena rasa das restantes forças em presença. Inconciliáveis aqueles, manter-se-á o “impasse” interno e radicalizar-se-á a grande incógnita. ■

UM LIVRO SEMPRE ACTUAL!

factos e nomes
da ditadura salazarista

**BÔNUS ESPECIAL
COMEMORATIVO
DA FEIRA**

ESC. 62\$50
(DESCONTO DE 50%)

capitao
Fernando Queiroga

**PORTUGAL
OPRIMIDO**

EM LISBOA — «Stand» n.º 16



Distribuidora «O SECULO»

os que riem...



Ainda não há muito tempo, o ministro Almeida Santos figurava no nosso painel dos tristonhos. A impopularidade com que foi acolhido o projecto que recebeu o seu nome parecia ter feito desandar ligeiramente a roda da fortuna que tem patrocinado a carreira ministerial de Almeida Santos. Mas eis que a boa estrela do ministro se recompõe. Os diplomas que maiores protestos levantaram por parte dos trabalhadores do sector, a par do Sindicato e Conselho de Imprensa, acabam de ser aprovados em Conselho de Ministros e a Imprensa estatizada passará a funcionar de acordo com o conjunto de medidas propostas pelo ministro que tanta celeuma provocou quando as tornou públicas.

O futuro dirá se os moldes em que vai ser reestruturada a Imprensa estatizada conduzirá a um sucesso ou a um fracasso. Este último não é de excluir se as atribuições do órgão chamado Conselho de Informação se exercerem de forma que o que aí se entende por orientação ideológica funcionar como princípio de uniformização. Mas logo se verá. O que agora se está a ver é o sorriso de Almeida Santos que assinala mais um brilharete deste advogado que não está habituado a perder.

Na sua última passagem por Paris o major Melo Antunes proporcionou a Jean Daniel um motivo suplementar de admiração.

Num férvido editorial em *Le Nouvel Observateur*, dedicado ao nosso esforçado ministro dos Negócios Estrangeiros, aquele jornalista francês, ainda sob a influência do recente Festival de Canes, descobriu nos risinhos lábios de Melo Antunes a réplica do sorriso hollywoodesco de Henry Fonda.

Será caso para dizer-se que o terceiro-mundismo do major é finalmente recompensado, sendo-lhe reservado um lugar na Meca do cinema?

Mas não só Melo Antunes é contemplado pela lisonjeira comparação. Também em Berlinguer encontra Jean Daniel semelhança com o esmaltado sorriso do aristocrático pistoleiro dos "westerns".

Quem nos diria que o traço de união entre o nosso major e o famoso marquês comunista passaria pela dentadura cinematográfica de Henry Fonda!

Este senhor Jean Daniel sempre arranja cada fita! Mas ao menos Melo Antunes ri com o papel que lhe é distribuído.



...e os que choram

A esquerda independente deita lágrimas de gis. Não encontra candidato que satisfaça as necessidades da sua independência. Assim o afirma. No entanto, gis aqui, gis acolá cola-se ora à candidatura de Eanes ora à de Otelo, que bem podem dizer uma e outra: aqui gis.

Neste jogo do rapa, tira, põe e deixa, estar com todos significa estar com ninguém. Mas às vezes a unidade dos contrários não chega para os safar da catástrofe. E risços de gis não chegam ao céu.

Paráfrase: de lágrimas de gis estão as sepulturas cheias.



Já que muito se fala em escalada vem a propósito evocar o momento empolgante em que escalando um tractor, Vasco Gonçalves comoveu as massas em Avis. Ao extrair-lhes uma irrefragável emoção, o ex-tribuno de Almada verteu lágrimas agradecidas e copiosas.

Para completar o quadro sentimental "à portuguesa", digno de um Malhoa, ao lado do esfrangalhado orador achava-se o famoso fadista Carlos do Carmo.

Aguardamos assim que as lágrimas derramadas pelo inesquecível "companheiro" sejam postas em fado pela garganta progressista que todas as noites gorjeia no Faia.

Adivinha-se que o título desse futuro top será Fado Vasco.

O CONTRADICIONISTA



ACHO QUE DEVEMOS TODOS
VOTAR NO MAJOR FRATELO!
NO PODER POPULAR NA
SUA FORMA MAIS PURA!!



É CLARO QUE O CAMARADA
VAI VOTAR NO...

SERVIÇO NACIONAL
DE
EMPREGO

...NO CAMARADA
GANSO, COMO É
ÓBVIO, CAMARADA...

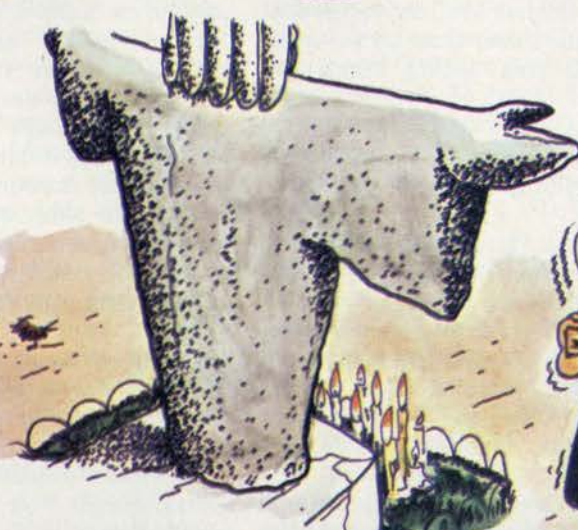


SE O ALMIRANTE CEDRO
DE AZEDO NÃO TEM ESPAÇO
POLÍTICO NÓS ABRIMO-LO!



QUE LÁSTIMA O NOSSO
CANDIDATO NÃO

SE APRESENTAR,
SR. DIRECTOR...



MEU DEUS! MEU DEUS!
FAZEI COM QUE O HOMEM
GANHE SENÃO A GENTE
FICA TODOS DE TANGA!



a la minuta



**ZECA
TROVADOR DE OTELO**

Ao princípio, foi Zeca (o Afonso) a dar o lamiré para o 25 de Abril com a sua "Grândola, Vila Morena". E foi glorioso. Depois foi Zeca (o Afonso) a alinhar bravamente com o seu PCP mas as coisas parece que correram mal lá pela António Serpa, houve uns equívocos e o famoso baladeiro de comfícios cunhalistas viu-se com as trouxas a caminho dos misteriosos raios da LUAR. Aí também baladou, ali pelas bandas de Setúbal, pelas cinturas alfacinhas com o seu mavioso e livre pio. Depois foi Zeca (o Afonso) a levar pão e cantos, a Tancos, à rapaziada das coincidentes insubordinações. Agora é Zeca (o Afonso) grandolando Otelos, de vila em vila, a louros e morenos com o evangelho fanhais.

Com tanto padre e cantor, a companha ainda acaba na sacristia.

MAIS DIOPTERIAS PARA PRADO COELHO

O plumitivo Eduardo Prado Coelho tanto tem enfronhado a erudita pupila em letras que já acusa alarmantes sinais de falta de visão. É o caso de ler nos

editoriais de Natália Correia em "VM" o que não está lá quando afirma que o programa de Eanes é ali acusado de "esquerdista".

Se, sacrificando o coquetismo, Eduardo Prado Coelho tivesse posto óculos para ler, não os editoriais, como diz, mas o único editorial em que se aludia ao teor do manifesto de Eanes, veria que este é, nesse editorial, considerado susceptível de satisfazer esquerdas. O que de resto imediatamente o acolhimento do manifesto pelos órgãos pêcêpistas veio comprovar.

Analisava-se pois uma situação com a devida objectividade que não levou tempo a concretizar-se.

Se isto é acusar de esquerdismo o programa de Eanes teremos de acusar Prado Coelho de quê? Se isto é direitismo, como grotescamente Coelho pretende insinuar, que nome daremos ao "esquerdismo" que levou Prado Coelho a definir Eanes como um insignificante cujo significado era a sua insignificância?

PÁGINA UM — FAGUNDES ZERO

Numa secção cujo título ao menos não engana — **Vale Tudo** é a denominação desse canto onde toda a golpada escrita vale — o jornal do sr. Fagundes, chamado "Página Um" deturpa de forma bastante consentânea com o estilo da secção uma notícia inserta em "VM".

Integrava-se esta no local onde damos o direito de rir a quem para tanto

tem motivos. Pareceu-nos que era este o caso do coronel Rafael Durão, restituído à liberdade por se ter provado não estar envolvido no pretense golpe de 11 de Março. Mas que se lê no tal "mentidero" da folha do sr. Fagundes? Que é "VM" que ri com a libertação do agente spinolista de 11 de Março.

Perante a inversão desta leitura, agora sim é que "VM" ri da divertida

folheca do sr. Fagundes, a qual, como incensadora do candidato Otelos, desonra os louros do laureado vate com tão baixo estilo.

É DE BRUTUS QUE ELAS GOSTAM MAIS

Aquele cartaz que cobre as paredes de Lisboa no qual Octávio Pato aparece penteadinho à galã dos anos 30, convencer-nos-ia de que o candidato do PCP seria o preferido, pelo menos, das cinquentonas.



Nada disso. Com cruel ingratidão para com aquele arranjo facial à Ramon Navarro as mulheres que outrora veneraram este galã, abandonam Octávio, despovoando as plateias onde a Comissão de Apoio de Mulheres à sua candidatura convocara as multidões femininas. Que se viu? Um dó de alma: no Teatro Vasco Santana, encontraram-se desoladamente sós poucas dezenas de matronas que ali acorreram para o afagar com o seu apoio.

Está visto que o candidato não satisfaz a condição feminina que, esquerda por esquerda, prefere os braços peludos de Otelos.

Octavius é abandonado pelas Cleópatras. Porque é de Brutus que elas gostam mais.

ASSOCIAÇÕES DIVIDIDAS

O projecto de constituição de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP) encontra-se num "impasse". Divergências políticas, em torno das candidaturas presidenciais e do controlo da futura associação nacional, levaram numerosas representações estudantis a abandonar um Encontro em Coimbra, onde a constituição da UNEP deveria ser estabelecida.

As eleições presidenciais e o futuro controlo da UNEP foram as causas directas dos incidentes graves que se verificaram em Coimbra, no passado dia 13, durante o Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA). Estiveram presentes cerca de 90 delegações estudantis, divididas em dois grandes grupos: pró e anti-Eanes.

No final, foi criada, por 42 votos a favor e nenhum contra, uma comissão encarregada de realizar um congresso pró-UNEP no fim do ano. Quando isto se passou, 41 delegações tinham já abandonado o ENDA, ao qual não reconheceram condições de funcionamento democrático.

VIOLENCIAS AO ALMOÇO

A mesa que orientava o Encontro era, de início, composta por defensores de Eanes. Nela figurava uma representação da Associação Académica de Coimbra (AAC), entidade organizadora. Todavia, forte contestação do grupo de delegações ligadas à UDP-MES-UEC e, com o voto favorável da AAC, levaram à sua substituição por outra mesa, composta por representantes destas correntes. Durante a manhã "não se passou do primeiro ponto da agenda", segundo a versão dos factos apresentada pela UDP. E os estudantes foram almoçar tarde, cerca das 14 horas, por grupos, a diversos restaurantes da cidade.

A violência, física e verbal, caracterizou o Encontro. Um estudante foi preso pela PSP (comandada pelo major

Lestro Henriques, que a UEC(m-l) acusa de proteger as acções da "Brigada Brehznev" em Coimbra) e vários outros ficaram feridos.

A acção das direcções estudantis anti-Eanes teve a ajuda, fora do edifício da Faculdade de Letras onde decorria o Encontro, de muitos partidários do major Otelo, nesse dia presentes em Coimbra para assistir a um comício de apoio a este candidato. Em diversos pontos da cidade, indivíduos portadores de autocolantes de apoio à candidatura de Otelo exerceram violências físicas, arrancando autocolantes pró-Eanes que muitos estudantes traziam nas camisas.

Um dirigente estudantil de Oeiras foi espancado e, quando o grupo de que fazia parte pretendeu telefonar para a PSP a pedir protecção, os atacantes comentaram: "Vejam lá se vos sai o major Lestro Henriques" — explica a UEC(m-l) no seu comunicado sobre o assunto. Tentativas de atropelamento, insultos, pancadaria, de tudo se queixam de ter sido vítimas as direcções associativas afectas ao MRPP, UEC(m-l), JC e JSD, durante o intervalo do almoço.

A facção contrária apresenta uma versão um pouco diferente destes factos. A UEC, com o intuito nítido de os minimizar, limitou-se a falar de "alguns incidentes provocados pelos neo-nazis do MRPP, acolitados pelos seus parceiros do CDS-PPD". Para a UDP foram "alguns grupos de estudantes que provocaram elementos da população partidários de Otelo". A

UDP justifica a prisão do estudante de Castelo Branco alegando que era portador de navalha e faca.

"Tudo se passou com o descarado apoio da direcção da AAC que, assistindo à agressão de que estavam a ser vítimas estudantes, durante o decorrer da própria reunião e ao ambiente terrorista, nada dizia. Fica bem visível — continua o comunicado do MRPP — a aliança que os dirigentes desta associação (afectos ao PS) selaram com os social-fascistas."

Não só o MRPP mas também a UEC(m-l) acusam a direcção da Associação Académica de ter colaborado com os estudantes afectos ao PCP. "Um membro da direcção da AAC — diz o comunicado da UEC(m-l) — teve mesmo o descaramento de propor aos dirigentes democráticos, como condição para voltarem ao local do Encontro, que tirassem do peito os autocolantes do general Ramalho Eanes. Este miserável militante da JS e fantoche dos sociais-fascistas — continua a UEC(m-l) — dizia que os autolocantes dos estudantes democratas eram uma "provocação" para os que usavam autolocantes dos sociais-fascistas Pato e Otelo."

METADE ABANDONA O ENCONTRO

Depois de almoço, diversas delegações chegaram atrasadas à sessão da tarde por causa dos incidentes em que se viram envolvidas com grupos de indivíduos, em comunicação com outros por meio de "walkie-talkies" — segundo nos referiram elementos ligados à JSD presentes no ENDA.

À porta da Faculdade de Letras, um grupo gritava "morte ao fascismo e a quem o apoiar" e procurava arrancar os autocolantes de Eanes, ao mesmo tempo que tentavam revistar os que iam entrando — foi-nos dito por uma fonte afecta à JSD. Esta mesma fonte explicou-nos que, tendo alguns dos estudantes perguntado se aquilo era democracia, lhes foi respondido, com ironia: "Aqui não precisamos de democracia! Basta o social-fascismo!"

A meio do dia, a delegação do Liceu D. Dinis decide "exigir às autoridades e à mesa do ENDA a garantia da integridade física dos dirigentes e

estudantes sequestrados; não participar no ENDA sem condições mínimas democráticas de funcionamento; convocar um novo ENDA para uma cidade onde existam as mais elementares liberdades democráticas”.

DECISÕES COMPREENSÍVEIS

À volta da sigla UNEP anda a desunião nacional dos estudantes. É preciso ter presente que o PCP, que está perdendo posições em muitos estabelecimentos de ensino, sobretudo secundário, não mostra grande interesse em que se constitua neste momento a UNEP. Isto é compreensível e explica as críticas da UEC à “pressa em constituir a UNEP que certas forças mostram ter” e o seu ponto de vista, segundo o qual não estão ainda “criadas as condições suficientes para a criação da UNEP”. A UEC acrescenta ainda que é preciso “evitar que a UNEP seja recuperada pela direita”.

Assim, no ENDA há pouco efectuada em Coimbra, depois de 41 direcções pró-Eanes terem abandonado o Encontro, 42 delegações aprovaram — por unanimidade — a criação de uma Comissão Organizadora da UNEP composta por 20 de entre elas. A Comissão deverá organizar um Congresso Pró-UNEP em Dezembro. É composta por elementos ligados ao MES-UDP-UEC-JS, o que mostra como, a nível

estudantil, a “maioria de esquerda” é já uma realidade.

Porém, as associações de estudantes não pertencentes a esta linha não aceitam, de um modo geral, as decisões aprovadas por 42 votos no ENDA e propõem-se realizar outro Encontro.

No Porto houve um encontro regional de associações estudantis que resolveu “desvincular todo o movimento associativo das propostas fantoches aprovadas na dita reunião, não lhe reconhecendo, obviamente, o carácter de ENDA”. A Reunião Inter-Associações da Região do Porto decidiu ainda eleger um secretariado provisório encarregado de contactar todas as associações do País para um novo Encontro Nacional.

Também a Juventude Centrista pretende a realização “a curto prazo de um novo Encontro Nacional, mais amplamente convocado” e a UEC(m-l) “apoia inteiramente a decisão das direcções democráticas de considerarem nulas e sem efeito todas as decisões emanadas do encontro-fantoches e a convocação de um novo Encontro Nacional de Direcções Associativas”. A UEC(m-l) “exige ainda que seja levantado um rigoroso inquérito ao comportamento de certos elementos da Polícia de Segurança Pública de Coimbra”.

● F.S.

número de inscritos de 300 em cada. Destes 1500, só 750 a 1000 continuarão mais tarde o curso de Medicina, indo os restantes para os referidos cursos paramédicos.

Mais estabelece o despacho, que a capacidade máxima do Hospital de Santa Maria é de 920 alunos e que, dos estudantes presentemente a frequentar o terceiro ano no Campo de Santana, só entre para o ano seguinte e para Santa Maria — uma vez que está assente que os Hospitais Cívicos não os aceitam — o número estabelecido como máximo de frequência daquele hospital, por cada ano.

Encontrado finalmente um número, desejado de há tanto tempo, não é lógico que embaixemos em arco, dadas as condições em que o mesmo foi determinado.

E assim porque, numa altura em que a degradação do ensino atinge o auge, em que o aproveitamento dos estudantes é diminuto, em que a necessidade de reestruturação dos cursos é mais que urgente, é estabelecido um “numerus clausus” sem praticamente se consultar os directamente abrangidos pela decisão, uma vez que apenas o Conselho Directivo da Faculdade de Medicina parece ter sido contactado, conforme notícia do último Boletim da Faculdade de Medicina de Lisboa, de 3 de Junho.

Além disso, a limitação de inscrição de alunos nas faculdades portuguesas deve obedecer não só às capacidades das escolas mas também às necessidades actuais do País em matéria de técnicos a formar anualmente.

O que, no caso específico de Medicina, é um problema a resolver e a definir com urgência mas também com objectividade e planificação.

Se assim não for, temos que o “numerus clausus” surja como medida arbitrária numa Secretaria de Estado moribunda, em vésperas de substituição, após as eleições de 27 de Junho.

E não encaremos a legislação como provisória por vir dum governo igualmente provisório. A problemas concretos temos sim que dar soluções o mais possível definitivas, assentes em bases realistas e que, a curto prazo, não tenham que ser revistas apenas por falta de planificação.

● F.G.

Universidade

NÃO ENTRA MAIS NINGUÉM

Por despacho de 12 de Maio, o secretário de Estado do Ensino Superior, eng. António Brotas, decidiu, finalmente, estabelecer o primeiro “numerus clausus” numa faculdade portuguesa.

Foi em Medicina, escola onde a aglomeração de alunos é mais flagran-

te, pelas nefastas consequências que pode significar, neste caso, um ensino deficiente.

Os números ficaram assim estabelecidos: dos actuais 2500 candidatos só entrarão, no ano lectivo 1976-77, o máximo de 1500 para o chamado “Tronco Comum”, que são os primeiros anos, comuns aos cursos médico e paramédicos. Estes 1500 distribuir-se-ão por 5 escolas, sendo, portanto, o



COLEÇÃO



**o valor estratégico
do governo das esquerdas**

um livro importante

A ALTERNATIVA DA ESQUERDA ITALIANA

PDUP / II Manifesto

INICIATIVAS EDITORIAIS

A VENDA
NAS LIVRARIAS

DISTRIBUIDORA
O SECULO

BALAIA

Penta Hotel

ALBUFEIRA / ALGARVE



TELS. 52681 A 52686 — TELEX 18298